

EMISSÃO Empresarial

BRASIL
PORTUGAL

6º Encontro de Negócios

As relações econômicas luso-brasileiras: oportunidades e desafios
16 de setembro de 2011 - Rio de Janeiro - Brasil

ANO 1 Nº 1 OUT. 2011
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**ABRA
PRESS**
AGÊNCIA BRASILEIRA DE IMPRENSA

energia[®] RJ



RIO DE JANEIRO.
Marca registrada do Brasil.
novoRJ.com.br



SOMANDO FORÇAS

Compromisso com as relações luso-brasileiras

É com muito orgulho que transmito a grande satisfação desta equipe envolvida na realização e organização do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal - As relações econômicas luso-brasileiras: oportunidades e desafios. Os esforços empreendidos pelos nossos profissionais tornaram possível este evento, que foi bem sucedido e avaliado positivamente pelo público presente.

Realizado no dia 16 de setembro de 2011, no Hotel J.W.Marriott, no Rio de Janeiro, o 6º ENBP contou com a presença de governantes e representantes do alto escalão de ambos os Estados, além de líderes empresariais e de associações de classe. Todos estiveram comprometidos em apresentar e colaborar para a concretização

das oportunidades de negócios e de investimentos bilaterais. As repercussões na grande mídia brasileira e portuguesa deram prova de que os temas tratados e os resultados obtidos, incluindo a parceria fechada entre os governos do Rio de Janeiro e de Portugal no setor de transporte público, foram de grande relevância.

Não obstante as boas relações históricas e o desejo dos governos em buscar acordos que facilitem as trocas comerciais, não conseguimos, ainda, alcançar toda a potencialidade existente entre os nossos

países. Contudo, há razões para estarmos otimistas em relação ao futuro. Dentro do contexto de conclusão do acordo União Europeia-Mercosul, a compreensão acerca da importância de ter Portugal como ponte para o Brasil na União Europeia é latente, da mesma forma que há o entendimento dos homens de negócios portugueses do protagonismo brasileiro para a entrada dos seus produtos no Mercosul. Caso o acordo entre em vigor, e esperamos que ele se concretize em breve, confirmar-se-ão as expectativas de que a melhoria no relacionamento bilateral trará grandes benefícios para as duas nações.

Dessa forma, apresentamos a Revista Missão Empresarial, que reporta todos os trabalhos desenvolvidos durante o encontro. Além das palestras dos convidados, o leitor terá acesso a entrevistas com executivos de empresas que atuam nos dois países e matérias que abordam as ações de investimentos e oportunidades para grandes negócios.

Nós, da Abrapress, manifestamos, por intermédio desta publicação, o nosso sentimento de dever cumprido, pois temos a máxima certeza de que o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal ajudou a fomentar o tão precioso debate em torno do comércio exterior brasileiro. O leitor poderá confirmar isso nas páginas que seguem.

Eduardo Teixeira



EDUARDO TEIXEIRA,
DIRETOR DA ABRAPRESS
CAPA: PROJETO DO MUSEU DO
AMANHÃ, UM DOS DESTAQUES
DA MODERNIZAÇÃO DO PORTO
DO RIO DE JANEIRO – PROJETO
PORTO MARAVILHA
(FOTO: DIVULGAÇÃO)



EMISSÃO Empresarial

REALIZAÇÃO

ABRAPRESS – AGÊNCIA BRASILEIRA DE IMPRENSA

PRODUÇÃO EDITORIAL

ABRAPRESS – AGÊNCIA BRASILEIRA DE IMPRENSA

EDITOR-EXECUTIVO

BRUNNO BRAGA

EQUIPE DE JORNALISMO

JANAINA TOSCAN (ENTREVISTAS)

KIZZY BORTOLO (ATA DA REUNIÃO DE CÚPULA)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

ESTOPIM COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA

(WWW.ESTOPIM.COM)

DESIGNER RESPONSÁVEL

MARIA EUGÊNIA DUQUE ESTRADA

EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM

ESTOPIM COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA

DESIGNER RESPONSÁVEL

MARIA EUGÊNIA DUQUE ESTRADA

FOTOGRAFIA

CHRISTINA BOCAYUVA

REVISÃO

ROSANE DE SOUZA

JORNALISTA RESPONSÁVEL

BRUNNO BRAGA (MTB 050598/00)

(BRCBRAGA@GMAIL.COM)

É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS
DESDE QUE CITADA A FONTE.



TEL: 55 21 2570 5854

www.abrapress.com.br

abrapress@abrapress.com.br

Produção e Organização



Apoio e Colaboração



Patrocínio



Apoio



Subsecretaria-Geral de Cooperação, Cultura e Promoção Comercial
Departamento de Promoção Comercial e Investimentos



Sumário

ENTREVISTAS

4 “O Brasil é hoje o sétimo maior investidor estrangeiro em Portugal”



6 Negócios em sintonia

8 O Rio de Janeiro vive um momento único



SESSÃO DE ABERTURA

10 Presenças de destaque

14 Oportunidade à vista

PANEL 1

16 Estratégia comercial em pauta



26 Mais informação para mais comércio

PAINEL 2

32 Comércio e desenvolvimento



REUNIÃO DE CÚPULA

43 Campo aberto para novos negócios



OPORTUNIDADES

46 Um projeto de R\$ 8 bilhões

48 Prefeitura do Rio cria Agência de Negócios



INVESTIMENTOS

50 Aviação brasileira além-mar

RELAÇÕES COMERCIAIS

52 Um acordo ambicioso

55 UE-Mercosul: uma relação promissora



ENERGIA

56 Tecnologia de ponta

57 Rumo à internacionalização

58 Investindo no Brasil

60 Apostando em Portugal

61 Centenário de conquistas



RELAÇÕES INTERNACIONAIS

62 Por um Rio de Janeiro mais globalizado



FINANÇAS

64 “O Brasil é uma prioridade para o banco Caixa Geral de Depósitos”



INFRAESTRUTURA

66 Eficiência portuária

68 O lema é modernizar



RESULTADOS

70 Repercussão na mídia

71 Uma parceria de R\$ 40 milhões



CONFRATERNIZAÇÃO

72 Descontração e bons negócios

“O Brasil é hoje o sétimo maior investidor estrangeiro em Portugal”

Rômulo Soares destaca o fluxo de investimentos entre Brasil e Portugal



ROMULO SOARES, DO CCPB, EM CONVERSA COM O GOVERNADOR DO RIO DE JANEIRO, SÉRGIO CABRAL

Presidente do Conselho das Câmaras Portuguesas de Comércio no Brasil desde 2008, Rômulo Alexandre Soares comemora os resultados recentes dos investimentos de empresas brasileiras em Portugal, tornando o Brasil o sétimo maior investidor no país europeu. No entanto, os desafios atuais consistem no aumento do comércio luso-brasileiro, ainda, segundo ele, pequeno frente às reais potencialidades. Soares falou sobre esse e outros assuntos referentes às relações bilaterais Brasil-Portugal. Acompanhe, a seguir, os principais trechos da entrevista

Qual é a função do Conselho das Câmaras?

RÔMULO SOARES - O Conselho dá total apoio às 13 câmaras instaladas no Brasil para que elas possam desempenhar de forma adequada o seu papel. E as câmaras, nesse aspecto, têm feito muito para que haja incremento nas relações entre Brasil e Portugal. Temos aí o exemplo da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Portugal do Rio, que comemora, em 2011, 100 anos, obtendo bons resultados, apesar das dificuldades. Da mesma forma, as câmaras portuguesas no nordeste brasileiro têm, também, tido um excelente trabalho.

Como o senhor avalia o ano de 2011 nas relações entre os nossos países?

RÔMULO SOARES - Nos primeiros seis meses de 2011, as trocas comerciais do Brasil com Portugal tiveram crescimento de 50% em relação ao mesmo período de

2010, registrando volume de US\$ 1,32 bilhão. Quanto a investimentos, temos boas notícias. O Brasil é hoje o sétimo maior investidor estrangeiro em Portugal. Isso demonstra que diversas empresas brasileiras, em diversos setores, estão acreditando em Portugal como uma plataforma de inserção na União Europeia. Esse é um dado importante, pois torna mais igual o fluxo de investimentos entre os países, uma vez que, historicamente, sempre houve mais presença de empresas portuguesas no Brasil do que no sentido inverso.

E como está o nível de investimentos portugueses no Brasil?

RÔMULO SOARES - No sentido inverso, Portugal continua a investir muito no setor de turismo, com grandes empresas como a Villa Galé e Pestana apostando não somente no turismo de lazer, como, também, no turismo de negócios. Em energia, há, hoje, investimento significativo por parte da Energias do Brasil, subsidiária da EDP (Energias de Portugal), assim como no setor de telecomunicações, com forte presença da Portugal Telecom no país. Ou seja, o fluxo de investimentos nos dois sentidos vai muito bem.

Qual é o papel do Conselho das Câmaras nesse processo?

RÔMULO SOARES - Em termos de projetos, conseguimos consolidar o que nós já vínhamos desenvolvendo nos dois últimos anos, no sentido de divulgar o espaço da língua portuguesa como meio adequado para os sócios das câmaras e em 2010 acabamos focando no acordo entre União Europeia e Mercosul, que é um outro importante instrumento que



ANTONIO CARRELHAS, PRESIDENTE DE HONRA DO CCPCB; ARLINDO VARELA, MEMBRO DO CPCIRJ; E RÔMULO SOARES

“Nos primeiros seis meses de 2011, as trocas comerciais do Brasil com Portugal tiveram crescimento de 50% em relação ao mesmo período de 2010”

poderá facilitar as trocas comerciais entre os dois países. A gente espera que Portugal possa ser plataforma competitiva e adequada, pela questão da língua e pela questão da proximidade entre os dois blocos regionais. Encomendamos, ainda, um estudo junto à Funcex para identificarmos o que Portugal e Brasil produzem e vendem no exterior e o que cada um compra do outro. Portugal tem competitividade internacional, mas o Brasil importa pouco os produtos portugueses, comprando similares de outros países. Precisamos, então, incentivar mais conhecimento para que consigamos alcançar o objetivo de fazer o nosso comércio crescer.

Como o CCPCB avalia a realização do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal.

RÔMULO SOARES – O encontro veio a des-

tacar o crescente intercâmbio comercial entre os países membros da União Europeia e Mercosul além de reforçar a necessidade de aprofundamento da relação econômica entre os blocos. Para além da firmada relação entre Brasil e Portugal, este encontro visou dialogar as possibilidades de negócios a partir de uma perspectiva global de cooperação internacional e troca de experiências e atuação em diversos mercados. Sede da Copa do Mundo 2014, o Rio de Janeiro recebe novo fluxo de investidores em infraestrutura, transporte, segurança, hotelaria, dentre outros, facilitando a cooperação empresarial e o desenvolvimento de novas parcerias.

Como o senhor acha que as câmaras portuguesas de comércio no Brasil podem atuar nas relações comerciais nesta época de crise?

RÔMULO SOARES – As câmaras luso-brasileiras têm realizado um grande serviço de promoção da cooperação entre Brasil e Portugal, na medida em que hoje se constituem na maior rede portuguesa em território brasileiro, dada a sua capilaridade e quantidade de sócios. Neste momento delicado da economia portuguesa, as câmaras portuguesas de comércio no Brasil podem trabalhar em conjunto com os governos de ambos os países. A



PERFIL

Nascido em Moçambique em 1971, Rômulo Alexandre Soares emigrou para o Brasil no início dos anos 80, após residir em Angola e Portugal. Além de sócio fundador da Câmara de Comércio e Indústria Brasil Portugal no Ceará, ele preside, desde 2008, o Conselho das Câmaras Portuguesas de Comércio no Brasil e é diretor da Sociedade Beneficente Portuguesa Dois de Fevereiro, em Fortaleza. Advogado, Soares é mestre em negócios internacionais, sócio da firma Albuquerque Pinto Soares Viera, e *off-counsel* da firma portuguesa Simmons & Simmons Rebelo de Sousa. O presidente do CCPCB também atua no campo acadêmico, sendo professor universitário na Faculdade Integrada do Ceará nas disciplinas de direito internacional e de relações internacionais.

intensidade e aproveitamento dessa relação depende de como o governo português entende o papel das câmaras de comércio. O nosso desejo é que as câmaras sejam alçadas à posição de mais destaque no cenário da política-diplomática e econômica portuguesa durante o ano de Portugal no Brasil em 2012.■

Negócios em sintonia

Governos do Rio e de Portugal acertam parceria durante o 6º ENBP



O GOVERNADOR SÉRGIO CABRAL, O PREFEITO DO RIO, EDUARDO PAES, O VICE-GOVERNADOR, LUIS FERNANDO PEZÃO, E AUTORIDADES PORTUGUESAS TRATAM DA IMPORTAÇÃO DE BONDES

“Aproveitei este encontro para falarmos de negócios entre Brasil e Portugal e dos nossos laços de amizade”

O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, foi presença de destaque no 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal. Antes da abertura oficial do evento, o governador teve uma reunião a portas fechadas com o ministro-adjunto de Assuntos Parlamentares de Portugal, Miguel Relvas, e com o ministro da Economia e do Emprego de Portugal, Álvaro Santos Pereira. O assunto principal tratado entre as autoridades presentes foi o possível investimento de uma empresa portuguesa na recuperação do

sistema de bondes do bairro de Santa Teresa, um dos principais cartões postais da cidade do Rio de Janeiro.

O apoio tecnológico no resgate deste patrimônio histórico carioca é apenas uma das múltiplas possibilidades de negócios que se abrem, atualmente, entre Brasil e Portugal. Após o encontro, o governador destacou a importância do evento para estreitar os laços entre os parceiros comerciais dos dois países. Acompanhe, a seguir, a entrevista concedida à Revista Missão Empresarial.

“As maiores empresas portuguesas investem no Brasil e, particularmente, no Rio de Janeiro”

Como o senhor avaliou a realização do 6º ENBP?

SÉRGIO CABRAL – Este foi um encontro muito importante, que solidifica as relações entre Brasil e Portugal. Há muito o que se aprofundar nessa relação de séculos, pois tem tanta força cultural, econômica e social. Hoje em dia, as maiores empresas portuguesas investem no Brasil, e, particularmente, no Rio de Janeiro. Por outro lado, cada vez mais as empresas brasileiras também investem em Portugal. Então, acho que encontros do tipo sempre são bons, pois podemos falar de negócios e promover troca de conhecimento.

Na conversa que o senhor teve com os representantes do governo português, foi possível definir alguma parceria mais concreta?

SÉRGIO CABRAL – Entreguei ao ministro Miguel Relvas a solicitação de apoio da empresa Carris de Lisboa para dar ao bonde de Santa Teresa o tamanho, a qualidade e a modernidade que ele merece ter. Eles conseguiram isso

em Lisboa. O bonde elétrico funciona muito bem e eles conseguiram se modernizar com tradição. É uma empresa estatal, por isso não há nenhum problema legal em fazer o convênio e contar com essa cooperação técnica. Então, vamos trabalhar para firmar mais esta parceria com o governo português. Nós temos a obrigação moral e cívica de retornar com este sistema com uma outra feição e com uma outra qualidade. Não só para os moradores do bairro de Santa Teresa, que tanto lembra os bairros portugueses, como para todo o povo brasileiro, que ama esse singelo serviço de transporte do Rio de Janeiro. O bonde vai voltar modernizado, com qualidade, com dignidade, e contando com a tecnologia dos Carris de Lisboa, dos elétricos de Lisboa, que, aliás, no passado, na década de 40, já administraram os bondes de Santa Teresa. Portanto, aproveitei este encontro para falarmos de negócios do Brasil e de Portugal, dos laços de amizade do novo governo que vem com tanta disposição para aprofundar as nossas relações econômicas, políticas e sociais, pois somos países irmãos. Este encontro foi bom para colocar essa solicitação que o ministro leva com ele.

Como o senhor avalia as atuais relações bilaterais entre Brasil e Portugal?

SÉRGIO CABRAL – Atualmente, temos empresas portuguesas fortemente envolvidas no setor financeiro, de óleo e gás, das telecomunicações, além dos setores tradicionais, onde Portugal sempre esteve presente. Hoje, nós temos tam-



CABRAL EM PRONUNCIAMENTO DURANTE A SESSÃO DE ABERTURA



O GOVERNADOR ELOGIOU A REALIZAÇÃO DO 6º ENBP

bém empresas brasileiras nos setores de finanças, de telecomunicações, do entretenimento e da infraestrutura, ou seja, estamos marcando presença em Portugal. Acho que nós temos que aprofundar muito isso. Uma das provas disso é o aumento do fluxo de pessoas nesse processo de aproximação. Hoje, companhias aéreas destinam quase uma centena de voos semanais para Portugal. O Rio de Janeiro tem o maior número de voos da TAP no Brasil, e a gente fica muito orgulhoso disso. Então, a

nossa obrigação, neste encontro, é buscar esse aprofundamento das relações políticas e institucionais. Às vezes isso se dá através de nichos muito singelos, e que são tão caros à cultura e ao patrimônio das nossas cidades, como é o caso dos bondes de Santa Teresa. Então, empresas como Carris de Lisboa, Galp, Oi, TAP, restaurantes, alimentos e serviços contribuem para desenvolver uma profunda agenda que este encontro certamente deu conta no desenrolar do seu trabalho. ■

O Rio de Janeiro vive um momento único



O PREFEITO DO RIO, EDUARDO PAES, CONVERSA COM O MINISTRO DA ECONOMIA E DO EMPREGO DE PORTUGAL, ALVARO PEREIRA

“O empresário português pode encontrar no Rio todas as condições para manter seu negócio”

Presente no 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal – “As relações econômicas luso-brasileiras: oportunidades e desafios”, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, mostrou que está muito satisfeito com os rumos do cenário econômico carioca. Segundo ele, os números deixam claro o clima de otimismo vivido pela cidade. “São cerca de R\$ 10 bilhões de obras em andamento. Tudo isso gera um ambiente favorável para as finanças”, disse Paes em entrevista exclusiva. Ele enfatizou, ainda, que o Rio está mais do que preparado para receber investimentos portugueses. “O Rio de Janeiro vive um momento único, com aumento em mais de cinco vezes na capacidade de investimento da cidade”. Confira, a seguir, toda entrevista concedida pelo prefeito.

O ano de 2011 vem sendo bom para a economia da cidade?

EDUARDO PAES – A cidade vive um momento único, que tem seus reflexos positivos na sua economia. A escolha do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos em 2016 e a Copa de 2014 contribuiu muito nesse sentido. Passamos a ser a vitrine do mundo e estamos trabalhando duro para aproveitar positivamente essa visibilidade. Criamos a Agência Rio Negócios para promover a cidade e atrair investimentos nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, estamos transformando a infraestrutura do Rio, com obras de mobilidade urbana e de recuperação de áreas degradadas – como a Região do Porto. São cerca de R\$ 10 bilhões de obras em andamento. Tudo isso gera um ambiente favorável para as finanças, principalmente diante de gestão eficaz das contas públicas – o que já garantiu à prefeitura do Rio o grau de investimento (*investment grade*) de uma das principais agências de classificação de risco do mundo, um empréstimo inédito com o Banco Mundial de US\$ 1 bilhão e o reconhecimento de ser uma das dez metrópoles que melhor reagiram à crise financeira mundial.

Qual foi a sua avaliação do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal realizado no Rio de Janeiro?

EDUARDO PAES – A prefeitura do Rio mostrou aos empresários portugueses que o momento é o de investir no Rio de Janeiro. A cidade vem superando problemas antigos, a qualidade de vida está melhorando, temos mão de obra qualificada, as grandes empresas brasileiras têm suas sedes aqui, enfim, o nosso governo

“O Rio de Janeiro tem toda a infraestrutura necessária para o turismo de negócios”

deixou claro que o ambiente é propício para iniciarmos um relacionamento duradouro e bom para todos.

Esta foi a segunda vez que a série – Encontro de Negócios Brasil-Portugal – realizou-se no Rio de Janeiro, o que demonstra a importância da cidade como receptora de eventos internacionais de grande porte. O Rio, além de ser destino do turismo tradicional, está se transformando em polo de atração de turismo de negócios?

EDUARDO PAES – O Rio de Janeiro tem toda a infraestrutura necessária para o turismo de negócios e esse segmento é importante para a economia da cidade, que tem rede hoteleira e centros de convenções disponíveis fora do período de grandes eventos, como carnaval e réveillon.

O senhor já esteve em contato com o empresariado português?

EDUARDO PAES – A prefeitura do Rio, através da agência Rio Negócios, discute com o grupo OnGoing novos investimentos ligados à infraestrutura. Para o Grupo Nelson Quintas apresentamos um panorama econômico da cidade e com a Eco-Oil e Quimitécnica Ambiente estamos discutindo a possibilidade de investimentos na área naval.

O que os empresários portugueses podem encontrar de vantagens para se instalarem e investirem no Rio?

EDUARDO PAES – O empresário português pode encontrar no Rio de Janeiro todas as condições para manter seu negócio, como estabilidade econômica e política, além de mão de obra qualificada e centros de excelência de produção de conhecimento. O Rio de Janeiro vive um



PAES: “A CRISE NOS PAÍSES CENTRAIS MOSTRA QUE OS PAÍSES EMERGENTES SÃO UM EXCELENTE MERCADO”

momento único, com aumento em mais de cinco vezes na capacidade de investimento da cidade e o alinhamento político entre as três esferas de governo: municipal, estadual e federal.

O senhor compartilha da opinião de que a crise nos países centrais pode oferecer boas oportunidades de negócios para os países emergentes, e, assim, beneficiar a economia da nossa cidade?

EDUARDO PAES – A crise nos países centrais mostra que os países emergentes são um excelente mercado e o Brasil tem destaque entre eles por sua economia e política estáveis e por sua posição de hegemonia na América do Sul.

Quais são os desafios existentes atualmente para que haja melhor desenvolvimento econômico do Rio?

EDUARDO PAES – O grande desafio é retomar a confiança dos grandes grupos econômicos nacionais e internacionais. O Rio de Janeiro viveu momentos difíceis, com o crescimento da violência urbana, a falta de entendimento entre os entes governamentais e com as crises econômicas que o país atravessou. Agora a cidade, graças ao trabalho incansável da prefeitura e do Governo do

Estado reduziu seus índices de violência e retomou áreas da cidade que eram dominadas pelo crime organizado. As três esferas de governo agora trabalham alinhadas, com muitas ações conjuntas em muitas áreas. E o Brasil retomou o seu crescimento econômico. Tudo isso contribuiu para que o Rio de Janeiro retomasse seu crescimento econômico e social.

De acordo com estudo publicado, recentemente, pela empresa de consultoria Mercer, o Rio de Janeiro está entre as 12 cidades mais caras do mundo. Até que ponto esse pode ser um fator inibidor de atração de investimentos para a nossa cidade?

EDUARDO PAES – Os preços de produtos e serviços seguem regras de mercado. O Brasil está com uma economia forte e a valorização do Real acaba provocando esse tipo de classificação. Isso é muito comum e não é impedimento para o crescimento econômico e social da cidade. Mas se você analisar bem a lista, estamos em 12º lugar. São Paulo está em 10º e há ainda cidades importantes como Tóquio, Genebra, Zurique e Hong Kong que estão na nossa frente. Londres e Paris também estão entre as 30 cidades mais caras do mundo. ■

Presenças de destaque

Nomes ilustres da política brasileira e portuguesa abrem o evento no Rio



DA ESQUERDA PARA DIREITA: PAULO E. SOUZA, JUAN VICTOR MONFORT, EMBAIXADOR ANTÔNIO DE ALMEIDA LIMA, EDUARDO PAES, RÔMULO SOARES, SÉRGIO CABRAL, ÁLVARO PEREIRA, LUIZ FERNANDO PEZÃO, RUBENS GAMA DIAS FILHO E PAULO F. M. FERRAZ

“Nos últimos 20 anos, tanto Brasil como Portugal conquistaram uma capacidade de fazer negócios muito eficaz e com muito mais compromisso”

SÉRGIO CABRAL
Governador do Rio de Janeiro

Reunindo centenas de pessoas no auditório principal do hotel J.W. Marriott, no Rio de Janeiro, o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal trouxe para a solenidade de abertura do evento nomes de peso no cenário político dos dois países. Os convidados que compuseram a mesa foram: o ministro da Economia e do Emprego de Portugal, Álvaro Santos Pereira; o governador do Rio de Janeiro, Sergio Cabral; o vice-governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão; o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes; o cônsul-geral de Portugal no Rio de Janeiro, embaixador Antônio de Almeida Lima; o diretor do Departamento de Promoção Comercial e Investimentos do Ministério das Relações Exterio-

res, ministro Rubens Gama Dias Filho; o encarregado de Negócios da Delegação da União Europeia no Brasil, Juan Victor Monfort; o presidente da Federação das Câmaras de Comércio Exterior, Paulo Fernando Marcondes Ferraz; o presidente da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, Paulo Elísio de Souza; e o presidente do Conselho das Câmaras Portuguesas de Comércio no Brasil, Rômulo Soares, que fez o primeiro pronunciamento do encontro.

..... Recorde no comércio

Soares inciou o seu pronunciamento enfatizando a importância do evento para que o fluxo de comércio luso-brasileiro cresça de forma sustentada. Ele lembrou a iniciativa do CCPCB na or-

ganização e no sucesso do *V Encontro de Negócios na Língua Portuguesa*, realizado na cidade de Fortaleza (CE), em 2009. “Em Fortaleza, eu tive oportunidade de dizer que o Conselho das Câmaras Portuguesas de Comércio sente-se totalmente à vontade em propor e participar do debate em torno do tema Acordo União Europeia-Mercosul. Mais do que estar à vontade, sentimos o dever de fazê-lo, com a finalidade de contribuir para legitimar Portugal como interlocutor privilegiado no diálogo intercomunitário”, disse Soares.

Ele ressaltou que o idioma comum representa uma grande vantagem no contexto do entendimento do mercado da UE, uma vez que informações sobre o acesso a esse mercado são compreendidas sem auxílio de intérpretes e outros custos de transação. Além disso, Soares disse estar otimista nas relações comerciais entre Brasil e Portugal. Para ele, apesar da crise internacional que insiste em permanecer, vários indicadores permitem assegurar que Brasil e União Europeia avançam no aprofundamento dos contatos comerciais, econômicos e sociais. “Os dados divulgados, recentemente, pelo MDIC, mostram que as trocas comerciais deste ano entre Brasil e UE registram recordes positivos”, disse Soares.

No caso específico de Portugal, Rômulo Soares informou que as exportações e importações entre este país e o Brasil cresceram mais de 50% em comparação com 2010, registrando, assim, um recorde histórico no co-



PLATEIA COMPARECEU EM PESO AO 6º ENBP



O PREFEITO DO RIO, EDUARDO PAES; E O GOVERNADOR DO ESTADO DO RJ, SÉRGIO CABRAL: MOMENTOS ANTES DE COMEÇAR O 6º ENBP

mércio. Apesar do resultado auspicioso em termos percentuais, ele considerou, entretanto, pequeno o volume de comércio bilateral, mostrando-se ainda muito longe do seu verdadeiro potencial. “O volume das trocas comerciais registrado entre Brasil e Portugal não alcança 1% das trocas comerciais do Brasil

com o resto do mundo. Conforme estudo realizado há dois anos pelo CCPCB, constatou-se que Portugal tem um enorme potencial não aproveitado de exportações para o Brasil”. De acordo com esse estudo, a participação portuguesa como fornecedora de produtos para o Brasil é de apenas 0,4% do total,

ao mesmo tempo que grande parte dos exportadores não portugueses está localizada em países que possuem tratamento tarifário semelhante ao aplicado aos produtos portugueses. “As câmaras portuguesas de comércio no Brasil estão contribuindo para alterar e melhorar essa realidade”, comentou. ▶



A importância do diálogo

Mas, enquanto no comércio bilateral verifica-se a necessidade de incremento nas trocas, Soares informou que no setor de investimento externo a realidade é mais animadora. Ele revelou que o estoque de capitais europeus no Brasil é expressivo em diversos setores da economia e várias empresas europeias passaram a ter no Brasil ativos relevantes nos últimos dez anos, tendo as mesmas empresas participado do processo de modernização do Estado brasileiro. “Sucedeu-se o mesmo com Portugal e o estoque de investimentos portugueses no Brasil supera hoje os US\$ 11 bilhões. O que não vemos no comércio exterior, vemos no investimento externo direto. Ele contribui para o desenvolvimento de setores econômicos em crescimento no Brasil, como as energias renováveis”, analisou.

Quanto às negociações sobre o acordo União Europeia-Mercosul, o palestrante lembrou que é preciso avaliar com cautela o que o acordo

de livre-comércio causaria em ambas as economias, em especial nos setores da agricultura, serviços e manufaturados. “Visto que o estágio de desenvolvimento de ambos os blocos é diferente, inclusive em âmbito intercomunitário, é importante considerar que um produto brasileiro importado por uma empresa portuguesa pode ser vendido sem dificuldade a qualquer outro país do bloco europeu. O mesmo não ocorre no Mercosul. Todavia, é importante o diálogo para a percepção das diferenças, a análise das ações de salvaguarda temporárias, compensatórias e mitigadoras apropriadas à proteção dos interesses razoáveis de ambos os blocos”, avaliou.

Em sua conclusão, ele afirmou que é preciso que ambos os blocos estejam atentos às necessidades de suas populações e comprometidos com o desenvolvimento sustentável de todos os países que integram o Mercosul e a União Europeia. “A promoção de um debate público so-

“Os dados divulgados, recentemente, pelo MDIC, mostram que as trocas comerciais deste ano entre Brasil e UE registram recordes positivos”

RÔMULO SOARES
Presidente do Conselho das Câmaras
Portuguesas de Comércio no Brasil

bre o acordo entre o Mercosul e a União Europeia é uma atitude correta da sociedade civil”, concluiu.

Rio empreendedor

O prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, fez o pronunciamento seguinte. Começando seu discurso com ênfase no progresso e desenvolvimento econômico alcançados pelo Rio, o prefeito disse que tanto a cidade quanto o estado do Rio conseguiram criar um clima amigável para o empreendimento. “Nestes momentos de turbulência econômica na Europa, o Brasil surge como uma oportunidade para a economia europeia, da mesma forma que ainda permanecem as oportunidades de negócios brasileiros no continente europeu. Portugal é a nossa porta de entrada na Europa e na África, em função da história da colonização portuguesa naquela região. Portanto, não tenho dúvidas de que essas relações têm que ser, cada vez mais, intensificadas”, disse, finali-

zando, assim, a sua participação e passando a palavra para o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral.

Aprofundamento nas relações

O governador teceu elogios à organização do 6º ENBP. Em um breve relato histórico, ele lembrou que a aproximação bilateral foi impulsionada, primeiramente, pelo processo de redemocratização portuguesa e, num segundo momento, pela redemocratização brasileira. “Ambos os países viveram longos períodos de autoritarismo que atrasaram muito as nossas sociedades. Nos últimos 20 anos, tanto Brasil quanto Portugal conquistaram uma capacidade de fazer negócios muito eficaz e com muito mais compromisso. Vemos, hoje, empresas portuguesas fortemente envolvidas no setor financeiro, de óleo e gás, das telecomunicações e, sem esquecer de mencionar, os setores tradicionais, nos quais Portugal sempre esteve presente. Por outro lado, temos, também, empresas brasileiras no mercado português, com destaque no setor financeiro, da comunicação, do entretenimento e da infraestrutura. Temos que aprofundar muito mais. A nossa obrigação neste encontro é buscar esse aprofundamento nas relações políticas e institucionais e, também, buscar nichos importantes para a cultura e patrimônio das nossas cidades. Podemos, então, desenvolver uma profunda agenda que este encontro, com certeza, dará conta”, concluiu o governador. ■

O nosso trabalho não é apenas produzir aviões.
É dar asas aos sonhos das pessoas.



Somos a Embraer, uma empresa multinacional brasileira do setor privado com atuação nos mercados de aviação comercial, executiva e sistemas de defesa e segurança. Há 42 anos desenvolvemos aeronaves com alta tecnologia agregada para tornar a experiência do voo cada vez mais segura e confortável. Já produzimos mais de cinco mil aeronaves, que estão em operação em 92 países. Nossa história de sucesso não seria a mesma sem a dedicação e o envolvimento das pessoas que atuam diariamente no desenvolvimento e aperfeiçoamento de nossos produtos, fazendo da Embraer uma das melhores empresas para trabalhar. O resultado de todo esse trabalho é confirmado novamente pela nossa posição no ranking Great Place to Work.



15^a
EDIÇÃO



ÁLVARO SANTOS PEREIRA DISSE QUE O BRASIL TEM SABIDO CONDUZIR A SUA ECONOMIA

“Embora tenha havido uma melhora nas relações comerciais entre os nossos países, Brasil e Portugal ainda não cumprem o potencial comercial e de investimentos”

ÁLVARO SANTOS PEREIRA
Ministro da Economia e
do Emprego de Portugal

Oportunidade à vista

Mesmo em crise, o ministro da Economia e do Emprego de Portugal comenta sobre as vantagens e oportunidades para empresas brasileiras no país

As oportunidades existentes para as empresas brasileiras no continente europeu são inúmeras. Mas, ter Portugal como parceiro faz-se essencial para dar início e melhor adequar-se às exigências e modelos de negócios existentes na zona do euro. Dentro dessa visão, o 6º ENBP convidou o ministro da Economia e do Emprego, Álvaro Santos Pereira, para proferir palestra na Conferência Magna do evento, cujo tema foi: “Portugal – Ponte entre a Europa e

a América do Sul”. O objetivo foi expor as potencialidades de ter investimentos em solo português para adentrar no mercado da UE.

Relação estratégica

O ministro iniciou sua apresentação elogiando o alto nível das relações Brasil-Portugal que, na sua avaliação, passam por um processo de “redescoberta mútua”. “Não me enganei quando escrevi que havia uma nova estrela no mundo econômico globalizado e que ela se chamava Brasil. O tão anunciado futuro do Brasil é hoje presente. O Brasil é um exemplo a seguir, não só pelos extraordinários índices de desenvolvimento econômico registrados na última década, mas, também, pela forma como tem sabido

conduzir e reduzir as desigualdades sociais. Todos nós temos que aprender com aquilo que o Brasil tem construído nos últimos anos”, considerou o representante do governo português. Para ele, Portugal e Brasil têm uma relação privilegiada, em função das proximidades culturais. “Pertencemos, acima de tudo, ao mundo da lusofonia. Por isso, existe um sentimento de mútuo pertencimento que devemos aprofundar. Nós achamos que navegar é preciso no mundo lusófono”, disse.

Ele informou aos presentes que os investimentos entre os dois países permanecem exíguos, apesar de todo o progresso visto nos últimos anos. “Nos últimos 30 anos, Portugal investiu € 27 bilhões no Brasil, sendo que em 2010

o total de investimento português em terras brasileiras foi de € 650 milhões. Por outro lado, o investimento brasileiro em Portugal tem sido bem mais modesto. Em 30 anos, o Brasil investiu apenas € 2,5 bilhões, ou seja, dez vezes menos. Mas, felizmente essa fraca corrente de investimentos vivida em três décadas começa a dar sinais de que está entrando numa curva ascendente. Nesse sentido, é importante referir que, nos últimos dois anos, o Brasil investiu tanto em Portugal como nos últimos 30 anos que precederam”, analisou o ministro.

Em âmbito comercial, o quadro atual mostra que ainda há muita margem para aumentar o fluxo. “Embora tenha havido uma melhoria nas relações comerciais entre os nossos países, Portugal e Brasil ainda não cumprem o potencial comercial e de investimento que existem entre as nações irmãs. Por isso, existe muito campo de ação para fomentarmos e acarinharmos as relações estratégicas e históricas que existem entre os nossos países”, disse.

Privatizações

O ministro comentou o fato de a Europa viver, atualmente, uma grave crise da dívida soberana. Os questionamentos sobre a validade de se investir no mercado português ganham força e, por isso, torna-se urgente a necessidade de se buscar a internacionalização de empresas portuguesas. “Este é o momento ideal para desenvolver parcerias de negócios e conduzir estratégias empresariais. Assim como o Brasil soube se reinventar com o audaz Plano Real, conseguiu sobreviver à crise financeira de 1998 e se destaca, hoje, como um importante *player* no cenário internacional, estou certo de que Portugal irá sobreviver a crise atual e viverá, dentro em breve, um novo ciclo de investimento e desenvolvimento”, assegurou.

Dentro dessa visão otimista, o ministro disse que o governo português entende que a turbulência financeira é uma oportunidade para que Portugal se reforme. “A saída para a crise demandará uma agenda de reformas que tornará mais saudável a economia portuguesa. Então, eu não tenho dúvidas de que Portugal sairá da crise mais dinâmico, mais produtivo e mais competitivo”, avaliou. Santos Pereira lembrou que para que tal tarefa seja possível, o governo português trabalha em alterações profundas na legislação do país nos âmbitos da atração para o investimento, da reestruturação de empresas e da legislação trabalhista, objetivando tornar Portugal cada vez mais competitivo e inovador. “Há quem veja na

crise europeia uma ameaça para países como Portugal. Não negamos que ela exista. No entanto, ao implementarmos um corajoso programa de reformas e ao fazermos todos os esforços para ultrapassar a crise atual, acreditamos que este momento difícil se tornará uma grande oportunidade. Tenho certeza de que conseguiremos ser bem sucedidos”, afirmou.

Segundo informou o ministro, o programa de privatizações será uma forma de abrir Portugal ao mundo e de tornar o país mais internacionalizado. “Contamos com o Brasil nesse processo. A privatização ocorrerá nos setores da indústria naval, aeronáutica, transportes, energia e construção civil. Temos um claro interesse em estarmos mais presentes aqui da mesma forma que queremos que o Brasil esteja em Portugal”, comentou.

Porta de entrada na UE

A posição cultural e geográfica privilegiada de Portugal também foi mencionada pelo ministro como fator determinante para que empresas brasileiras aportem investimento nesse país europeu. “Através da União Europeia, Portugal passou de um país de economia pequena para se tornar membro da maior economia do mundo, com mais de 500 milhões de consumidores. Aprofundamos radicalmente a nossa integração na rede de negócios, fortalecemos o enquadramento empresarial e passamos a ter acesso aos fundos estruturais do bloco, dando às empresas de Portugal maior potencial de alavancagem”, disse.



MINISTRO ÁLVARO PEREIRA CONCEDENDO ENTREVISTA A JORNALISTAS

“A saída para a crise demandará uma agenda de reformas que tornará mais saudável a economia portuguesa”

ÁLVARO SANTOS PEREIRA
Ministro da Economia e
do Emprego de Portugal

O ministro acrescentou que Portugal pode, ainda, servir como país parceiro para fazer investimentos no continente africano. “Além do mercado europeu, as empresas brasileiras podem, também, estabelecer parcerias estratégicas na África. Muitos empresários brasileiros já compreenderam que para entender melhor o mercado africano lusófono é necessário conversar com empresários portugueses que lá estão instalados há muito tempo. É importante ressaltar que o continente africano está crescendo economicamente. Sejamos, então, ambiciosos. Está em nossas mãos aproveitar todas essas sinergias entre os nossos países irmãos”, concluiu Santos Pereira. ■

Perfil

Ex-docente na Simon Fraser University, em Vancouver, no Canadá, Álvaro Santos Pereira assumiu o cargo de ministro em junho de 2011. Formado em economia pela Universidade de Coimbra, ele é colunista regular em várias publicações e tem diversos livros editados. Sua última obra foi “Portugal na Hora da Verdade”, na qual Pereira identifica as causas da atual crise que assola o país europeu. Para enfrentar os atuais problemas econômicos de Portugal, o ministro defende a redução dos gastos públicos, o respeito aos fundamentos econômicos para a diminuição do déficit orçamentário. Esta foi a sua primeira viagem ao Brasil como Ministro de Estado.





DA ESQUERDA PARA DIREITA: ANTONIO SARAIVA (CIP), LIGIA DUTRA SILVA (APEX), JUAN VICTOR MONFORT (UE), DEBORAH VIEITAS (CGB) E FRANCISCO MANTERO (ELO)

Estratégia comercial em pauta

Grandes expectativas de negócios dentro do Acordo Comercial UE-Mercosul

“A União Europeia é o maior investidor no Mercosul, totalizando um valor acumulado de € 167 bilhões”

JUAN VICTOR MONFORT
Ministro Conselheiro da
Delegação da UE no Brasil

Desenvolver estratégias voltadas para a melhoria dos canais comerciais entre o Mercosul e a União Europeia é tarefa a ser desempenhada com auxílio de órgãos de governos e das empresas. De fato, ao se buscar uma agenda comum que possa trazer benefícios mútuos, as populações dos dois blocos terão muito a ganhar com o desenvolvimento das economias. Dessa forma, o tema do painel *Os avanços, desafios e a agenda empresarial em torno do “Acordo União Europeia/Mercosul”* reuniu palestrantes que expuseram pontos pertinentes ao debate em torno do assunto.

O Ministro Conselheiro da Delegação da União Europeia no Brasil, Juan Victor Monfort, abriu os trabalhos do painel. De início, ele classificou o tema da sessão de bastante atual, sobretudo num contexto de crescimento moderado da economia mundial. “Cabe ao comércio o papel de impulsionador da atividade econômica”. Ele lembrou que esse debate já ocorre desde meados da década de 1990 no âmbito das relações entre Mercosul e União Europeia. “A origem das negociações entre União Europeia e Mercosul remonta o Acordo-Quadro de Cooperação de 1995, em que a gradual e recíproca liberalização do comércio constituía um dos objetivos a serem alcançados pelas partes. Posteriormente, em 1999, por ocasião da re-

alização da Primeira Cimeira União Europeia-América Latina, foi formalmente aprovado o lançamento das negociações União Europeia-Mercosul, sendo plenamente consagrado o objetivo de um acordo comercial entre as duas regiões”, afirmou o diplomata. Desde então, segundo Monfort, ficou reconhecida a importância do acordo para o incremento das trocas entre os dois blocos. “Não obstante a paralisação das negociações, as partes sempre estiveram conscientes do estímulo que o acordo tem para o crescimento da União Europeia e, também, para o desenvolvimento econômico ainda mais rápido do Mercosul”, analisou.

Em sua avaliação, o acordo contempla três grandes capítulos: político, cooperativo e comercial. De acordo com o diplomata, o capítulo político é ambicioso e importante. “A UE e o Mercosul compartilham muitos valores em termos de matéria política e de relações internacionais. Entre estes, quero destacar o estabelecimento do Estado de Direito, o respeito aos direitos humanos, a democracia, a supremacia do Direito Internacional e o multilateralismo nas relações internacionais. O acordo aspira institucionalizar o diálogo político já existente e reforça a nossa cooperação nos assuntos a que já me referi”, assinalou. Já no capítulo sobre cooperação, Monfort falou que os dois blocos negociantes estão comprometidos em procurar estabelecer, sob bases contratuais, o espírito cooperativo já existente em temas variados como meio ambiente, energia, educação. “Na atualidade, a UE desenvolve em conjunto com o Mercosul um programa de cooperação orçado em € 50 milhões, que cobre três grandes eixos: o apoio à institucionalização e à integração econômica do Mercosul, com ênfase à integração aduaneira; a promoção de um sistema integrado de normas sanitárias e fitossanitárias; o programa de monitoramento macroeconômico, que permite a cooperação entre os bancos centrais do Mercosul; e o projeto para a harmonização de normas técnicas e de proteção ao meio ambiente”, detalhou.

“A UE e o Mercosul compartilham muitos valores em termos de matéria política e de relações internacionais”

JUAN VICTOR MONFORT
Ministro Conselheiro da
Delegação da UE no Brasil



Por fim, em sua análise, o eixo de cooperação entre os blocos tem um forte componente social e educativo, sobretudo em relação ao processo de integração do ensino a distância e também do setor de audiovisual.

Quanto ao capítulo comercial, o diplomata enfatizou a complexidade existente nas negociações sobretudo quanto a temas considerados sensíveis para os dois blocos. “Essa complexidade se dá tanto do lado da política agrícola europeia quanto do lado da política industrial e de serviços do Mercosul. Em função da resistência desses setores, o processo de maior liberalização comercial tem sido revisado de forma frequente”, avaliou.

Monfort disse que as divergências de prioridades também representam um grande obstáculo para o acordo. Segundo o diplomata, em função de sua natureza abrangente e ambiciosa, o acordo deverá liberalizar a maior parte do comércio entre o Mercosul e UE com base nas regras existentes na Organização Mundial do Comércio (OMC), ainda que salvaguarde alguns itens sensíveis aos parceiros. “Temos, pela frente, uma agenda bastante extensa. Existem, todavia, outros interesses objetivos de natureza complementar que contribuem para a avaliação convergente em relação aos mecanismos do acordo”.

Multilateralismo

No nível das relações bilaterais UE-Mercosul, o diplomata destacou, em números, a dimensão das trocas comerciais e do investimento entre os blocos. “A União Europeia é o maior parceiro econômico do Mercosul, representando 21% do total do comércio do bloco sul-americano. Já o Mercosul é o oitavo maior parceiro da União Europeia, representando 2,7% do total de comércio feito pela UE em 2009. Hoje, tanto o Brasil quanto o Mercosul tem um volume de comércio com a UE que representa quase o dobro das trocas comerciais com os Estados Unidos”, revelou.

Mencionando o ambiente para investimentos, o palestrante considerou os últimos resultados bastante expressivos. “A UE é o maior investidor no Mercosul, totalizando um valor acumulado de € 167 bilhões, fazendo com que esse total seja maior do que os investimentos da UE na Índia, China e Rússia somados. E o reforço do investimento do Mercosul na UE é igualmente bem-vindo e desejado”, comentou. Ele acrescentou que as expectativas quanto ao avanço das negociações do acordo não servirão como um desincentivo para o multilateralismo, já que as relações globais exercem papel crucial para o comércio internacional e funcionam como motor do crescimento e desenvolvimento econômicos. ▶

O crescimento e dinamização das economias resultantes do acordo terão sustentação gerada pelo comércio e pelo investimento, traduzindo-se na criação de mais emprego e renda para a população. “Vivemos hoje um momento crucial, em que os efeitos perniciosos da crise financeira atual se fazem sentir nos dois lados do oceano Atlântico com intensidades distintas. Mas, não é a hora de baixarmos a cabeça. A construção e o sucesso da UE fizeram-se, também, pela derrubada das barreiras do comércio internacional, colocando as empresas de diferentes países num espaço mútuo de integração. É tempo de lançar mão dos instrumentos que dispomos para aprofundar a dimensão econômica que nos une e, assim, contribuir para o relançamento das nossas economias. Não devemos, todavia, subestimar as dificuldades, mesmo que estejamos próximos do momento de troca das concessões para a liberalização comercial”.

Ele reconheceu que as negociações ainda apresentam dificuldades diversas, mas disse acreditar no sucesso para a conclusão do acordo. “Essa interligação tem um valor estratégico para ambas as partes e justifica, por si só, uma reforçada vontade política que leve à sua conclusão com ganhos tangíveis. Por todas essas razões, a União Europeia e o Mercosul continuarão a trabalhar em conjunto para a conclusão das negociações, tendo em vista o desenvolvimento de soluções sustentadas capazes de responder aos desafios que temos pela frente”, concluiu.

Defendendo a iniciativa privada

O presidente da Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), Antonio Saraiva, foi o segundo palestrante do painel. Ele apresentou a instituição como a principal representante das empresas portuguesas. “Cerca de 90 associações fazem parte da CIP, incluindo as sete câmaras de comércio e indústria. Ela representa, portanto, todos os setores da atividade econômica do país, reunindo mais de 160 mil empresas, que empregam 1,2 milhão de trabalhadores e fatu-



SARAIVA CONSIDERA QUE O BRASIL É UM PARCEIRO ESTRATÉGICO NO DESENVOLVIMENTO DAS EMPRESAS PORTUGUESAS

“Os investidores internacionais apontam a situação geográfica central de Portugal no Atlântico como fator positivo”

ANTONIO SARAIVA
Presidente da Confederação
da Indústria Portuguesa (CIP)

ram perto de € 100 milhões, anualmente”, afirmou Saraiva.

O palestrante classificou a entidade que preside como defensora da iniciativa privada e da economia de mercado. “As empresas privadas não são só os autores da economia, mas, também, o principal fator de estabilização da sociedade civil. A CIP tem o dever de apontar os caminhos para a sociedade civil buscar soluções para seus próprios problemas. O emprego da maioria dos portugueses depende de empresas da iniciativa privada, e é também do esforço do trabalho e da criatividade de milhares de empresas nacionais que as exportações depen-

dem”, afirmou. De acordo com Saraiva, o crescimento da economia portuguesa está atrelado à forma sustentada, em um ambiente propício à atividade empresarial. “De outro modo, não conseguiremos vencer”, disse.

No campo social, Saraiva destacou o programa Fazer Acontecer, desenvolvido pela CIP. Trata-se de uma atividade de investimento multidisciplinar dentro da agenda de revitalização urbana. “Nas condições atuais, é uma ótima oportunidade para impulsionar o setor de construção civil, criar emprego e viabilizar negócios, através da reforma de estruturas existentes que se encontram subutilizadas. Estamos desenvolvendo em Portugal várias iniciativas neste setor, com o objetivo de reabilitar as cidades, requalificar os centros urbanos e recuperar edifícios degradados. As nossas estimativas indicam que, num período de 20 anos, iremos criar 500 mil postos de trabalho e contribuir com € 900 milhões/ano para o PIB português”, enfatizou.

Parcerias luso-brasileiras

Para o empresário, a *expertise* portuguesa no processo de revitalização de áreas urbanas para a realização de grandes eventos pode ser aproveitada pelo

Brasil, que prepara a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. “É nesse sentido que vamos propor a assinatura de protocolos com associações empresariais brasileiras, destinados a promover as sinergias necessárias e a valorizar os recursos já disponíveis”. Quanto ao processo de internacionalização das empresas portuguesas, Saraiva considera que o Brasil pode ser um parceiro estratégico para uma maior inserção de Portugal na economia mundial e globalizada. “Apesar da crise financeira internacional ter produzido impactos diversos em Portugal e no Brasil, verifica-se que ambos estão empenhados no processo de internacionalização da sua atividade econômica e de suas empresas. Neste duplo contexto, a atuação conjunta permite enfrentar os desafios da atual situação da economia mundial e da nova dinâmica de globalização, na qual o nível de concorrência é bem mais intenso, fazendo com que os blocos comerciais se movimentem e consolidem posições relativas através de estabelecimento de acordos bilaterais e multilaterais”, avaliou.

O presidente da CIP reafirmou a importância do enfrentamento do atual enquadramento econômico desfavorável, apostando nas vantagens competitivas da economia portuguesa para reforçar a internacionalização. “A CIP considera fundamental a definição de uma estratégia consolidada do país para o processo de internacionalização de suas empresas, que deverá ajudar Portugal, enquanto membro presente e na CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), no fomento da diversificação das nossas exportações, explorando as múltiplas oportunidades de negócios, que se abrem nas economias emergentes”. Segundo ele, em 2010, a UE representava 75% do volume total do comércio externo português. “Esta característica não se revela positiva na atual conjuntura em que os principais parceiros europeus de Portugal (Espanha, Alemanha, França e Reino Unido) apresentam desempenho econômico relativamente fraco”, afirmou.

Superar a crise

Saraiva também comentou sobre o programa de ajustamento financeiro português que visa, através de execução de reformas estruturais e de uma forte política de consolidação orçamentária, restabelecer os equilíbrios macroeconômicos e, por conseguinte, recuperar o crescimento da economia portuguesa. “Estamos convictos de que a Europa irá conseguir vencer as dificuldades, encontrando soluções inovadoras que assegurem as condições favoráveis ao investimento. Em termos empresariais, a escassez do financiamento tem sido a consequência mais negativa para o fraco nível de crescimento doméstico. Muitas empresas enfrentam esses desafios através de uma clara aposta em sua internacionalização”.

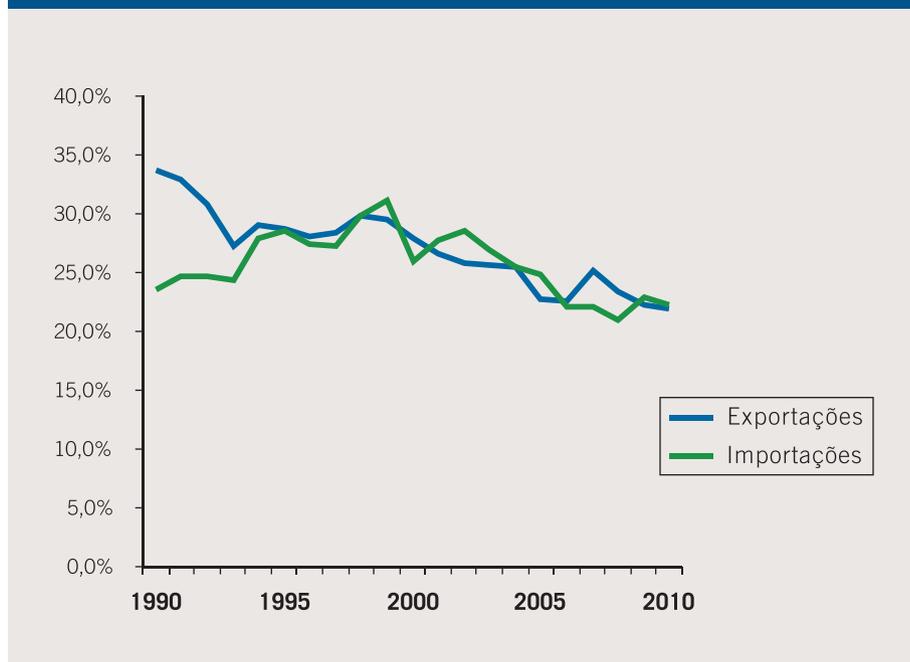
O empresário português lembrou que os investidores internacionais frequentemente apontam a situação geográfica central de Portugal na região atlântica como fator positivo, já que o país consegue ficar próximo do Mercosul, dos Estados Unidos, do México e da África. “A aposta nesta centralidade é concretizada na disponibilização e no funcionamento de infraestruturas que dire-

cionam o desenvolvimento econômico para as relações com o resto da União Europeia”.

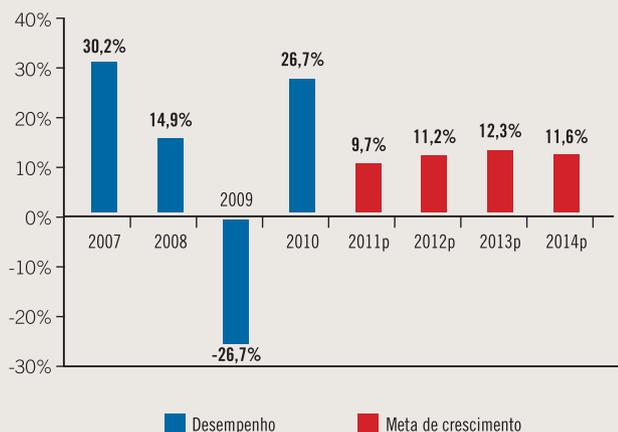
O presidente da CIP elogiou os setores de telecomunicações, de energia e de logística de Portugal, nos quais o nível de cobertura das infraestruturas é bem avaliado dentro do contexto europeu. Além disso, ele revelou que há grandes oportunidades nos setores de inovação, tecnologia da informação, energia, turismo, biotecnologia, saúde, serviços aeronáuticos, entre outros.

O potencial das relações bilaterais luso-brasileiras também foi ressaltado por Saraiva. Ele explicou que a escassez de financiamentos para empresas portuguesas no âmbito da UE, aliada à busca da internacionalização das empresas brasileiras acaba por fazer com que as privatizações previstas pelo governo português possam promover intensa aproximação no relacionamento bilateral. Segundo ele, a forte e repentina procura por recursos humanos pelas empresas brasileiras alia-se à disponibilidade de mão de obra do mercado português, seja na forma de contratação direta, seja através de prestação de serviços de apoio às empresas. “A língua e ▶

PARTICIPAÇÃO DA UE NAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS

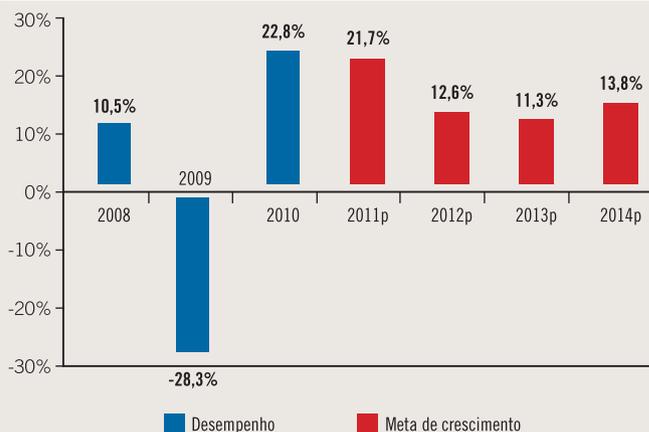


DESEMPENHO E META DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA A UE – 2008/2014

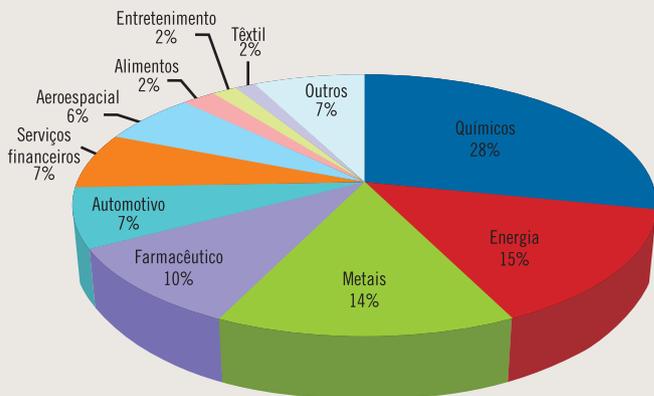


FONTE: MDIC/APEX-BRASIL ELABORAÇÃO: UICC APEX-BRASIL

DESEMPENHO E META DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MANUFATURADOS E SEMIMANUFATURADOS PARA A UE – 2008/2014



INVESTIMENTO BRASILEIRO DIRETO (IBD) ANUNCIADO NA UNIÃO EUROPEIA POR SETOR – 2003/2010



FONTE: FDI MARKETS ELABORAÇÃO: UICC APEX-BRASIL

a cultura em comum constituem fatores decisivos neste tipo de complementaridade”, salientou.

Neste cenário, o presidente da CIP observa que a agenda empresarial luso-brasileira pode ser analisada sob várias perspectivas. Ele relatou que as negociações para o acordo UE-Mercosul abrangem setores que passam por questões aduaneiras, de comércio de bens e serviços, do investimento, da regulamentação, da tributação, da concorrência pública, dos direitos de propriedade intelectual e resolução de litígios. “Num outro plano, a perspectiva UE-Brasil, que constitui um processo político no

qual se pretende desenvolver elos bilaterais, visa ao reforço do desenvolvimento econômico”, concluiu.

Promoção comercial

A palestrante seguinte foi a analista de Gestão e Negócios da Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), Ligia Dutra Silva. Ela iniciou a sua apresentação, informando aos participantes as funções e os objetivos da Apex para a promoção do comércio exterior brasileiro. “A Apex tenta abarcar toda a cadeia de produção e auxiliar as empresas brasileiras no processo de exportação e de internacionaliza-

ção. Temos cinco principais eixos que são: prestar informação qualificada das empresas brasileiras; qualificá-las para a exportação; promovê-las comercialmente, através de realização de missões, feiras e eventos; e ações de posicionamento de imagem e apoio à internacionalização das empresas brasileiras”.

Dentro desse foco, a representante da Apex disse que a agência, recentemente, deu início ao processo de abertura de escritórios comerciais fora do Brasil. Ela citou o escritório de Bruxelas, aberto em parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI). “O escritório tem um duplo objetivo: acompanhar as decisões políticas do Parlamento da Comissão Europeia, repassando essas informações para o empresariado brasileiro de forma mais qualificada; e, ao mesmo tempo, dar apoio de infraestrutura necessário para a empresa entrar no mercado europeu”.

A palestrante revelou que a participação das exportações brasileiras no mercado europeu está diminuindo. “Análises do setor de inteligência comercial da Apex apontam que tanto a participação dos produtos europeus no Brasil quanto dos brasileiros na Europa está em declínio. Isso não quer dizer que a quantidade de produtos vendidos tenha diminuído, mas na proporção total tem se verificado uma queda. Essa partici-

Nós transportamos mais
do que documentos e objetos.
Transportamos o bom nome
da sua empresa.



Soluções de confiança para sua empresa:
Encomendas - Logística - Serviços Financeiros - Exporta Fácil - Marketing Direto

“A Apex tenta abarcar toda a cadeia de produção e auxiliar as empresas brasileiras no processo de exportação e de internacionalização”

LIGIA DUTRA SILVA
Analista de Gestão e
Negócios da Agência de
Promoção de Exportações e
Investimentos (APEX)



LIGIA DUTRA SILVA REVELOU QUE A APEX FEZ UMA AVALIAÇÃO POSITIVA DA PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA UNIÃO EUROPEIA

pação tem sido substituída fundamentalmente pela China. Esse declínio traça um lado negativo para o Brasil, porque revela que a nossa participação no setor de produtos manufaturados e semimanufaturados, que têm alto valor agregado, não estão conseguindo entrar com força na UE”, analisou.

Apesar disso, Ligia Dutra Silva revelou que a Apex fez uma projeção positiva da participação brasileira no mercado europeu: após uma queda de participação das exportações brasileiras para a Europa em 2009, prevê-se um aumento em 2011, 2012 e 2013. “Ainda é um crescimento modesto em relação à real potencialidade. Mas, a perspectiva de aumento de vendas de manufaturados para a UE é maior do que para outros setores. Por isso, o nosso escritório em Bruxelas tem acompanhado de perto as negociações do acordo Mercosul-UE”, disse, acrescentando que, nos últimos anos, o volume de investimentos de empresas brasileiras na Europa aumentou, a despeito da crise. “Com o crescimento da economia brasileira, a tendência é que se aumente o investimento direto no continente europeu. No ano de 2010, o total de investimentos na Europa foi de US\$ 688 milhões, e o principal destino desse valor foi Portugal”.

De acordo com a análise da palestran-

te, o principal desafio no acordo Mercosul-UE é fazer com que o ritmo da liberalização acompanhe a capacidade de acomodação dos setores que vão ser envolvidos neste acordo. Da mesma forma, faz -se necessário trabalhar para que as oportunidades sejam benéficas para os dois lados. “Existe um estudo de avaliação de impacto de sustentabilidade comercial do acordo que diz que os seus resultados econômicos vão ser benéficos aos dois lados. A UE terá mais benefícios do que o Mercosul no setor de manufaturados e, por outro lado, o setor agrícola do Mercosul é o que vai apresentar mais ganhos”, disse, finalizando a sua participação.

Entrando na UE

Após a palestra da representante da Apex, a palavra ficou a cargo de Francisco Mantero, presidente da Direção da ELO – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Econômico e Cooperação. Ele iniciou o seu discurso destacando a importância do Acordo de Cotonu, firmado entre a União Europeia e outros 79 países da África, Caribe e da região do oceano Pacífico. No acordo, o mundo lusófono está representado por Portugal, pelos cinco países de língua portuguesa na África e Timor Leste (Pacífico). “Esse acordo reúne mais de 100

países e um orçamento de € 45 bilhões. Dos oito países membros da CPLP o Brasil é o único que não faz parte do Acordo de Cotonu, disse. O presidente da ELO disse que os empresários brasileiros podem, ao se instalarem em Portugal, usufruir das vantagens previstas no Acordo de Cotonu. “Ele facilita o acesso das empresas a investimentos no sistema *revolving fund*, orçado em € 4,5 bilhões, que financia projetos de empresas europeias na África, Caribe e Pacífico. As empresas brasileiras não têm acesso a esse fundo, em função da sua não participação no acordo”, explicou.

Financiamento

A última palestrante do painel foi Deborah Stern Vieitas, diretora-presidente do Banco Caixa Geral – Brasil. Ela expôs os movimentos realizados pelo grupo Caixa Geral de Depósitos no Brasil, em Portugal e no resto do mundo, enfatizando o papel das entidades financeiras existentes no Mercosul e na União Europeia que auxiliam o processo de crescimento econômico regional. São elas: as organizações multilaterais, que focam em investimentos de longo prazo; as agências de crédito à exportação; e os bancos comerciais e de investimento, que fazem financiamentos em diversos prazos. As OMs promovem assessoria



“O CGD simboliza muito bem as principais relações de Portugal. O banco tem uma atividade muito relevante em parceria com instituições multilaterais e com agências de crédito à exportação”

DEBORAH STERN VIEITAS
Diretora-presidente do Banco Caixa Geral – Brasil

ria financeira ligada a investimentos em diferentes países, permitem o acesso ao mercado de capitais nacional e internacional e, muitas vezes, participam como co-financiadores, junto com as organizações multilaterais, da promoção das exportações, utilizando até mesmo seus próprios recursos. Entre as instituições multilaterais de crédito existentes nos blocos, a executiva citou o Banco Europeu de Investimentos (BEI), o NIB (Banco de Investimento dos Países Nórdicos) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Em relação ao Caixa Geral de Depósitos, a executiva informou que o banco é a maior instituição financeira de Portugal e está presente em 24 países. “O CGD simboliza muito bem as principais rela-

Ações de promoção comercial a serem executadas pela Apex-Brasil na União Europeia no período 2011/2014

Ação	Descrição	Nº de ações
Feira Internacional	Evento onde empresários brasileiros expõem produtos e serviços exportáveis ao público visitante.	202
Mercado Foco	Ação Integrada das Unidades da Apex-Brasil que visa oferecer soluções aos diferentes níveis de clientes em mercados que apresentam oportunidades de negócios.	03
Projeto de Complexo	Evento de promoção conjunta de setores produtivos brasileiros sinérgicos com vistas ao fortalecimento da posição comercial brasileira em mercados estratégicos.	02
Missão Empresarial	Consiste na visita de uma delegação empresarial brasileira a determinado mercado com o objetivo de participar de agendas de negócios e visitas técnicas.	12
Prospecção de Inteligência	Evento em que analistas de inteligência comercial conferem in loco as oportunidades comerciais para exportadores brasileiros em mercados selecionados.	12
Projeto Imagem	Consiste na vinda de jornalistas e formadores de opinião internacionais com o objetivo de promover a imagem do Brasil como parceiro comercial.	05
Projeto Vendedor	Consiste na ida de empresários brasileiros aos mercados compradores para agenda de negócios com importadores locais.	12
Projeto Comprador	Consiste na vinda de compradores internacionais ao Brasil para agenda de negócios com empresários brasileiros.	15
Promoção em Ponto de Venda	Consiste em um conjunto de ações de marketing que são executadas em parceria com empresas varejistas, com vistas a aumentar a visibilidade e o consumo de determinado produto ou marca junto ao consumidor final no ambiente de compras.	18

ções de Portugal. O banco tem uma atividade muito relevante em parceria com instituições multilaterais e com agências de crédito à exportação”. A palestrante comentou, ainda, que o Caixa atua oferecendo garantias ou participando do *funding* nas operações de financiamento, possuindo, inclusive, linhas especiais de apoio à exportação. “Além desses produtos, o CGD está comprometido com a

internacionalização das empresas portuguesas, e, por intermédio de suas empresas de *private equity* e *venture capital*, investe cerca de € 500 milhões, auxiliando, também, as exportações das empresas. Em nosso país, temos o banco Caixa Geral-Brasil, que é um agente repassador de recursos do BNDES e que pode, portanto, dar apoio às empresas brasileiras”, assinalou. A representante do banco afir- ▶



“As empresas brasileiras instaladas em Portugal podem se beneficiar do Acordo de Contonu”

FRANCISCO MANTERO
Presidente da Direção da ELO

mou que a instituição financeira tem se direcionado no Brasil para atender setores onde o investidor português tem se destacado como: imobiliário, hoteleiro, logística e serviços.

A palestrante lembrou que empresas brasileiras podem se beneficiar da presença do CGD em várias partes do mundo. Uma vez que a instituição está presente no continente africano e na Ásia, regiões nas quais são verificados índices expressivos de crescimento econômico e grandes oportunidades de negócios, o banco pode agir como ente facilitador. “Aqui, no Brasil, o Caixa Geral tem foco em ser um motor de desenvolvimento dos negócios entre Brasil, Portugal e África. Somos um banco de atacado e de investimento que trabalha com grandes empresas brasileiras, portuguesas e espanholas. Trabalhamos também com investidores institucionais e pessoas físicas residentes no Brasil. Nós temos uma atividade de banco de investimento que consideramos ser de grande apoio para as empresas brasileiras interessadas no programa de privatização de Portugal”, finalizou a palestrante. ■

Presidente Dilma viaja a Bruxelas para a Cúpula Brasil-UE

No início do mês de outubro, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, esteve presente na 5ª Cúpula Brasil-União Europeia, na Bélgica, onde reiterou a preocupação com os impactos da crise econômica internacional. Dilma defendeu a parceria estratégica com o bloco como alternativa para amenizar os prejuízos causados pela crise. Ela destacou que o Brasil está disposto a colaborar com os europeus no que for necessário. Em outra frente, Dilma apresentou propostas para destravar um acordo de livre comércio entre Mercosul e União Europeia, cujas negociações foram suspensas em 2006.

Para a presidente, um dos mercados que deveriam ser abertos aos brasileiros na Europa é o setor de serviços. Porém, há resistências dos europeus, que temem a competição.

Ela lembrou, ainda, que o desenvolvimento sustentável não pode ser excluído da pauta de discussões. O assunto é o principal tema da Conferência Rio+20, que ocorrerá no Rio de Janeiro entre 28 de maio e 6 de junho de 2012. Será a maior conferência mundial sobre preservação ambiental, desenvolvimento sustentável e economia verde.

Paralelamente, Dilma tratou dos temas que interessam às negociações envolvendo Mercosul e União Europeia. Há articulações para que seja fechado, ano que vem, um acordo de livre comércio entre os dois blocos econômicos. Segundo especialistas, com o acordo, as possibilidades de negócios e de geração de empregos serão multiplicadas.

FOTO: ROBERTO STUCKERT FILHO / PR



PRESIDENTE DILMA DESEMBARCANDO EM BRUXELAS PARA CÚPULA BRASIL-UE



É por se inspirar em milhões de pessoas, que a Eletrobras se destacou entre os líderes mundiais na geração e transmissão de energia limpa e renovável. E isso só foi possível porque essas pessoas são brasileiras, como você, que confia e acredita em uma empresa capaz de fornecer energia ao Brasil inteiro. De acionistas a colaboradores, a Eletrobras é feita de pessoas diferentes com um sonho em comum: o de ser, até 2020, o maior sistema empresarial global de energia limpa. E para isso acontecer, a Eletrobras coloca cada um de nós sempre em primeiro lugar. Acesse o site e conheça a política de sustentabilidade da Eletrobras.

Sustentabilidade é saber que as pessoas e o meio ambiente são uma coisa só.

Sustentabilidade.
Uma palavra cada vez
mais fácil de entender
quando você conhece
o trabalho da Eletrobras.



EMBAIXADOR ANTONIO DE ALMEIDA LIMA, CÔNSUL-GERAL DE PORTUGAL NO RIO DE JANEIRO: “O PROBLEMA ATUAL DAS NOSSAS RELAÇÕES É A FALTA DE INFORMAÇÃO MÚTUA”

Mais informação para mais comércio

Desconhecimento mútuo desfavorece a aproximação entre Brasil e Portugal

“Não há informações atualizadas sobre a realidade de cada país. E o comércio bilateral sofre, naturalmente, desse defeito. A corrente comercial não representa nem a relação histórica nem o potencial que existe e que foi bem exposto pelos palestrantes”

O cônsul-geral de Portugal no Rio de Janeiro, embaixador António de Almeida Lima, foi convidado para proferir a palestra de encerramento da primeira parte do 6º Encontro de Negócios.

O diplomata classificou como muito interessantes as exposições feitas durante os trabalhos realizados no período da manhã. Para ele, as abordagens desenvolvidas pelos representantes de instituições governamentais e privadas da relação econômica bilateral e multilateral deram uma perspectiva abrangente naquilo que é oferecido aos agentes econômicos que promovem a relação econômica luso-brasileira. No entanto, ele observou que a realidade das relações

Brasil-Portugal não é tão otimista, sobretudo em função da falta de conhecimento das conjunturas econômicas nos dois países. “Estou há cinco anos no Rio de Janeiro e posso sintetizar que o problema atual nas nossas relações é a falta de informação mútua. Não há informações atualizadas sobre a realidade de cada país. E o comércio bilateral sofre, naturalmente, desse defeito. A corrente comercial não representa nem a relação histórica nem o potencial que existe, como bem expuseram os palestrantes”, considerou.

Ele destacou, no entanto, o importante papel da comunidade portuguesa para a manutenção do comércio entre os dois países e que foi, segundo Almeida Lima, o sustentáculo nessas relações. “É bom lembrar que, no final do século XIX,

mais de 50% do comércio brasileiro estava nas mãos dos portugueses, assim como mais de 70% do capital que circulava na praça. Isso significa, do ponto de vista histórico, que a presença portuguesa no Brasil, nos setores do investimento e do comércio, foi, até muito tarde, profícua. Mas, ao longo do século XX, essa participação foi decaindo, pois a economia brasileira cresceu e buscou novos parceiros comerciais, contribuindo, assim, para o comércio do País. Hoje, o comércio bilateral Brasil-Portugal é de apenas 20% daquilo que Portugal tem com Angola”. No entanto, o diplomata reconheceu que, nos últimos 15 anos, os investidores portugueses avançaram para o mercado brasileiro, aproveitando as grandes oportunidades, sobretudo no processo de privatizações realizadas recentemente no Brasil. “O que é mais interessante é que entre o final do século XX e início do século XXI, empresários portugueses mostraram para os brasilei-

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: ANTONIO DE ALMEIDA LIMA DEFENDE MAIS INTERCÂMBIO ESTUDANTIL

ros o quanto são capazes de apresentar propostas novas que não são apenas o comércio do bacalhau e do azeite”, disse. Ele elogiou, ainda, o aumento do investimento brasileiro em Portugal e previu que com o processo de privatizações do país europeu a tendência é que o fluxo de investimentos brasileiros aumente ainda mais. “Espero que esse programa de privatizações tenha o mesmo sucesso que teve no Brasil”, afirmou

O crescimento do intercâmbio uni-

versitário foi outro ponto destacado por Almeida Lima em sua palestra. De acordo com o diplomata, cada vez mais estudantes portugueses procuram fazer períodos de sua formação no Brasil, da mesma forma que muitos estudantes brasileiros estão procurando as universidades portuguesas para graduação e pós-graduação. “No campo educacional, estou muito satisfeito, porque a juventude está aproveitando as oportunidades que estão surgindo. ■



EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL NA GESTÃO AEROPORTUÁRIA

A ANA é um grupo empresarial com 33 anos de experiência no planeamento, construção, desenvolvimento, operação e gestão aeroportuária. Estamos presentes em mais de 20 aeroportos em Portugal e na América Latina.

Com uma forte aposta na inovação, desenvolvemos processos e tecnologias que tornam mais eficiente e seguras as operações nos aeroportos. Para que sejam, cada vez mais, motores de riqueza e desenvolvimento.



ANA Aeroportos de Portugal

Damos vida aos aeroportos.

Câmaras Portuguesas no Brasil

CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO NO BRASIL – BAHIA

Presidente: Antônio Coradinho
E-mail: presidenteba@brasil-portugal.org.br
Tel.: 55 71 2103-8073
Rua Fonte do Boi, 216 – Loja F
Hotel Pestana – Rio Vermelho
CEP: 41940-360, Salvador – BA

CÂMARA BRASIL PORTUGAL – CEARÁ Comércio / Indústria / Turismo

Presidente: Jorge Duarte Chaskelmann
E-mail: Jorge.chaskelmann@aquiraz.com
Tel.: 55 85 3261-7423
Av. Barão de Studart, 1980 – 2º andar
Ed. Casa da Indústria – FIEC – Aldeota
CEP: 60120-901, Fortaleza – CE

CÂMARA BRASIL-PORTUGAL – DF Comércio / Indústria / Turismo

Presidente: Fernando Pedro de Brites
E-mail: diretoria@futuramoveis.com.br
futura@futuramoveis.com.br
Tel.: 55 61 3225-6630
SCLS 302 Bloco B Loja 22
CEP: 70338-520, Brasília – DF

CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO NO BRASIL – MG

Presidente: Fernando M. Ribeiro Dias
E-mail: presidente@camarabrasilportugal.com.br
secretaria@camarabrasilportugal.com.br
Tel.: 55 31 3213-1557
Av. do Contorno, 4520 – 7º andar –
Funcionários, CEP: 30110-916
Belo Horizonte – MG

CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO DO BRASIL – PARÁ

Presidente: Reginaldo Ferreira
E-mail: camaraportuguesa-pa@acp.com.br
reginaldoferreira@veloxmail.com.br
Tel.: 55 91 3250-1085
Trav. Quintino Bocaiúva, 1588
Ed. FIEPA – Bloco A – 2º andar
CEP: 66035-190, Belém – PA

CÂMARA BRASIL-PORTUGAL – PARAÍBA Comércio / Indústria / Turismo

Presidente: Antônio Manoel Soares de Almeida
E-mail: almeida-almeida@bol.com.br

camarabrptdoestadodaparaiba@gmail.com
Av. João Machado, 310 sala 102
Ed. Empresarial Monte Carlo – Jaguaribe
CEP: 58013-520, João Pessoa – PB

CÂMARA DE COMÉRCIO BRASIL-PORTUGAL – PARANÁ

Presidente: Antônio Francisco Corrêa Athayde
Presidente Honorário: José Martins Brandão
Coelho
E-mail: camarabrptparana@gmail.com
sec.cpcpr@gmail.com
Tel.: 55 41 3027-3303
Rua Dr. Faivre, 123 – Centro
CEP: 80060-140, Curitiba – PR

CÂMARA BRASIL-PORTUGAL – PERNAMBUCO

Comércio / Indústria / Turismo
Presidente: Armênio Ferreira Diogo
E-mail: faleconosco.pe@brasilportugal.org.br
Tel.: 55 81 3221-8571/ 3223-8802
Rua da Aurora, 1225 – 1º andar – Santo
Amaro
CEP: 50040-090, Recife – PE

CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA DO RIO DE JANEIRO

Presidente: Paulo Elísio de Souza
E-mail: atendimento@camaraportuguesa-rj.com.br
Tel.: 55 21 2533-4189
Av. Graça Aranha, 1 – 6º andar – Centro
CEP: 20030-002, Rio de Janeiro – RJ

CÂMARA BRASIL-PORTUGAL DO RN Comércio / Indústria / Turismo

Presidente: Sílvio de Araújo Bezerra
E-mail: silvio@ecocil.com.br
Tel.: 55 84 3206-5362

Rua Raimundo Chaves, 2182 sala 101
Empresarial Candelária – Bairro Candelária
CEP: 59064-390, Natal – RN

CÂMARA BRASIL-PORTUGAL – RS Comércio / Indústria / Turismo

Presidente: Joaquim Firmino
E-mail: presidencia@ccbp-rs.org.br
secretaria@ccbp-rs.org.br
Tel.: 55 51 3221-1274
Rua Andrade Neves, 155 Conj. 134
CEP: 90010-210, Porto Alegre – RS

CÂMARA BRASIL-PORTUGAL – SC Comércio / Indústria / Turismo

Presidente: Cristiano Braga
Presidente honorário: Maurício Aristóteles Freitas
E-mail: cristianopbraga@gmail.com
mauricio@ponto-brasil.com
Tel.: 55 48 3365 8600 / 55 51 3279-3568
Florianópolis – SC

CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO NO BRASIL – SP

Presidente: Manuel R.T. de Almeida Filho
E-mail: mfilho@camaraportuguesa.com.br
Tel.: 55 11 3340-3333
Av. Liberdade, 602 – 2º andar
CEP: 01502-001, São Paulo – SP

CONSELHO DAS CÂMARAS PORTUGUESAS DE COMÉRCIO NO BRASIL

Presidente: Rômulo Alexandre Soares
E-mail: secretaria.conselho@brasilportugal.org.br
Tel.: 55 85 3082-5734
Av. Santos Dumont, 2828 – sala 701 –
Aldeota
CEP: 60150-160
Fortaleza – CE
www.brasilportugal.org.br



Conselho das
Câmaras Portuguesas
de Comércio no Brasil

BRASIL PORTUGAL

6º Encontro de Negócios

As relações econômicas luso-brasileiras: oportunidades e desafios

16 de setembro de 2011 - Rio de Janeiro - Brasil

OBRIGADO

A TODOS QUE FIZERAM DESTE ENCONTRO UM SUCESSO!

Produção e Organização:



Apoio e Colaboração



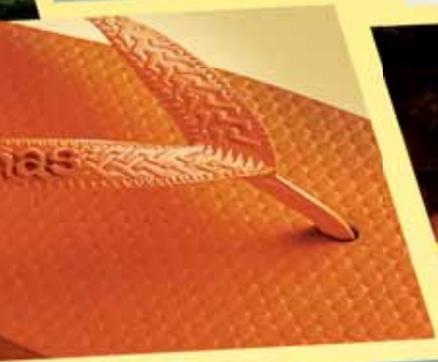
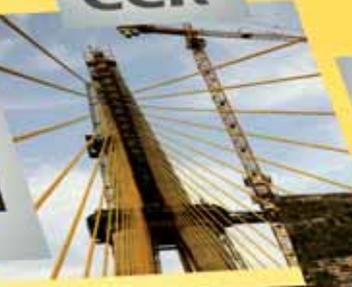
Conselho das
Câmaras Portuguesas
de Comércio no Brasil

Patrocinadores



Apoio







DA ESQUERDA PARA DIREITA: MAURICIO DO VAL (MDIC), LUIS BRITES FLORINDO (AICEP), ISABEL ABOIM (CGB), JOAO TABAJARA (MRE), MARCIO S. FORTES (MULTITERMINAIS), FABIO M. FARIA (AEB)

Comércio e desenvolvimento

Dados apontam os avanços no campo de negócios entre Brasil e Portugal

“É bom explicar que, em relação ao comércio exterior de serviços, há um elemento grave de dificuldade, que é a falta de visibilidade”

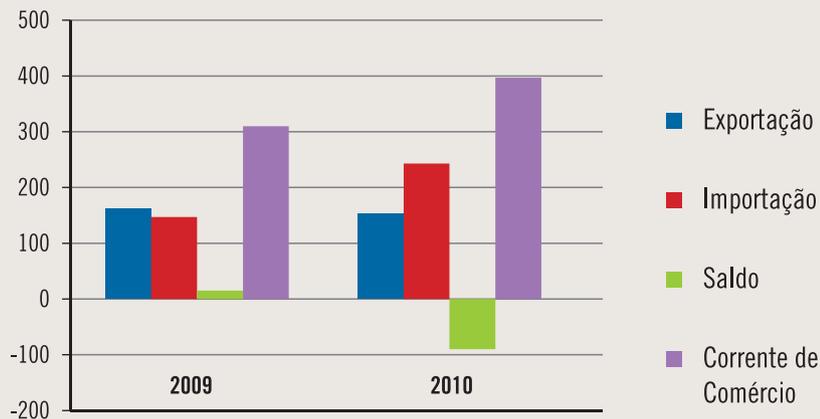
MAURÍCIO DO VAL
Diretor de Comércio
e Serviços do MDIC

O painel *As Oportunidades e Apoio ao Comércio Exterior e aos Investimentos Bilaterais* levantou temas de extrema importância para o incremento dos investimentos e do comércio Brasil-Portugal. As informações divulgadas pelos palestrantes demonstram que as relações estão num bom nível, não obstante a crise econômica vivida pelos portugueses.

Representando a empresa brasileira de maior valor de mercado, o gerente executivo da Petrobras para América, África e Eurásia, Fernando Cunha, fez exposição sobre a presença da petrolífera em Portugal. Segundo Cunha, com a dimensão que a Petrobras tem hoje, a empresa precisa, cada vez mais, se expandir para fora do

Brasil. “Sendo uma empresa de atuação internacional, temos focos muito bem definidos, e Portugal está enquadrado como um desses alvos. A nossa presença tem sido crescentemente ativa no mercado português. A importância do país europeu para a Petrobras envolve vários segmentos. Um deles é o de exploração e produção”, disse. O executivo

VARIAÇÃO PERCENTUAL DE SERVIÇOS



Variação **Exportação: -5,60%** **Importação: 64,98%**

FONTE: MDIC



MAURÍCIO DO VAL, DO MDIC, ASSINALOU O PROGRESSO DAS EXPORTAÇÕES DE BENS DO BRASIL E DE PORTUGAL



FERNANDO CUNHA FALA DA PARCERIA ENTRE A PETROBRAS E SUAS CONGÊNERES PORTUGUESAS

explicou que a estatal brasileira atua no país europeu, em conjunto com a Galp Energia (estatal petrolífera portuguesa) e a Partex, em sete blocos exploratórios no *offshore*. “Isso é de uma importância fundamental porque, atualmente, Portugal importa praticamente todo o petróleo que consome. A Petrobras atua na África, nos Estados Unidos, no Japão

e em mais 24 países no exterior, entre escritórios de representação financeira e atividades operacionais, mas em Portugal temos intensa força exploratória, para tentar descobrir petróleo e gás no mar português”, assinalou.

Trabalho em conjunto

As iniciativas para o setor de biocombustíveis também foram apontadas como bastante promissoras pelo expositor. Cunha revelou que há, em curso, um programa de desenvolvimento de produção de biodiesel, a partir de óleo de palma (dendê). Trata-se de uma usina de biodiesel própria, o projeto Biodiesel Pará, e de um projeto de produção de biodiesel em Portugal, em parceria com a Galp Energia, denominado Projeto Belém. A estratégia de suprimento das unidades de biodiesel prevê o plantio de palma em áreas ocupadas, com atuação em uma das regiões mais afetadas pelo desmatamento no Estado do Pará.

“Além deste projeto, as duas empresas também estão trabalhando na exploração do pré-sal no Brasil”, disse o gerente da Petrobras, acrescentando que as estatais de petróleo estão conversando a respeito de buscar sinergia no campo do refino e da logística. “Não há nada concreto, mas estamos conversando. Eu diria que o Estado e as empresas de Portu-

gal têm nos procurado frequentemente para estabelecer parcerias, e é isso que nós queremos. Consideramos o mercado português importante para as pretensões da Petrobras no exterior. Queremos incrementar, cada vez mais, essas relações”, concluiu.

Sector terciário

O segundo expositor do painel foi o diretor de Comércio e Serviços do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) do Brasil, Maurício do Val. Em sua exposição, o representante do governo federal brasileiro apresentou números e tendências do comércio bilateral Brasil-Portugal. De início, ele informou que o setor terciário representa 68% do comércio brasileiro, sendo que 70% dos empregos diretos formais estão nesse setor e mais da metade dos investimentos diretos no Brasil estão direcionados para ele. Em termos comparativos, Maurício do Val indicou que o peso do setor terciário em Portugal apresenta índices percentuais semelhantes aos do Brasil.

Ao analisar a corrente de comércio, o diretor do MDIC disse que os cinco principais produtos exportados para Portugal são commodities. Já na parte da importação dos produtos portugueses, ele revelou que há uma concentração um▶

pouco menor, mas com uma diversidade de produtos também tímida. “A despeito disso, reconheço que as exportações brasileiras evoluíram, bem como as exportações de Portugal para o Brasil, em termos de bens e mercadorias. Temos sempre que levar em conta essa informação para traçar alguns movimentos que podem ser feitos para melhorar o fluxo de comércio e de investimentos entre os dois países, diante de um cenário de histórico persistente”.

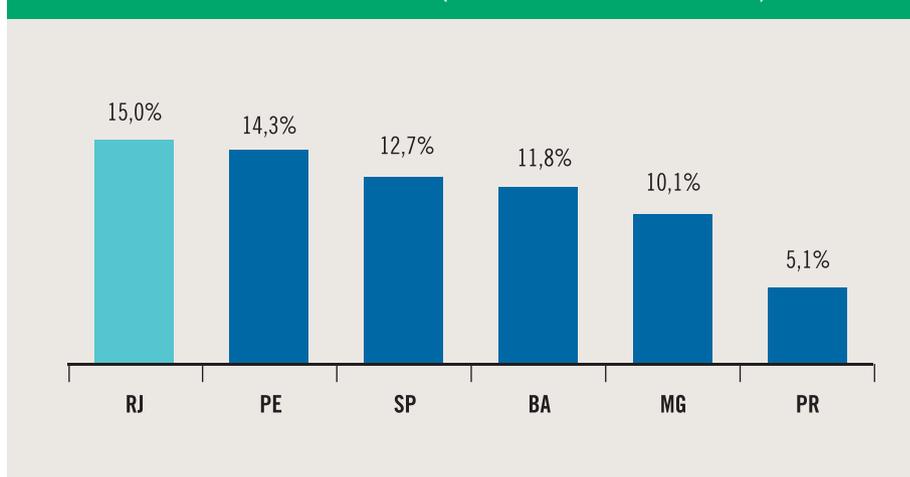
Na projeção percentual do comércio de bens entre os dois países, o palestrante revelou que as exportações brasileiras para Portugal cresceram 18% em 2010 em relação a 2009, enquanto as exportações portuguesas para o Brasil cresceram 33% no mesmo período. Em sua análise, o cenário e o histórico das relações comerciais de bens e mercadorias entre os dois países mostram possibilidades de expansão das exportações de bens do Brasil. “Se levarmos em conta a forte concentração nestes principais produtos e ainda considerarmos o tamanho do mercado de consumo de Portugal, essa expansão é muito possível”, avaliou.

Quanto às exportações portuguesas, apesar de não haver um universo muito amplo de bens e mercadorias exportáveis, o palestrante afirmou que elas são mais desagregadas do que a pauta brasileira para Portugal, embora as vendas brasileiras sejam três vezes maiores quando comparadas às exportações portuguesas para o exterior. “Mas, se considerarmos o tamanho do Estado brasileiro e o momento de crescimento econômico que o nosso País está vivendo, as perspectivas de aproximação e redução do déficit português são muito prováveis”, assinalou o representante do governo brasileiro.

Comércio de serviços

O comércio de serviços brasileiro foi tratado por Maurício do Val durante a sua palestra. “É bom explicar que, em relação ao comércio exterior de serviços, há um elemento grave de dificuldade, que é a falta de visibilidade. Não

INVESTIMENTOS ESTADUAIS (% RECEITA CORRENTE LÍQUIDA)



existem estatísticas que tratem da exportação e importação de serviços, nem no Brasil nem no resto do mundo. O que existem são referências da conta de serviços embutidas na balança de pagamentos. Isso acaba funcionando muito bem para verificar os ingressos e as saídas de divisas no setor de serviços e servem para identificar os compromimentos da balança de transações correntes de cada país. Contudo, tem efeito limitado de orientação de política de comércio exterior de serviços”.

Ao considerar essa dificuldade, o executivo relatou que o governo brasileiro decidiu desenvolver um sistema de comércio exterior de serviços, com previsão de ser implantado em janeiro de 2012. “Esse sistema foi elaborado em parceria entre a Secretaria de Comércio de Serviços do MDIC e a Receita Federal. Com o sistema, passaremos a ter facilidade na identificação de oportunidades e de competitividade em relação a alguns países, além de condições mais favoráveis para definir política de apoio incisivo para alguns nichos exportadores brasileiros de serviços”, observou. Para ele, o setor de serviços tem elevado potencial de competitividade em muitos mercados. “O sistema se prestará, também, para quebrar as resistências que envolvem as negociações comerciais no setor de serviços. No nosso entendimento, a baixa evolução existente no comércio de serviços é



“O Rio possui um interessante número de universidades, escolas de graduação e de pós-graduação de primeira categoria”

ANTONIO CARLOS DIAS
Agência Rio Negócios



APOIO À EXPORTAÇÃO



**Caixa Geral
de Depósitos**

A Caixa Geral de Depósitos (CGD), maior grupo financeiro de Portugal, presente em 23 países, 4 continentes, quer ser o banco que apoia as suas exportações.

- Se sua empresa está sediada em Portugal, contate a CGD através da Direção de Negócios Internacionais Sr. Gonçalo Gaspar - contato: + 351. 21 795 3383 ou email: gonçalo.gaspar@cgd.pt

- Se sua empresa está sediada no Brasil, contate o Banco Caixa Geral-Brasil

Sr. Hitosi Hasegawa - contato: + 55. 11 3509 9311 ou email: hitosi.hasegawa@bcgbrasil.com.br

O Mercantile Bank Limited na África do Sul, o Banco Caixa Geral Totta de Angola em Angola e, o BCI em Moçambique estão unidos nos esforços de apoiar suas vendas internacionais. Fale Conosco!

www.bcgbrasil.com.br



PERSPECTIVA DE INVESTIMENTOS – INDÚSTRIA

Investimento por setor	2006/ 2009	2011/ 2014	Crescimento no período	Crescimento atual
O & G	205	378	84%	13,0%
Mineração	60	62	4%	0,9%
Siderurgia	28	33	17%	3,2%
Química	22	40	78%	12,3%
Veículos	25	33	31%	5,6%
Eletroeletrônicos	20	29	48%	8,2%
Papel e celulose	18	28	52%	8,7%
Textil	9	12	39%	9,0%
Total	387	614	59%	9,7%

FONTE: BNDES

INVESTIMENTOS NO RJ ATÉ 2020

Setor	USD Bi
Óleo & Gás	50,0
Logística	24,7
Infraestrutura	12,6
Aço	12,1
Energia	8,9
Petroquímica	8,8
Indústria Naval	5,7
Indústria de Transformação	4,8
Serviços	0,8
Telecomunicações	0,5
Total	128,9

FONTE: PREFEITURA, SEDEIS

fruto da carência de informação”, completou.

Informatização

Outro fator importante na aferição de dados informatizados sobre o comércio de serviços é a reversão da ideia de que o Brasil é um país protecionista, avalia o representante do MDIC. “Ora, mais de dois terços das exportações são resultantes do processo de internacionalização das empresas, e o Brasil sempre foi receptivo para a instalação de multinacionais. O mesmo se dá na participação de profissionais estrangeiros no mercado de trabalho brasileiro. A concessão de vistos para trabalhadores de outras partes do mundo é bastante significativa”, comentou.

Com relação ao fluxo de serviços brasileiros com Portugal, Maurício do Val chamou a atenção para a diversificação na participação de diversos segmentos, sendo que o Brasil tem posição deficitária em relação a Portugal neste setor. “Na variação percentual de serviços, observa-se o grande crescimento das importações de serviços de Portugal em 2010, que ficou 65% maior em comparação a 2009. Os dados indicam que a presença comercial e de investimento português, sobretudo no setor terciário, foram provocadas pelas medidas inteligentes das empresas portuguesas. Mostram, inclusive, tendência de crescimento do superávit português no setor de serviços, por conta das características da economia brasileira atual”. Maurício do Val acrescentou que se forem consideradas, dentro da conta de serviços, as influências determinadas pelo arrendamento de equipamento, pelo turismo e pela construção, ter-se-á um elemento bastante favorável para Portugal em seus investimentos no Brasil.

Em sua análise, essa situação deficitária com Portugal não é entendida como fator negativo pelo governo federal brasileiro. “O governo brasileiro não vê como negativa a situação de déficit com país nenhum e, tampouco, considera uma situação de recepção de investimentos como uma ameaça às empresas brasileiras. O investimento estrangeiro no Brasil é, e deve continuar sendo considerado muito bom, porque só assim as

empresas brasileiras terão condições de se qualificar”, concluiu.

Fazer negócios no Rio

Após o término da exposição do representante do MDIC, foi a vez do diretor de negócios da Agência Rio Negócios, Antônio Carlos Dias, fazer a sua exposição no painel. Ele contou, de início, um pouco da história da agência: ela foi criada na gestão do prefeito do Rio, Eduardo Paes, com o intuito de mostrar o dinamismo do Rio de Janeiro e atrair investimentos empresariais. Resultante da parceria público-privada (prefeitura do Rio de Janeiro com a Associação Comercial do Rio de Janeiro), a Agência Rio Negócios tem como finalidade profissionalizar a captação de recursos e advogar em favor do ambiente de investimento, facilitando a instalação de empresas na cidade. “Fazemos a promoção comercial da cidade do Rio de Janeiro como destino de oportunidade de negócios. A Agência Rio Negócios planeja e aponta as áreas estratégicas competentes para alocação de recursos na cidade. A ideia é focar em energia, telecomunicações, moda, cinema, software, turismo e indústria”, detalhou.

Em seguida, Carlos Dias informou que a localização geográfica do Rio de Janeiro abarca, num raio de 500 quilômetros, 56% do PIB nacional. Possuindo a segunda população do país, o Rio ostenta boa infraestrutura e alinhamento político nas três esferas governamentais (municipal, estadual e federal), o que cria, na visão do palestrante, um clima político amistoso para a execução de projetos e investimentos. “O Rio de Janeiro adotou, com sucesso, uma política fiscal otimizada. Com isso, a cidade obteve o *investment grade* das principais agências de *rating*. Esse reconhecimento contribuiu para aumentar em cinco vezes a capacidade de investimento na cidade nos últimos três anos”, disse.

Aporte de investimentos

Ao enumerar dados coletados pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado do Rio de Janeiro, Dias re-

Investimentos estrangeiros diretos em 2010/2009

A cidade do Rio de Janeiro ocupa a 1ª posição na América Latina

América Latina	#	Pais de destino	Invest. (USD B)	% / 2009
	1	Brasil	41,15	20%
	2	México	12.87	-44%
	3	Peru	10.96	-14%
	4	Colômbia	8.32	346%
	5	Chile	7.99	-28%

#	Cidade de destino	Invest. (USD B)	% / 2009
1	Rio de Janeiro (BR)	7.27	600%
2	Cienfuegos (CU)	5.80	n/a
3	Lurin (Peru)	3.00	n/a
4	São Paulo (BR)	2.73	189%
5	Suape (BR)	1.78	10352%

... e a 4ª do mundo

Mundo	#	Pais de destino	Invest. (USD B)	% / 2009
	1	China	77.17	-12%
	2	US	54.67	-22%
	3	India	42.90	-13%
	4	Brasil	41.13	20%
	5	Australia	36.28	157%

#	Cidade de destino	Invest. (USD B)	% / 2009
1	Gladstone (Aus)	16.00	3101%
2	Singapore	12.98	55%
3	Shanghai (CH)	8.37	1%
4	Rio de Janeiro (BR)	7.27	600%
5	Cienfuegos (Cub)	5.80	n/a



LUIS BRITES FLORINDO, DA AICEP, DEFENDEU AS VANTAGENS DO INVESTIMENTO DIRETO EM PORTUGAL

“O recurso natural de maior qualidade de Portugal é a sua mão de obra. Portugal tem talento e isso se dá em razão de o país ter investido na qualificação dos seus recursos humanos”

LUIS MIGUEL BRITES FLORINDO
Administrador-executivo da Agência
para o Investimento e Comércio
Externo de Portugal (AICEP)

velou que o estado receberá, até 2020, investimentos da ordem de US\$ 160 bilhões. Adicionalmente, a capital fluminense vai receber R\$ 40 bilhões em projeto para o desenvolvimento urbano. “É interessante mencionar que grande parte desse montante é de origem da iniciativa privada”.

Sede de 50% das empresas que operam no mercado de capitais no Brasil, a cidade do Rio de Janeiro foi indicada, recentemente, como a mais atraente para

recepção de investimentos na América Latina e quarta no mundo, segundo estudo do jornal Financial Times. “Outro grande fator de atração da cidade é a sua excelência acadêmica. O Rio possui um interessante número de universidades, escolas de graduação e de pós-graduação de primeira categoria, concentrado no núcleo urbano, que é o maior número de formação de mão de obra qualificada no Brasil. Destaque para profissionais da área de engenharia, matemática, física, química e tecnologia da informação”, afirmou Dias, acrescentando que o Rio de Janeiro recebe 46% dos vistos de trabalho do Brasil.

Com a proximidade da realização dos eventos esportivos, Antonio Carlos Dias ressaltou a importância da Copa do Mundo (2014) e dos Jogos Olímpicos (2016) como meio de desenvolvimento econômico da cidade. Para ele, o reaparelhamento do transporte urbano de massa economicamente viável configurará-se entre as mais urgentes necessidades de investimento. “A implantação do sistema de transportes BRTs (Bus Rapid Transit) fará com que, até 2015, cerca de 50% da população carioca tenha acesso a transportes de massa. Hoje, apenas

16% dos habitantes da cidade são atendidos”. Dias citou, ainda, a construção do Porto Maravilha, ambicioso projeto que visa à revitalização urbana da zona portuária e que será utilizado para atender à demanda por espaços comerciais da cidade. “Esse projeto está orçado em R\$ 8 bilhões, todo ele com recursos de origem privada. Todos esses projetos têm por objetivo abraçar a cidade e criar novos eixos de transporte econômico, gerando oportunidades e desenvolvimento de longo prazo para o Rio de Janeiro”, disse, finalizando, assim, a sua participação.

Atratividade da UE continua em alta

Luís Miguel Brites Florindo, administrador-executivo da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), foi o terceiro palestrante do painel. De início, ele destacou o acordo comercial UE-Mercosul como fundamental para aumentar as trocas comerciais de produtos brasileiros e portugueses. Contudo, em função do atraso para a conclusão da negociação do acordo, as empresas dos dois países já estão se adiantando nesse processo de aproximação. “O esforço feito ▶

Importância do Brasil nos Fluxos Comerciais de Portugal

		2006	2007	2008	2009	2010
Como importador	Posição	14 ^a	17 ^a	13 ^a	11 ^a	10 ^a
	%	0,71	0,67	0,82	0,93	1,20
Como exportador	Posição	8 ^a	8 ^a	9 ^a	10 ^a	10 ^a
	%	2,19	2,30	2,12	1,73	1,84

FONTE: INE – INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORTUGAL

Evolução da balança comercial bilateral

	2006	2007	2008	2009	2010	Var % 06/10	2010 jan/fev	2011 jan/fev	Var % 10/11
Exportações	254.642	258.186	319.807	294.500	440.701	16,7	55.205	97.612	76,8
Importações	1.232.969	1.381.192	1.363.316	887.528	1.046.500	-1,6	117.507	145.177	23,5
Saldo	-978.327	-1.123.006	-1.043.509	-593.028	-605.799	-	-62.303	-47.565	-
Coefficiente de cobertura	20,7%	18,7%	23,5%	33,2%	42,1%	-	47,0%	67,2%	-

FONTE: INE – INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORTUGAL

Notas: (a) Médias aritméticas das taxas de crescimento anuais do período 2006-2010;
(b) Taxa de variação homóloga

pelas empresas é notório, apesar dos entraves existentes para o fechamento do acordo. Uma forma que as empresas têm encontrado é o investimento direto, que permite ultrapassar algumas das dificuldades. E as empresas brasileiras, ao realizarem investimento direto, conseguirão ultrapassar algumas barreiras de acesso ao mercado da UE”, avaliou Brites Florindo.

Ele assegurou que a atratividade da União Europeia para investimentos não diminuiu por conta da crise, uma vez que os atuais problemas de Portugal e do restante do boco são de perfil macroeconômico. Florindo ressaltou que, ao investir em Portugal, as empresas brasileiras têm acesso a um dos principais ativos do país: a mão de obra local “O recurso natural de maior qualidade de Portugal é a sua mão de obra. Portugal tem talento e isso se dá em razão de o país ter investido muito na qualificação dos seus recursos humanos. E a aposta na qualificação se dá através da inovação. Portugal tem acordos de cooperação com grandes centros universitários mundiais que permitem o intercâmbio de estudantes e professores e fazem com

que o país tenha centenas de doutorandos. Estes concluem os seus estudos em diversas universidades renomadas, ajudando as empresas a fomentar a inovação e lançamento de novos produtos”.

Dentro desse perfil, o representante da AICEP revelou que Portugal é, atualmente, o quarto país da UE que mais possui PhDs por mil habitantes. “Portugal tem centros de ciência e tecnologia de excelência, como a Embraer tem testemunhado ao longo dos últimos anos. Neste campo, é possível identificar no país múltiplas oportunidades, sobretudo em projetos de parcerias com centros de vários países do bloco europeu”, disse o expositor. Ele informou, ainda, que as exportações portuguesas para o Brasil são bastante concentradas no setor de serviços de engenharia, software e arquitetura, áreas nas quais muitos empresários brasileiros têm investido na fase de expansão econômica em que o país se encontra.

Além da mão de obra, o setor de infraestrutura de Portugal é outro atrativo para o investimento no país, de acordo com representante da AICEP. Ele citou o porto de Sines como um dos que mais oferece vantagem competitiva na Euro-

pa, em razão de ter uma zona industrial com dois mil hectares disponíveis e um complexo petroquímico próximos à área de operação portuária. “Em breve, o porto de Sines será um dos poucos da Europa a receber navios super-post Panamax (navios com capacidade média entre oito mil e nove mil TEUs). Portanto, não é por falta de infraestrutura que o comércio bilateral deixa de ser incrementado”, explicou, acrescentando que a rede integrada de logística portuguesa está praticamente completa (portos, aeroportos, rodovias e telecomunicações)”, considerou.

Ao completar a sua exposição, Brites Florindo teceu elogios ao ambiente de negócios de Portugal, classificando-o como desburocratizado e 100% informatizado. “Isso dá agilidade aos processos, pois reduz custos, poupa tempo e facilita os negócios. Hoje, é possível abrir uma empresa em Portugal em apenas uma hora. O país europeu oferece, ainda, incentivos fiscais e linhas de financiamentos dentro das facilidades existentes na UE”, disse, sem esquecer de mencionar a qualidade de vida do país como dado importante para o investimento. “Temos uma rede de escolas internacionais disponível, sistema de saúde de alto nível, e, também, segurança pública eficiente. Portugal é um dos países mais seguros do mundo, oferece, ainda, uma grande variedade de eventos culturais. É bom estar em Portugal”, concluiu.

Portal Brasil Globalnet

A apresentação do portal Brasil Globalnet foi o tema da exposição do chefe da Divisão de Informação Comercial do Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil, João Tabajara de Oliveira Júnior. Localizado no endereço: <http://www.brasilglobalnet.gov.br>, o portal é administrado pelo Departamento de Promoção Comercial do MRE. O site atua como agregador de uma rede global de negócios, reunindo setores de promoção comercial no exterior, localizados em embaixadas e consulados brasileiros pelo mundo. “O portal aproxima e consegue manter cadastradas empresas interessadas em fazer negócios com ▶

QUEM SOMOS

Com 177 anos de história a ACL foi pioneira do associativismo empresarial em Portugal e assume-se como um lugar de convívio empresarial que promove o desenvolvimento das empresas e do comércio nacional e internacional.

Independente do poder político, conta com centenas de empresas Associadas de todo o País, de todas as dimensões e das mais diversas áreas de actividade.



Filiações Internacionais



Fundada em 1919, a Câmara de Comércio Internacional, conta com centenas de milhares de empresas associadas, em mais de 120 países.



Eurochambres – Associação das Câmaras de Comércio e Indústria Europeias, reúne 2.000 Câmaras de Comércio e representa mais de 20 milhões de empresas em 45 países europeus.



► RELAÇÕES INTERNACIONAIS

- Oportunidades comerciais
- Encontros de negócios
- Missões empresariais
- Informação sobre parceiros de negócios

► APOIO À GESTÃO

- Consultoria jurídica
- Formação
- Informação fiscal
- Conferências e debates
- Estudos Económicos

► EMISSÃO DE DOCUMENTOS

- Certificados de Origem
- Carnets ATA

► CENTRO DE ARBITRAGEM COMERCIAL

- Promoção e resolução de litígios por via arbitral

CONTACTOS

R. das Portas de Santo Antão, 89
1169-022 Lisboa – Portugal
www.acl.org.pt • geral@acl.org.pt

GRUPO ACL



CIEP
Confederação Internacional
dos Empresários Portugueses

A ACL tem uma parceria estratégica com a Confederação Internacional dos Empresários Portugueses (CIEP) que é uma estrutura associativa que tem por missão reunir empresários portugueses espalhados pelo mundo e fomentar as sinergias entre as Câmaras de Comércio Portuguesas no estrangeiro.

www.ciep.pt



A Invest Lisboa resulta de uma parceria entre a ACL e a Câmara Municipal de Lisboa, com o apoio da AICEP - Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, para apoiar a instalação de empresas e negócios em Lisboa.

www.investlisboa.com



De um estudo promovido pela ACL nasceu o Fórum Empresarial da Economia do Mar, associação de empresas com a missão de colocar Portugal como importante "player" da Economia do Mar a nível global.

www.fem.pt





O DIPLOMATA JOÃO TABAJARA DE OLIVEIRA JR, FALA SOBRE O CONTEÚDO DO PORTAL BRASIL GLOBALNET

“Consideramos o mercado português importante para as pretensões da Petrobras no exterior”

FERNANDO CUNHA
Gerente Executivo para Área Internacional da Petrobras

o Brasil, promovendo informações de oportunidade de investimentos”. De acordo com ele, o cadastro no portal é simples e totalmente gratuito. “Ao se cadastrar, o usuário terá acesso a 55 mil empresas estrangeiras e 15 mil brasileiras. Dentro desse espaço, as empresas se descobrem, ficam sabendo de licitações internacionais, inclusive em concorrências promovidas pela ONU (Organização das Nações Unidas), e conseguem, ainda, manter contato com todos os setores

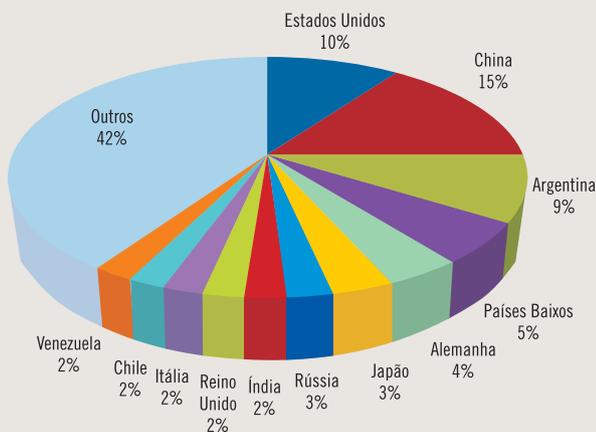
de promoção comercial no exterior”, informou.

O diplomata fez referência à facilidade de pesquisa do site, por intermédio de ferramentas, através das quais as próprias empresas podem buscar informações sobre mercado de inteligência comercial ou ter acesso a outros dados fornecidos por companhias contratadas pelo setor de promoção comercial do Itamaraty, no Brasil e no exterior. “Temos um link no qual apresentamos o ambiente econômico brasileiro para as empresas estrangeiras que têm interesse em investir no Brasil. Informações sobre feiras internacionais também estão disponibilizadas no site, que enumera, inclusive, as instituições que estarão presentes. O portal oferece, ainda, informações sobre produtos a serem exportados e importados”.

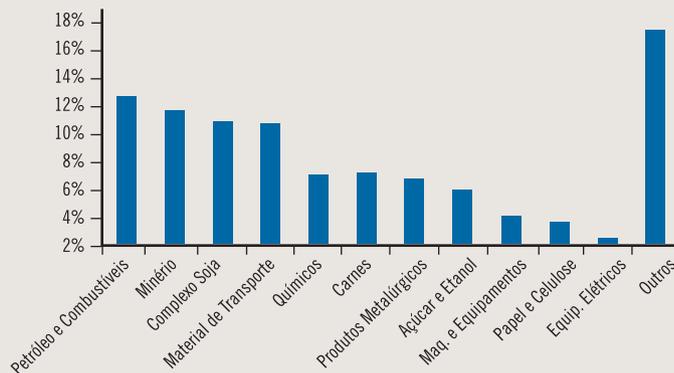
João Tabajara concluiu a sua participação revelando que o portal não foca apenas na questão de legislação, mas ensina como exportar para diversos países e blocos, informa os aspectos da cultura local e enumera os indicadores econômicos e sociais. “Esses guias são atualizados de dois em dois anos. As novidades que estão por vir se referem à criação de um módulo que cuida de atração de investimentos, planejamento

Montante Total de Exportações

2010 = US\$ 202 bilhões – 1,36% das exportações mundiais
1 semestre/2011 = US\$ 118 bilhões



Principais Produtos Exportados pelo Brasil



Exportações para Portugal: 1% – Soja, Petróleo, Açúcar, Minérios

estratégico e internacionalização de empresas”, finalizou.

Dados comparativos

Maria Isabel Aboim, superintendente do Banco Caixa Geral-Brasil, foi a expositora seguinte. Ao iniciar a sua apresentação, ela levantou dados comparativos entre Brasil e Portugal. Em sua análise, Portugal é um país que, historicamente, sempre teve presença internacional. Já o Brasil tem tradição de ser um país fechado, sendo que o aumento da presença brasileira no comércio exterior é recente. “Hoje, exportar já faz parte das estratégias das empresas brasileiras, assim como investir no processo de internacionalização”, declarou a executiva.

Em relação ao fluxo comercial Brasil-Portugal, Isabel Aboim avaliou que, apesar de ainda ser pequeno, as exportações brasileiras para este país europeu refletem a pauta de vendas internacionais que o Brasil tem com o resto do mundo, com grande destaque para as commodities. Portugal, ao contrário, apresenta performance diferente. Isso porque o Brasil é um comprador de produtos tradicionais do país europeu, como vinho e azeite, o que não ocorre com as exportações portuguesas para

outros países da Europa, que compram produtos de maior valor agregado, como maquinário e produtos de tecnologia eletroeletrônicos.

O bom momento econômico do Brasil foi destacado pela executiva. Ela disse que o país recebeu, em 2010, US\$ 48 bilhões em investimento estrangeiro direto. “O sistema bancário robusto, um mercado interno dinâmico e empresas em expansão fazem com que as oportunidades de investimento sejam bastante amplas e diversificadas. E o Brasil tem tido boa capacidade de resposta à crise internacional, embora esta seja muito grave. Os principais focos de investimentos no Brasil estão nos setores de petróleo e gás, mineração, energia elétrica, telecomunicações, ou seja, setores nos quais Portugal já investe com grande força”, concluiu.

Logística inteligente

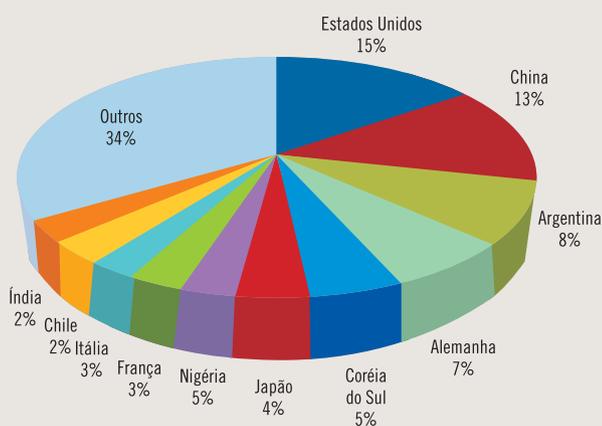
A empresa de logística Multiterminais completa, em 2011, 25 anos. Márcio Sette Fortes, diretor da empresa, que tem sede no Rio de Janeiro, foi o seu representante no 6º ENBP. Ao iniciar a sua exposição, o executivo informou à plateia que o grupo Multiterminais, que engloba várias empresas do ramo da lo-

gística, começou a sua operação voltada para armazenagem de carga alfandegária com terminal retroportuário no Rio de Janeiro, e depois atuando na área de portos secos. “Nós somos precursores nessa modalidade logística no Brasil. No final dos anos 90, o grupo participou do processo de concessão de serviços portuários para a iniciativa privada. No Rio, a Multiterminais opera num terminal de contêineres, através da empresa MultiRio, e num terminal de veículos (MultiCar), mas tem também operações nos estados de São Paulo e de Minas Gerais”, declarou Sette Fortes. Em relação aos portos secos, a empresa tem operações na cidade do Rio de Janeiro, de Resende (RJ) e de Juiz de Fora (MG).

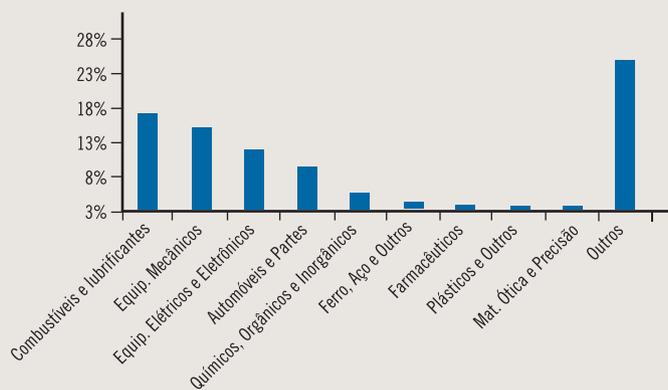
Ele explicou que o grupo Multiterminais atua em três áreas de operação, dentro da estratégia de logística integrada da empresa, que são as áreas de terminal marítimo, de recuperação retroportuária e de terminais de portos secos. De acordo com o executivo, a empresa vem demonstrando bons resultados nos últimos anos em função do crescimento das exportações brasileiras e, também, das importações. “Essa condição revela a necessidade de se ter mais dinamismo nos portos brasileiros e exige que o ▶

Montante Total das Importações

2010 = US\$ 118 bilhões – 1,25% das exportações mundiais
1 semestre/2011 = US\$ 105 bilhões



Principais Produtos Importados pelo Brasil



Importações de Portugal: 0,3% – Azeite de Oliva, Bacalhau e Vinhos



ARLINDO VARELA RESSALTOU A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL



MÁRCIO SETTE FORTES, DA MULTITERMINAIS, FALA SOBRE OS INVESTIMENTOS DA EMPRESA

Perspectivas do investimento no Brasil (por setor)

Setores	Valores (R\$ bilhões)		Crescimento	
	2006-2009	2011-2014	%	% a.a.
Indústria	387	614	58,7	9,7
Petróleo e gás	205	378	84,3	13
Extrativa mineral	60	62	3,3	0,7
Siderurgia	28	33	16,8	3,2
Química	22	40	81,2	12,6
Veículos	25	33	31,4	5,6
Eletroeletrônica	20	29	46,0	7,9
Papel e celulose	18	28	51,6	8,7
Têxtil e confecções	9	12	39,1	6,8
Infraestrutura	247	380	53,8	9,0
Energia elétrica	104	139	34,0	6,0
Telecomunicações	62	72	1,5	2,8
Saneamento	26	41	56,9	9,4
Ferrovias	20	60	202,1	24,7
Transp. rodoviário	30	51	71,4	11,4
Portos	5	18	225,1	26,6
Edificações	353	607	72,0	11,5
Total	987	1601	62,2	10,2

grupo Multiterminais invista, cada vez mais, no aumento da operacionalidade e da eficiência portuária”, disse. Nesse processo, o palestrante assegura que os investimentos estão destinados aos setores de segurança e informatização dos movimentos de cargas no porto, assim como no aumento da área para atracação de navios de grande porte. “Isso porque um porto moderno é aquele que liga a inteligência a um bom escoamento para a parte interior e permite a boa chegada do navio nos terminais, tudo a preços competitivos”, avaliou.

Sinergia

No que diz respeito à logística integrada, a Multiterminais atua, de forma sinérgica, nas operações de porto e terrestres. Dessa forma, o executivo explicou que os trabalhos de *supply chain*, *just in time*, *just in sequence*, rastreamento de carga, entre outros, encadeiam a rede de logística de maneira inteligente e com eficiência.

A Multiterminais também atua no setor de siderurgia, sendo contratada pela Thyssen Krupp para operar no processo de armazenagem e administração do porto da siderúrgica no Rio de Janeiro. No local, a empresa trabalha no descarregamento de carvão e carregamento de placas de aço para exportação pelo porto. Sette Fortes revelou, ainda, que o mais recente projeto da empresa foi a construção e operação do aeroporto na Zona da Mata, no estado de Minas Gerais, que é destinado para passageiros e para transportes de carga.

Em favor da desburocratização

Fábio Martins Faria, vice-presidente executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), representou a entidade no evento e ressaltou que uma das principais bandeiras da instituição é a luta pela desburocratização do Brasil. “A criação de um ambiente de negócios mais ágil é o ponto chave que to-

dos deveriam estar se debruçando hoje. A grande reflexão que temos que fazer, agora, é a de como enfrentar o desafio da competitividade, sobretudo em momento de crise. Mas estamos otimistas, pois o Brasil tem qualidades competitivas inegáveis. Somos bem representados pelo setor de agronegócios e em outras áreas nas quais estamos nos destacando no exterior”, concluiu.

Arlindo Catóia Varela, conselheiro da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, foi o último a se pronunciar. Ele ressaltou a importância das relações comerciais Brasil-Portugal e a necessidade de ampliar e diversificar a pauta de importação de produtos portugueses. “Pedimos a todos para valorizar o produto português e melhorar a nossa relação na área das trocas comerciais, ajudando os nossos irmãos portugueses nesta época de grave crise”, concluiu o representante da CPCIRJ. ■



MESA COM REPRESENTANTES DE EMPRESAS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS QUE DISCUTIRAM AS OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS NOS DOIS PAÍSES

Campo aberto para novos negócios

Encontro levantou temas importantes para as relações luso-brasileiras

Um dos pontos altos do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal foi a Reunião de Cúpula que reuniu empresários, representantes governamentais e entidades de classes empresariais dos dois países.

A abertura da reunião ficou a cargo do presidente do Conselho das Câmaras Portuguesas de Comércio no Brasil – CCPCB, Rômulo Alexandre Soares, que pontuou os objetivos da reunião, ressaltando a importância de tornar públicas as questões debatidas no encontro. Cada participante tratou de temas específicos nos quais verificaram-se as potencialidades de fortalecimento das relações de comércio e investimentos luso-brasileiras. O encontro foi dividido em três partes, cujos temas foram: 1. Promoção Comercial – ações atuais e futuras; 2. Infra-estrutura aeroportuária e preparativos para mega eventos; e 3. Cooperação Industrial e Tecnoló-

gica. “A reunião foi muito proveitosa. Os temas tratados foram de alto nível e o resultado foi além das expectativas”, disse Rômulo Soares, após o término do encontro. Acompanhe, a seguir, o resumo das apresentações feitas por cada participante da reunião:

Abertura

O presidente do Conselho das Câmaras Portuguesas de Comércio no Brasil – CCPCB, Rômulo Alexandre Soares, abriu os trabalhos e pontuou que dentre os objetivos da reunião, um deles é também registrar os temas discutidos, a fim de divulgá-lo, posteriormente, na Delegação da União Europeia.



RUBENS GAMA DIAS FILHO (MRE)



JORGE LUÍS DE MELLO (DOCAS RIO)



ADALMIR SOUZA (DOCAS RIO / APP)



LUÍS FERNANDO FUCHS (EMBRAER)

TEMA 1 – Promoção Comercial – ações atuais e futuras

PALESTRANTES:

MINISTRO RUBENS GAMA DIAS FILHO, diretor do Departamento de Promoção Comercial e Investimentos do Ministério das Relações Exteriores. Ele começou apresentando uma pequena introdução sobre “Promoção Comercial – ações atuais e futuras”. Trata-se das missões comerciais no exterior: encontros, seminários e workshops. O ministro relatou que tem como missão organizar e apoiar o exportador de pequenas e médias empresas. Segundo ele, o Brasil se encontra num grande número de países da ONU em prol da ‘Promoção Comercial’.

JORGE LUÍS DE MELLO, presidente da companhia DOCAS do Rio de Janeiro: Ele apresentou a companhia falando sobre os portos do Rio de Janeiro e o seu Plano de Expansão. Ele relatou que este ano DOCAS vai superar, em 2011, a movimentação de 400 mil contêineres. Segundo ele, este é um desafio enorme para a zona portuária, pois os clientes estão cada vez mais distantes e isso dispôs, no Brasil, um redesenho da estrutura portuária. Apresentou também o Porto de Itaguaí que transporta, basicamente, granel e minério de ferro. Relatou que o Porto do Rio de Janeiro acaba de fazer 100 anos, sendo esse um porto muito importante. O porto sai de uma capacidade de 09 milhões de toneladas saltando para 25 milhões de toneladas, em 2011. Segundo o Presidente de DOCAS, até

2014 estará pronta a obra do Porto do Rio de Janeiro.

ADALMIR SOUZA, superintendente da Companhia DOCAS do Rio de Janeiro: Souza representou José Luis Cacho, presidente da Associação dos PORTOS DE PORTUGAL – APP. Ele falou sobre a Associação dos Portos Portugueses e fez sua apresentação em termos de reflexão, pontuando os países de língua portuguesa, que fazem parte deste projeto. O projeto existe há um ano e meio. Segundo ele, Portugal e Angola são os que mais movimentam seus portos. Mostrou, através de estudos, que o Brasil crescerá muito em termos de exportação através dos portos brasileiros. O Brasil tem essa liderança em termos da América Latina. E pontuou que, somente este dado, já justifica a existência desta reunião e também a criação da Associação de Portos de Idioma Português.

ANTONIO BACELAR CARRELHAS, presidente de honra do Conselho das Câmaras Portuguesas de Comércio no Brasil: Em sua breve participação, destacou a importância dos contatos dos presentes com as Câmaras de Comércio com o objetivo de ampliar o fluxo de comércio e de investimentos.

MIGUEL HORTA E COSTA, presidente do Conselho da Confederação Internacional dos Empresários Portugueses-CIEP e vice-presidente da Associação Comercial de Lisboa-ACL: Ele relatou sobre a associação que tem uma voz ativa, tanto para União Europeia quanto para o Mercosul, a fim de unir e tentar criar um espaço entre eles, onde grandes e médias empresas de alguma forma pos-

sam se aproximar e também haver a aproximação desses dois blocos. É um desafio que ele deixa nesta reunião.

JORGE DE PAULA COSTA ÁVILA, presidente do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI): Ávila falou sobre o registro de marcas e patentes em todas os países oficiais de língua portuguesa. Ele sugeriu a possibilidade de pedir, virtualmente, uma solicitação na qual concederia uma grande integração entre os países onde há a diferenciação por marcas e patentes.

ANTÔNIO SARAIVA – presidente da Confederação da Indústria Portuguesa: Saraiva criticou a União Europeia, que, mesmo com 27 países, pouco fazem, segundo ele. O presidente da CIP lembrou que Portugal está fragilizado economicamente.

TEMA 2 – Infra-estrutura aeroportuária e preparativos para mega eventos

PALESTRANTES:

NUNO REBELO DE SOUSA, gestor-executivo da EDP Energias do Brasil: O executivo disse que a EDP está presente em 15 países em todo o mundo, e como toda grande empresa, escolhe onde vai investir, passando a atuar fortemente no Brasil, com intenção de intensificar essa parceria com o País.

ANTONIO GUSTAVO MATOS DO VALE, presidente da INFRAERO: Ele comentou sobre o crescimen-

to da demanda do tráfego aéreo. Afirmou que a aviação civil brasileira tem passado por grandes transformações. A Infraero é o segundo maior aeroportuário em número de aeroportos. Faturou, cerca, de R\$ 4 bilhões em 2011. Número de passageiros que já teve, até junho de 2011, cerca de 70 milhões, registrando crescimento de quase três vezes e com o cenário da Copa do Mundo, em 2014, tende a crescer ainda mais. Segundo ele, os investimentos para 2014 abrangerão 16 aeroportos nas 12 cidades que serão sede de jogos da Copa do Mundo, com reformas e ampliações destes aeroportos. Ele mostrou todos os dados e expectativas para o mega evento (Copa do Mundo).

DEBORAH STERN VIEITAS, diretora-presidente do Banco Caixa Geral-Brasil: A executiva observou que a discussão abordada por Antônio Saraiva, presidente da Confederação da Indústria Portuguesa, foi de extrema importância pelas iniciativas e pelas suas colocações nesta reunião. Ela ressaltou, ainda, que tem observado que a relação com o governo português tem sido extremamente eficaz, articulada e alinhada e, assim, conseqüentemente, para que seja obtido sucesso nos negócios.

FRANCISCO MANTERO, presidente da Direção da ELO (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento e Cooperação): Mantero ressaltou que o novo Governo português está empenhado em fazer a articulação entre os países de língua portuguesa, exemplificando o caso de Moçambique, na África.

LUIZ FERNANDO FUCHS, presidente da Embraer na Europa, Ásia e Oriente Médio: O executivo da empresa de aviação brasileira disse que a Embraer está localizada em seis países, com o Brasil. De acordo com ele, a empresa preza estar presente ao lado do cliente, atendendo-os de perto. A Embraer está nos Estados Unidos há mais de 30 anos e na França, a atuação da empresa completará 30 anos em 2012. Ele revelou que duas novas fábricas/empresas da Embraer atenderão a União Europeia, em Évora (Portugal). Trata-se, na verdade, de duas fábricas distintas. Segundo Fuchs, uma delas possui equipamentos que são superiores aos do Airbus. Ele afirmou, ainda, que, em maio, a equipe da Embraer concluiu o levantamento das capacidades de P&D, em Portugal, e alegou que segue em curso os primeiros projetos no país e na UE. Garantiu que outras empresas se instalarão ao redor dessas duas empresas que implantarão em Portugal.

TEMA 3 – Cooperação Industrial e Tecnológica

PALESTRANTES

MIGUEL BRAGA DA CRUZ, presidente da CINCLUS Project Management: Braga da Cruz fez uma breve apresentação sobre a empresa de origem portuguesa e afirmou que a Cinclus atua no ramo de consultoria e engenharia, com 28 anos de existência e 200 empregados, no total. Ele afirmou que a empresa vê o Brasil como

um grande país-irmão, visando ótimas parcerias. Braga da Cruz ressaltou que a empresa possui obras ambientais em Portugal. Para ele, as privatizações em Portugal serão grandes e ótimas oportunidades para empresas estrangeiras, como o Brasil. Segundo o executivo, a empresa pretende se instalar no Brasil, visando às empresas portuguesas que já estão aqui em solo brasileiro e, também, às empresas brasileiras.

FRANCISCO DE PAULA COELHO, diretor do Banco Europeu de Investimentos (BEI): Coelho alegou que o BEI passou a ser o 'BNDES' da Europa, devido aos empréstimos. Ele explicou sobre os seus mutuários, sobre os seus clientes e investimentos do banco. O palestrante sugeriu, no âmbito do tema da reunião, que eles poderiam fazer muito mais e apoiou a idéia de se realizar novas reuniões a fim de se discutir o ambiente de negócios luso-brasileiro no espaço entre a União Europeia e o Mercosul com autoridades e diretorias de empresas luso-brasileiras.

RICARDO CASTANHEIRA, diretor para o Brasil da Associação Empresarial EUBrasil: Ele afirmou que sua associação é sem fins lucrativos que representa as atividades políticas, empresariais e acadêmicas. Ele enfatizou que muitos brasileiros que estudam nas universidades europeias fazem parte da Associação Empresarial EUBrasil. Castanheira sugeriu, ainda, que seja criado um bom ambiente de relação de trabalho entre Brasil e Portugal, com o objetivo de incrementar as trocas comerciais. ■



MIGUEL BRAGA DA CRUZ (CINCLUS)



FRANCISCO DE PAULA COELHO (BEI)



RICARDO CASTANHEIRA (EUBRASIL)



DEBORAH STERN VIEITAS (CGB) E CARLOS ELY TEDESCO (CNI-BRASIL)



ASPECTO GERAL DA PRAÇA MAUÁ DEPOIS DAS OBRAS DE REURBANIZAÇÃO DA ZONA PORTUÁRIA DO RIO

Um projeto de R\$ 8 bilhões

Porto Maravilha é o projeto urbanístico mais importante do Brasil

Há décadas, a zona portuária da cidade do Rio de Janeiro era vista como uma área que demandava por melhorias e reformas urbanísticas. No entanto, depois de muito tempo, a concretização do programa de revitalização se torna realidade. Denominado de Porto Maravilha, o projeto visa à recuperação completa da infraestrutura urbana, dos transportes, do meio ambiente e do patrimônio histórico e cultural do local. No centro da revitalização está a melhoria das condições habitacionais e atração de novos moradores em uma área de 5 milhões de m². “O Porto Maravilha irá fazer a cidade retornar ao próprio eixo, com um conjunto de edificações

residenciais, comerciais, empresariais e culturais. O Porto do Rio ganhará projetos especiais que não vão apenas atender a esses visitantes como também aos atuais e futuros moradores. Entre eles, estão: o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio (MAR)”, afirma o presidente da Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto (Cdurp) do Rio de Janeiro, Jorge Arraes, responsável pela gestão do projeto.

Parceria Público-Privada

O projeto está dividido em duas partes. Para a primeira fase, que teve início em meados de 2010, a prefeitura do Rio está investindo R\$ 350 milhões na requalificação da



BOULEVARD POR ONDE TRAFEGARÁ O VEÍCULO LEVE SOBRE TRILHO (VLT)

área de 350 mil m², entre as avenidas Rodrigues Alves e Venezuela, as ruas Sacadura Cabral e Camerino, a Praça Mauá, o Pier Mauá e o Morro da Conceição. Já se pode atestar as mudanças nas ruas que passam por intervenções da fase 1, com novos calçamentos, redes subterrâneas de

luz, água, gás, telecomunicações e saneamento.

Já na segunda etapa do projeto, serão investidos cerca de R\$ 8 bilhões para a requalificação de todos os bairros da região. Ela será totalmente custeada pela venda de Certificados de Potencial Adicional de Construção (Cepacs) e



O PORTO MARAVILHA EM FOCO



VISTA DA PERIMETRAL DEPOIS DAS OBRAS, IMPORTANTE VIA DE ACESSO ENTRE A ZONA NORTE E SUL



O MUSEU DE ARTE DO RIO DE JANEIRO (MAR) NO PALACETE D. JOÃO VI RESTAURADO

de terrenos públicos à iniciativa privada, dentro do modelo de Parceria Público-Privada. Para executar as obras e serviços de manutenção da área do Porto Maravilha, foi contratada, por meio de licitação, a Concessionária Porto Novo. As empresas serão atraídas por incentivos fiscais e, também, pela infraestrutura moderna do local. O setor de telecomunicações é um deles. “A região será a primeira da América Latina a ter uma rede de transmissão de dados e voz em fibra ótica, com tecnologia G-Pon, capaz de conferir velocidade de conexão de 1 GB. Assim, o Rio será alçado à posição de vanguarda nas telecomunicações”, diz Arraes. ■



O PROJETO PARA OS GALPÕES DO BAIRRO DA GAMBOA



AV. FRANCISCO BICALHO JÁ COM A VILA OLÍMPICA

Principais obras e serviços:

- Construção de 4 km de túneis;
- Reurbanização de 70 km de vias e 650.000 m² de calçadas;
- Reconstrução de 700 km de redes de infraestrutura urbana (por exemplo, água, esgoto, drenagem);
- Implantação de 17 km de ciclovias;
- Plantio de 15.000 árvores;
- Demolição do Elevado da Perimetral (4 km);
- Construção de três novas estações de tratamento de esgoto;
- Conservação e manutenção de áreas verdes e praças;
- Manutenção e reparo de iluminação pública e calçadas;
- Implantação de coleta seletiva de lixo;
- Manutenção da rede de drenagem e de galerias universais;
- Instalação e conservação de bicicletários;
- Manutenção e conservação de pontos e monumentos turísticos, históricos e geográficos;
- Regras Urbanísticas e Ambientais
- Economia de consumo de água e reaproveitamento de águas pluviais e servidas;
- Economia e/ou geração local de energias limpas;
- Uso de aquecimento solar;
- Maximização da ventilação e iluminação natural;
- Uso de materiais com certificação ambiental;
- Facilitação de acesso e uso de bicicletas

Principais Impactos

- Aumento da população de 28 mil para 100 mil habitantes em 10 anos;
- Aumento da área verde de 2,46 % para 10,96%;
- Aumento de 50% na capacidade de fluxo de tráfego na região;
- Aumento da permeabilidade do solo;
- Aumento e melhoria da qualidade da oferta de serviços públicos;
- Transformação da região em referência para a cidade.

Prefeitura do Rio cria Agência de Negócios

Antonio Carlos Dias, diretor comercial da Rio Negócios, fala sobre a atratividade da Cidade para novos investimentos



“O nosso papel não é só mostrar a força existente na carteira de oportunidades de negócios, mas, também, fomentar o processo produtivo da empresa dentro da cidade do Rio de Janeiro

ANTONIO CARLOS DIAS
Diretor Comercial da Rio Negócios

Criada, em 2010, pelo prefeito Eduardo Paes, e que conta com parcerias com o governo do estado do Rio e de entidades privadas, como a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) e a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), a Agência Rio Negócios nasceu com o intuito de promover, atrair e facilitar a implantação de novos investimentos na cidade, bem como construir um novo ambiente econômico para o Rio. E, em um ano de funcionamento, a agência revela números bastante animadores: em menos de doze meses, o Rio recebeu investimentos da ordem de R\$ 745 milhões, volume esse superior a meta estabelecida pela agência. Quem anuncia os dados é Antonio Carlos Dias, diretor comercial da Rio Negócios, em entrevista à revista Missão Empresarial. Entre outros assuntos, ele conta que o Rio tornou-se a cidade mais atrativa na América Latina para o investidor estrangeiro e que, até 2020, a cidade atrairá US\$ 40 bilhões. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista realizada no escritório da agência, localizado no prédio da ACRJ.

Quais são os objetivos da Agência Rio Negócios?

DIAS – Nós fazemos a divulgação do Rio de Janeiro como um destino de investidores que querem estabelecer projetos no Brasil e na América Latina. Temos uma área de *Business Intelligence* que tem como missão definir a

cidade do ponto de vista estatístico, por intermédio de dados colhidos de diversos centros de estudo. Esse trabalho é muito interessante e oportuno para os investidores, pois ajuda-os a entender a cidade. Ou seja, juntamos dados de diversas fontes e tornamos relevante a infor-

mação para o investidor. É claro que cada investidor apresenta demandas diferentes. Há nelas questões de proximidade, de necessidade de logística, de mão de obra etc. Ele passa todos esses requerimentos e, por intermédio de um time de profissionais da agência, localizamos as áreas mais propensas para o investidor se estabelecer.

E como tem sido os resultados até o momento a partir da criação da agência?

DIAS – Desde a criação da Rio Negócios, o Rio alcançou R\$ 745 milhões de investimentos para a cidade. É um número muito importante, pois a nossa meta anterior era alcançar investimentos da ordem de R\$ 600 milhões em dois anos. Então, estouramos a meta antes do prazo previsto. Além disso, realizamos três *road shows* internacionais (Alemanha, Ásia, Estados Unidos); 45 eventos (entre seminários, feiras, congressos, palestras, meetings, almoços, jantares e cafés da manhã corporativos); recepcionamos mais de 30 missões empresariais es-

trangeiras; atendemos a 262 empresas e concretizamos 15 novos empreendimentos para a cidade.

Em relação ao montante de investimentos, o senhor acha que eles viriam sem a participação da Rio Negócios nesse processo?

DIAS – Acredito que esse montante viria para o Rio, mas, também acho que sem a Rio Negócios, ele não viria com a velocidade vista. O ambiente atual de investimentos no Rio está bastante propício, mas a agência teve um papel importante para catalizar e acelerar esse processo. Muitas empresas que hoje estão na cidade poderiam estar instaladas em outras localidades. Um exemplo disso foi a instalação de um centro de pesquisa tecnológica na área de óleo e gás. Entramos na disputa com Dubai e vencemos ao oferecer uma melhor qualificação da estrutura do Rio de Janeiro para atrair esse centro de pesquisa. Esse é um exemplo de como trabalhamos e damos uma segurança para o investidor de que há um trabalho sério sendo executado e que é muito importante para tomada de decisão.

O senhor acha que os eventos como Copa do Mundo, Olimpíadas, Rio + 20 entre outros ajudam a mudar a cara da cidade para atração de investimentos?

DIAS – Neste momento, o Rio de Janeiro é uma das cidades que mais apresentam possibilidades de investimentos no mundo. Vale comentar, que é preciso fazer distinção entre as oportunidades que existem na área dos grandes eventos e o bom momento

econômico em setores que não estão ligados a eles. É claro que eles são sinérgicos, complementares, mas existem, também, de forma independente. Isso significa que a agenda econômica da cidade do Rio de Janeiro é riquíssima do ponto de vista de visibilidade e de projetos. Vale lembrar que os projetos que a Rio Negócios busca atrair para a cidade são de longo prazo e quando um investidor toma a decisão de se estabelecer na cidade ele calcula que ficará por aqui pelos próximos 30 anos e, por isso, muitos deles são independentes dos eventos que o Rio sediará nos próximos anos.

O senhor poderia falar das áreas de interesse para o investidor estrangeiro aqui na cidade?

DIAS – O Rio tem quatro áreas de vocação econômica: energia, já que o Rio é a capital do setor energético na América Latina; criatividade, vale lembrar que 85% dos filmes brasileiros são rodados na cidade do Rio de Janeiro; na área da moda, a marca Rio é de reconhecimento internacional, especialmente em moda-praia; área de TI, sediando as principais empresas de TI e de telecomunicação, e temos, ainda, um polo de desenvolvimento de software; e por último, a hospitalidade do carioca, que vai desde hotelaria a centros de convenções.

Em relação a infraestrutura receptiva, como o Rio vem trabalhando para receber o turista convencional e o turista de negócios?

DIAS – Há muitos projetos em andamento. A criação do Porto Maravilha representará um novo momento para

a zona portuária da cidade. Já está sendo construída no local uma enorme área de atracação para recepção de cruzeiros. Em relação ao aeroporto, várias companhias europeias e asiáticas estão descobrindo o Rio como destino de turismo e de negócios e muitas delas estão disponibilizando voos diretos para a cidade. Isso se dá em função do processo de privatização, que promete melhorias na administração, e na política de segurança pública, que integra o Aeroporto Internacional de forma mais completa. Além disso, enquanto outros aeroportos no Brasil se encontram saturados, o aeroporto internacional do Rio oferece bastante disponibilidade de operação.

O Brasil se tornou um dos países que mais têm recebido investimento estrangeiro direto nos últimos anos. Como o Rio se coloca neste cenário?

DIAS – O Brasil é hoje destino para grandes investimentos e o Rio de Janeiro é protagonista nesse processo. Recentemente, o jornal Financial Times divulgou uma pesquisa que revela que, em 2010, o Rio de Janeiro ficou em quarto lugar como cidade mais atrativa para investimentos no mundo e em primeiro lugar na América Latina. Se observarmos as quatro grandes áreas que estão em desenvolvimento, o estado do Rio de Janeiro detém grande parte destes investimentos. O portfólio de investimentos para a economia fluminense está calculado em US\$ 160 bilhões até 2020, sendo que grande parte deste montante virá da iniciativa privada.

“O Brasil é hoje destino para grandes investimentos e o Rio de Janeiro é protagonista nesse processo”

Adicionalmente a esse valor, a cidade do Rio de Janeiro atrairá US\$ 40 bilhões em investimentos para o mesmo período. Então, percebemos que o empresário estrangeiro quer vir para o Rio. A oportunidade está aqui. O custo de vida está alto, muito em função da valorização da nossa moeda. Mas, por outro lado, o prêmio por ele estar aqui é muito grande. E o nosso papel não é só mostrar a força existente na carteira de oportunidades de negócios, mas, também, fomentar o processo produtivo da empresa dentro da cidade do Rio de Janeiro.

Então, o senhor é bastante otimista em relação ao futuro da cidade como centro internacional de negócios?

DIAS – Com certeza. Para se ter uma boa ideia de como o Rio é atraente, metade dos vistos de trabalho emitidos no Brasil são para o Rio de Janeiro. Isso porque na visão do empresário, a qualidade de vida é quesito extremamente importante na hora em que ele decide investir no Rio. E a cidade oferece isso, mesmo com problemas pontuais de segurança pública que, como estamos vendo, estão sendo controlados pelo governo do Rio. ■

Aviação brasileira além-mar

Embraer investe na construção de duas fábricas em Portugal

Uma das empresas brasileiras que mais se destacam no exterior, a Embraer está apostando com força no mercado português. Os vultosos aportes para construção de duas fábricas no país demonstram o grande interesse da empresa brasileira em Portugal. Além de dar maior relevância nas relações de comércio e de investimentos entre os dois países, as fábricas ajudarão a Embraer a ter melhor acesso aos países integrantes da União Europeia. “Fizemos uma profunda análise em vários países e concluímos que Portugal seria o mais ideal para implantar as novas fábricas no continente europeu”, afirmou o presidente da Embraer na Europa, Ásia e Oriente Médio, Luiz Fernando Fuchs, que esteve presente no 6º ENBP e participou da Reunião de Cúpula do evento.

Com investimentos da ordem de €\$ 48 milhões, as duas fábricas da Embraer – a Embraer Compósitos e a Embraer Metálicas – estarão localizadas na cidade de Évora, em terrenos contíguos numa área de 54km². As obras para a construção da primeira unidade da fábrica de estruturas e componentes de aeronaves tiveram início em novembro de 2010 na cidade de Évora. De acordo com Fuchs, a previsão é de que a primeira fá-

brica fique pronta em 2012 e a produção começará em 2013. A empresa de construção portuguesa Ramos Catarino S.A., com sede em Febres, foi selecionada para realizar os trabalhos de terraplenagem, fundação e infraestrutura. “Temos a satisfação de iniciar a construção da primeira etapa do nosso centro de excelência em Portugal”, disse Fuchs. A unidade terá 30,6 km² de área construída. A nova fábrica contará com processos de linha de montagem de última geração, seguindo os conceitos de manufatura enxuta (lean manufacturing) da empresa. Fuchs destaca que o intuito da empresa é manter e aprimorar as competências do seu centro de excelência junto às organizações locais, tais como potenciais fornecedores, centros de pesquisa e universidades.

Legacy 500

Ele revelou que, em Évora, a Embraer vai produzir principalmente componentes de dois aviões da aviação executiva, o Legacy 500 e o Legacy 450, estando o primeiro mais avançado, com o protótipo a ser produzido até o final do ano no Brasil. “O Legacy 500 tem uma procura razoável e todo o equipamento e máquinas são feitos para esse avião”, afirmou.

Entre as várias peças que



sairão das duas fábricas da Embraer estão o aerofólio traseiro, o trem traseiro de estabilidade, a empenagem vertical do avião, partes da fuselagem e das asas e vários outros produtos que vão ser feitos em Évora e embarcados para o Brasil.

Concomitantemente à construção das fábricas, a Embraer está investindo e formando mão de obra local. Fuchs fez questão de elogiar o andamento do projeto de investimentos em Portugal. “Não conheço nenhuma linha de montagem em nenhum país do mundo tão moderna como as fábricas de Évora, com a tecnologia mais moderna que existe atualmente”, assinalou o executivo.

Relevância global

A Embraer é hoje uma das maiores empresas aeroespaciais do mundo e conseguiu alcançar, no primeiro trimestre de 2011, a receita líquida

de R\$ 2,17 bilhões. Além da presença em Portugal, a Embraer tem escritórios nos Estados Unidos, França, Cingapura e China gerando, no total, 17 mil empregos diretos no Brasil e no exterior. Com uma base global de clientes e importantes parceiros de renome internacional, há mais de 40 anos a Embraer vem contribuindo para integrar o mundo pela aviação, diminuindo distâncias entre povos e oferecendo o que existe de mais moderno em tecnologia, versatilidade e conforto em aeronaves.

A Embraer está presente em Portugal desde 2004, quando adquiriu o controle do capital da OGMA, empresa de manutenção, reparo e produção, localizada em Alverca. A aquisição da OGMA foi feita em parceria com o consórcio europeu EADS. Juntas, a Embraer e a EADS detém 65% do capital da OGMA e o restante pertence ao governo português. ■

O que você quer fazer nos próximos anos?

HEADS

A energia está em todos os lugares. É ela que faz o mundo girar, que faz você chegar cada vez mais longe. E para ir além, e construir um futuro melhor, é preciso pesquisar, inovar, pensar diferente. É preciso trabalhar juntos, para gerar mais energia. E mais energia quer dizer uma vida melhor para todo mundo.

Venha fazer com a gente.
Pegue o seu lugar no futuro.

www.petrobras.com.br/venhacomagente



Ministério de
Minas e Energia



O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Um acordo ambicioso

UE e Mercosul estudam mecanismos para integrar os mercados



A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF E OS PRESIDENTES DO CONSELHO EUROPEU, HERMAN VAN ROMPUY, E DA COMISSÃO EUROPEIA, JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO, DURANTE ENCONTRO PARA RETOMADA DAS NEGOCIAÇÕES DO ACORDO UE-MERCOSUL, EM BRUXELAS

A União Europeia segue como o segundo maior fornecedor para o mercado comprador brasileiro, vendendo, no total, US\$ 39,12 bilhões, em 2010

Após duas décadas de negociações, que incluem avanços e retrocessos, a União Europeia e o Mercosul estão prestes a fechar um dos mais audaciosos acordos de livre-comércio já fechados entre dois blocos econômicos. Apesar das atuais dificuldades enfrentadas na zona do euro, as oportunidades existentes a médio e longo prazo existem, e trabalhar em cima delas exige conhecimento aprofundado sobre esses dois importantes mercados regionais.

Em 2010, as exportações do Mercosul para a União Europeia foram de US\$ 56,1 bilhões e corresponderam a uma participação de 23,7% sobre o total das vendas do Mercosul (extra-bloco). Na comparação com 2009, houve crescimento de 24,3%. No mesmo período, as importações somaram US\$ 50,1 bilhões, com avanço de 37% sobre o ano de 2009, e equivaliu a uma participação, coincidentemente igual, de 23,7% do total das compras extra-bloco. Com estes resultados, houve superávit de US\$ 6 bilhões para o bloco dos países sul-americanos e a corrente de comércio totalizou US\$ 106,2 bilhões.

Dentro deste cenário, ficam verificadas as relações bila-

terais de comércio exterior e investimentos luso-brasileiras e as condições existentes para que ambos os países consigam usufruir das vantagens que surgirão com o fechamento do acordo de livre comércio.

Brasil torna-se *global player* de peso

Nos últimos anos, o Brasil vem se consolidando como um dos mais importantes players globais. Em dez anos, as exportações do País deram um salto de 263%, ao passar de US\$ 55,1 bilhões em volumes negociados em 2000 para os quase US\$ 202 bilhões em 2010. O marco deste upgrade pode ser considerado o ano de 2003, já que,

entre os anos 2000 e 2002, o comércio exterior brasileiro manteve regularidade herdada dos anos 1990.

Vários agentes contribuíram para esta evolução. Trata-se de um processo que começa no início dos anos 90, quando o País abriu o mercado para as aquisições do exterior. O principal deles foram os fortes investimentos no agronegócio, que teve um *boom* auxiliado pelo aumento da demanda internacional. Investimentos em setores como automobilístico e o aeronáutico também ajudaram a aprimorar e ampliar o parque industrial brasileiro. Há que se considerar que boa parte do aumento das exportações se deve ao aumento

das importações, que ajudaram a alavancar a competitividade do setor industrial e a sua capacidade de exportação.

O principal indicativo do nível de maturidade alcançado pelo Brasil, na última década, foi a expansão da corrente de comércio registrada no período. Em 2000, a soma de tudo o que foi exportado e importado no Brasil era de US\$ 111 bilhões. Em 2010, esta cifra superou US\$ 383 bilhões (crescimento de 345%). O aumento da corrente de comércio mostra a intensificação da abertura da economia brasileira e significa uma posição mais confortável para enfrentar ajustes econômicos ocasionados por crises externas - a exemplo do que aconteceu em 2008.

O saldo comercial seguiu pelo mesmo caminho. O Brasil saiu de um saldo negativo de US\$ 700 milhões em 2000 para US\$ 20 bilhões positivos em 2010, com um ápice de US\$ 44,9 bilhões em 2005.

Em termos de produtos, a diversificação foi realmente pequena. O Brasil continua forte exportador de matérias primas, sobretudo a venda de alimentos para o exterior. Em 2009, houve uma queda muito grande do preço das commodities, depois de um crescimento especulativo anterior a 2008. Mas, a tendência é que os preços e a demanda por alimentos continuem em ascendência para os próximos anos, o que pode impulsionar ainda mais as vendas externas do agronegócio brasileiro.

Quanto às exportações de produtos manufaturados, eles responderam, em 2010, por

53,4% das vendas ao exterior, uma participação menor que os 74,5% de 2000. Mesmo assim, nessa evolução do comércio exterior, o Brasil aprimorou os manufaturados ao tirar proveito do maior intercâmbio tecnológico.

O destino das exportações também teve maior diversificação nos últimos anos. O País aumentou presença dos seus produtos para países da América Latina e Caribe, África, Leste Europeu e Ásia. Contudo, em 2010, a União Europeia ficou em terceiro lugar como destino das exportações brasileiras, atrás de Ásia e América Latina.

Em relação às importações, a União Europeia segue como o segundo maior fornecedor para o mercado comprador brasileiro, vendendo, no total, US\$ 39,12 bilhões, em 2010, com 21,5% de *share*. Dentro da Zona do Euro, a Alemanha aparece como o principal parceiro comercial do Brasil em 2010.

Recuperação do comércio exterior português

O comércio exterior português apresentou evolução favorável no ano de 2010, com aumento das exportações em 16% em relação a 2009, atingindo a cifra de 37 bilhões de euros. As importações também registraram crescimento, marcando 10,5% a mais em relação ao ano anterior, totalizando € 57 bilhões. O resultado positivo verificou-se em 21 dos 22 principais mercados de destino, que absorveram, nos últimos três anos, mais de 85% das exportações totais portuguesas. Angola foi a exceção.

Segundo dados do gover-



no português, as exportações para mercados fora da União Europeia aumentaram 18% e dentro do bloco, 15%. A União Europeia absorveu 75% das exportações lusas. Apesar do desempenho positivo, a balança comercial portuguesa continuou a apresentar saldo negativo de € 20 bilhões.

A Espanha continua a ser o principal cliente português. Em 2010, as importações espanholas aumentaram € 1 bilhão, chegando a € 10 bilhões, ou 27% do total vendido por Portugal ao exterior. Seguiram-se Alemanha (13%), França (12%), Reino Unido (5%) e Angola (5%). A Espanha foi, também, o principal fornecedor de Portugal. Vendeu ao país € 18 bilhões (31% das importações portuguesas). Seguiram-se Alemanha (14%), França (7%), Itália (6%) e os Países Baixos (5%).

Face à crise econômico-financeira, o bom desempenho do comércio exterior animou o Governo português, não obstante a persistência de elevado saldo negativo na balança comercial. Melhor desempenho exportador não será, contudo, suficiente para evitar eventual recurso do país ao FMI e ao Fundo Europeu de Estabilização Financeira (FEFF). Deteriora-se

Em 2010, as exportações do Mercosul para a União Europeia foram de US\$ 56,1 bilhões e corresponderam a uma participação de 23,7% sobre o total das vendas do bloco

rapidamente a classificação de risco da dívida portuguesa. Além de saldar o passivo comercial, Portugal teria que apresentar resultados muito acima da média. Primeiro: tornar o comércio exterior superavitário. Segundo: produzir superávit capaz de efeito notável sobre as contas do país.

Do que exporta, a Europa absorve 75%. Do que importa, fornece 76%. Aparecem como compradores importantes Angola, EUA e Brasil e, como principais fornecedores, China, Nigéria e Brasil. As exportações originalmente portuguesas (excluído o comércio intrafirmas envolvendo as filiais das multinacionais instaladas no país) ▶

continuam, com todos esses países, ancoradas em produtos primários ou com baixo valor agregado.

Comércio bilateral

O Brasil passou, em 2010, de 11º a 10º importador mais relevante de Portugal. As exportações portuguesas ao Brasil aumentaram 34% em relação a 2009 e as exportações brasileiras a Portugal 18% no mesmo período. O País ocupa também a 10ª posição entre os fornecedores de Portugal. O Brasil é hoje o terceiro comprador extracomunitário de Portugal, atrás de Angola e EUA, e o 3º fornecedor depois de Nigéria e China. Assim, é considerado pelas autoridades portuguesas como alvo prioritário à diversificação do comércio exterior do país.

A crise financeira oferecerá, eventualmente, oportunidades para ampliar a pauta e as parcerias do comércio bilateral. Haja vista, por exemplo, o aumento da participação dos vinhos portugueses nas importações brasileiras, apesar da nossa proximidade de Chile e Argentina, parceiros do Brasil no Mercosul. Também a participação de empresas portuguesas de energia (EDP e Martifer) e telecomunicações (PT-Oi) no Brasil poderiam contribuir para o adensamento e qualificação do comércio bilateral. Em sentido contrário, a construção de fábrica da Embraer em Évora e as parcerias entre a Petrobras, a Galp e a Partex também poderiam favorecer novas correntes de cooperação e de comércio.

Para reforçar sua presença no mercado brasileiro, a

AICEP Portugal Global (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal), promoverá campanha de imagem, destinada à mudança na pauta tradicional de exportações portuguesas para o mundo, hoje 65% concentrada em produtos ou serviços que incorporariam, segundo a AICEP, tecnologia média ou alta. Ocorre, entretanto, em Portugal situação



semelhante à do Brasil: a indústria aqui instalada é parte do processo de transformação de multinacionais em escala mundial. Assim, Portugal atende primordialmente à União Europeia e ancilarmente a mercados extracomunitários, segundo a estratégia das matrizes.

Entre as dez principais firmas exportadoras instaladas em Portugal, somente duas são portuguesas: Petrogal (Petróleos de Portugal, empresa do grupo da Galp Energia) e Portucel Soporcel (celulose e papel). As demais são: Autoeuropa, Continental Mabor, Repsol, Bosch Car, Peugeot Citroen, Somincor e Philip Morris Internacional Management.

Os principais produtos no comércio com o Brasil continuam a ser os tradicionais azeite, bacalhau e vinho (são igualmente relevantes os derivados). Também as exportações brasileiras a Portugal concentram-se em produtos primários (petróleo e produtos alimentares). O potencial de mudança na qualidade do comércio apresenta-se, em princípio, reduzido e a possibilidade de sua modificação, a partir de investimentos feitos por empresas de serviços, está para ser comprovada.

Vale lembrar que, à exceção da fábrica da Embraer a ser instalada em Évora, as demais empresas brasileiras de porte representadas em Portugal são grandes construtoras. ■

Brasil aposta na competitividade do agronegócio para entrar com força no mercado europeu



UE-Mercosul: uma relação promissora



Representante da União Europeia no Brasil, o ministro conselheiro Juan Victor Monfort destaca a importância dos investidores brasileiros no processo de recuperação econômica dos países do bloco europeu.

Ele marcou presença no 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal e defendeu o reforço dos laços comerciais entre o Brasil e os países que compõem a zona do euro. Falando à Revista Missão Empresarial, Monfort fez, ainda, um retrospecto positivo sobre o evento. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

Na sua avaliação, qual é a importância do 6º ENBP e como o senhor acredita que este evento pode ajudar a incrementar ainda mais as relações Brasil-Portugal e Brasil-UE?

MONFORT: Eu acho que essa reunião foi muito relevante. Há uma grande possibilidade de incrementar, de aumentar os investimentos, que já são muito importantes. As relações entre Brasil e alguns países europeus, como a Alemanha, França, e mesmo Portugal, já são muito grandes. Acho que temos muitas possibilidades de dar um salto qualitativo porque esse tipo de encontro permite aos homens de negócios se reunirem e fazerem progressos.

Então, apostar no mercado português pode ser uma via de entrada para os negócios do Brasil em outras economias da zona do euro?

MONFORT - O sistema que temos na União Europeia é que quando um produto entra num país do bloco, ele tem livre circulação para 27 países e 500 milhões de consumidores. Então, as relações entre Brasil e Portugal, históricas e tradicionais para os investidores brasileiros, representam grandes oportunidades de acesso ao bloco europeu. E as correntes de investimento entre o Brasil e a UE estão aumentando de uma maneira muito

importante, seja com Portugal ou com outros países, e esta é uma oportunidade para continuarmos essa corrente de investimentos.

Apesar da crise mundial, as economias europeias estão tentando se recuperar. O Brasil bateu recorde, nos sete primeiros meses de 2011, no seu volume de comércio exterior com Portugal. Como o senhor entende a importância do Brasil para ajudar os países da UE nesse processo de recuperação econômica da região?

MONFORT: Não sou especialista em economia, mas sabemos que estamos num momento difícil. Contudo, todos temos confiança de que os problemas serão resolvidos. Eu acho que a crise apresenta também muitas oportunidades, e o Brasil está num momento muito brilhante do seu crescimento econômico. Não só Portugal, mas vários países da UE precisam de investimentos estrangeiros. Então, é um momento ótimo para que as empresas do Brasil façam investimentos interessantes na Europa.

O que a UE espera do Brasil?

MONFORT: Bom, somos o primeiro parceiro comercial do Brasil. Somos o primeiro investidor no Brasil. A União Europeia investiu mais no Brasil, que em toda a Rússia, China e Índia juntas. En-

tão, para nós, o Brasil e todo Mercosul são um parceiro muito importante. Esperamos que o Brasil faça investimentos na UE e que o comércio entre os países dos dois blocos, que tem ainda muitas possibilidades de crescer, continue aumentando.

O que o senhor acha da possibilidade de o Brasil vir a adquirir eurobônus como forma de ajudar os países da UE em grave crise, como Portugal?

MONFORT: Ainda não temos uma decisão sobre a criação do eurobônus. A Comissão Europeia pronunciou-se a favor da emissão com certas condições. A CE está trabalhando sobre isso, mas, por enquanto, os eurobônus não existem. Quando eles existirem, todos os compradores de eurobônus serão muito bem-vindos. ■



TECNOLOGIA DE PONTA

Rio terá o maior polo tecnológico de óleo e gás do mundo

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) vai instalar, até 2014, um dos mais dinâmicos centros de tecnologia do mundo, onde representantes serão empresas de ponta da indústria do petróleo e gás, além de meio ambiente e tecnologia da informação. O objetivo da UFRJ é criar na Ilha do Fundão um “parque industrial” de excelência em alta tecnologia do século XXI, aliado à vocação natural do estado do Rio no setor de alta tecnologia de petróleo e gás.

Até o fechamento desta edição, já foram confirmadas para se instalarem no centro tecnológico: Schlumberger, Siemens, FMC Technologies, Usiminas, Tenaris Confab, EMC Computer Systems, BR Distribuidora, ESSS Engineering Simulation and Scientific Software, Ilos Instituto de Logística e Supply Chain, PAM Membranas. Apesar de não estar administrativamente no parque da UFRJ, a GE (General Electric) também vai integrar fisicamente o complexo – por um acordo da prefeitura do Rio e do governo do Estado com o Exército, dono de área de 50 mil m², no Fundão. Neste contexto, o Rio de Janeiro desponta como uma força importante para a atração de investimentos, treinando e formando mão de obra altamente qualificada, gerando negócios milionários e aumentando,

Empresas de ponta do setor de petróleo vão estabelecer na Ilha do Fundão, da UFRJ, o maior parque tecnológico de pesquisas em petróleo, gás e energia do mundo, com investimentos privados de R\$ 500 milhões. Será a Ilha do Petróleo, voltada para os desafios do pré-sal

assim, a arrecadação da cidade e do estado.

Serão, ao todo, 5.000 funcionários de alto nível técnico – entre engenheiros, geólogos, profissionais de informática, geofísicos – de diversas nacionalidades (embora a predominância seja de cerca de 90% de brasileiros), em um universo global, característico do mundo acadêmico e científico. Tudo isso dentro de uma área de 350 mil m².

Infraestrutura instalada de pesquisa

Uma importante vantagem do parque é a infraestrutura já existente, que inclui – além da própria UFRJ



FOTO: UFRJ

PRÉDIO DA UFRJ: O LOCAL ABRIGARÁ AS PRINCIPAIS EMPRESAS DE TECNOLOGIA DO MUNDO

– o segundo mais possante supercomputador da América Latina e o LabOceano, maior e mais profundo laboratório oceânico do mundo, ambos da Coppe. O objetivo é que se relacionem e tenham contratos de pesquisa com a UFRJ. “O supercomputador faz parte do pacote de tecnologia do parque. Não tem sentido cada empresa ter o seu se pode usar o nosso”, disse Álvaro Coutinho, coordenador do Nacad (Núcleo Avançado de Computação de Alto Desempenho), da Coppe, em entrevista a um importante jornal do Rio de Janeiro.

Também presidente da Associação Internacional de Parques Tecnológicos, Maurício Guedes explica que o conceito é o de interação pessoal permanente, em um ambiente de criatividade e

inovação. “É a magia do parque tecnológico: o convívio pessoal, o encontro ocasional no restaurante, essa troca entre estudantes, professores, pesquisadores, gente entusiasmada criando empresas. É dessa forma que se cria e gera negócios”, vibra.

O supercomputador e o LabOceano têm como principais clientes a Petrobras e o seu Cenpes (Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello), instituição de pesquisa que lançou a semente inicial do parque. Para entrar na Ilha do Petróleo, as empresas terão concessão, mediante licitação, de uso dos terrenos por 20 anos, renovável por mais 20, mediante o pagamento de aluguel, cujo valor mensal varia de R\$ 3 a R\$ 20 por metro quadrado. ■

Rumo à internacionalização

Uma das maiores empresas do Brasil, a Eletrobras expande os seus negócios para outros países

Empresa participante do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal, a Eletrobras é uma empresa em expansão. Considerada uma das dez marcas mais valiosas do Brasil e avaliada em US\$ 2,5 bilhões, a Eletrobras é líder em valor entre as empresas latino-americanas de energia elétrica e a 16ª entre as companhias mundiais do setor. Dentro desse perfil, promover avanços de negócios para outros países vem a se tornar uma etapa natural para a consolidação do crescimento da empresa.

O processo de internacionalização da Eletrobras teve início em 2009, durante a gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). A partir de então, a empresa vem aumentando sua carteira de negócios, sempre pensando nos mercados mais vantajosos para se estabelecer. “Temos uma carteira diversificada. Além da interligação com o Uruguai, o projeto da usina de Tumarín, na Nicarágua, encontra-se na fase final de decisão de início de construção e terminamos o estudo de viabilidade para a usina de Inambari, no Peru. Há estudos de prospecção de empreendimentos de energia limpa e renovável no Uruguai, Argentina, Peru, Bolívia, na Guiana, Suriname, Costa Rica, El Salvador, Estados Unidos, Angola, Moçambique, Namíbia, Nepal e na Venezuela”, disse o superintendente de Operações no Exterior da empresa, Sival Zaidan Gama.

De acordo com Gama, os escritórios que a empresa atualmente mantém no exterior – Uruguai (Montevidéu), Peru (Lima) e Panamá (Cidade do Panamá) – mostram-se de grande utilidade na observação dos mercados regionais, além de serem uma importante entrada de propostas de negócios. “Os escritórios

servirão como base para o novo escritório centro-americano, recém-instalado, que certamente nos ajudará na nova modelagem dos futuros escritórios da América do Norte e da África”, analisa o executivo. Ele também se mostra animado com o mercado da América Central. “É um mercado interessante porque o conjunto dos países apresenta uma matriz de geração elétrica com elevada potencialidade de mudança para uma matriz limpa e renovável. Com o nosso conhecimento em geração deste tipo de energia, podemos ajudá-los a limpar a matriz e, ainda, contribuir para melhorar a economia de cada um, já que o custo é inferior e terão utilizados insumos locais, sem necessidade de importação”, afirma. “Do nosso lado, podemos aprender muito com os centro-americanos na

área de integração energética, pois o sistema da América Central é totalmente interligado”, completa o executivo.

Em relação a Portugal, apesar de não haver conversações concretas que atestem parcerias com empresas do país europeu, o presidente da Eletrobras, José da Costa Carvalho Neto, disse, em entrevista à Revista Missão Empresarial, que há a ideia de estabelecer negócios por lá. “A Eletrobras, maior companhia de energia elétrica da América Latina, sente-se honrada em participar da 6ª Bienal Brasil-Portugal. Não só porque a participação em eventos como esse fazem parte da nossa estratégia de internacionalização, mas também porque, mais que povos irmãos, Brasil e Portugal são duas nações de destaque no cenário internacional”, considerou.

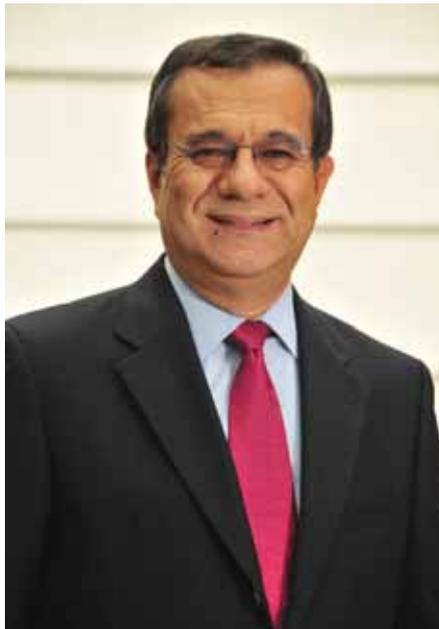
Presença da Eletrobras no mundo



Investindo no Brasil

A EDP acredita no potencial energético brasileiro

Há 15 anos no Brasil e presente em sete estados do país, a holding portuguesa Energias do Brasil – EDP contabilizou, no primeiro semestre deste ano, lucro de R\$ 875,4 milhões, representando crescimento de 7,8% em relação ao mesmo período de 2010. Esse resultado, fruto do bom momento da economia interna brasileira, dá ânimo para que a empresa aumente o fluxo de investimentos em projetos de energia no Brasil, sem esquecer de promover políticas de sustentabilidade. Antonio Pita de Abreu é presidente da Energias do Brasil e falou com a revista Missão Empresarial. Ele afirmou que o encontro serviu para consolidar as relações bilaterais luso-brasileiras. “No encontro tivemos a oportunidade de discutir as relações comerciais e o fluxo de investimentos entre os dois países, apontando entraves, soluções e oportunidades para o comércio e investimentos bilaterais”. Confira, abaixo, os trechos da entrevista.



PITA DE ABREU, PRESIDENTE DA ENERGIAS DO BRASIL

“A EDP acredita que o Brasil apresenta todas as condições para prosseguir no rumo de forte desenvolvimento”

a estratégia de investimento com risco controlado e garantia de rentabilidade para nossos acionistas. O índice EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciações e amortizações) atingiu R\$ 875,4 milhões entre janeiro e junho, aumento de 7,8% em comparação ao mesmo período de 2010. Já a receita líquida no primeiro semestre foi de R\$ 2,7 bilhões, incremento de 12,4% na comparação com os primeiros seis meses de 2010. O lucro líquido também segue crescendo em 2011. No primeiro semestre o montante atingiu R\$ 316,5 milhões, alta de 2,5% em relação a 2010.

O senhor poderia falar sobre os mais importantes investimentos da empresa para os próximos anos?

PITA DE ABREU - A EDP promoveu um investimento da ordem de R\$ 283,1 milhões neste primeiro semestre, dos quais R\$ 145,6 milhões foram investidos em distribuição, enquanto outros R\$ 136,6 milhões foram destinados para geração. Nosso plano de negócios é crescer em geração e continuamos prospectando negócios nessa área. Nos próximos anos vamos ampliar nosso parque gerador com a entrada em operação em 2012 da Termelétrica de Pecém, em parceria com a MPX, no Ceará. Acabamos de adquirir a Usina Hiroelétrica de Energia – UHE Santo Antônio do Jari, com capacidade 370 MW. Além disso, continuamos a olhar um conjunto de projetos de PCH, Térmica a gás e eólica para identificar a melhor oportunidade. Não sabemos a rentabilidade de cada projeto e nossa meta é sempre oferecer bons rendimentos aos nossos acionistas.

A demanda por energia está crescendo no Brasil em função do aquecimento da eco-

Como foi o ano de 2010 para a EDP - Energias do Brasil?

PITA DE ABREU - Contabilizamos um bom desempenho em 2010, tanto do ponto de vista financeiro, como de negócios. No aspecto financeiro, conseguimos manter o ritmo de redução de custos e cumprimos o racional estratégico de crescimento orientado e risco controlado. Mesmo com o impacto das novas regras fiscais, os números se mantiveram

favoráveis, impulsionados, principalmente, pela venda de energia. Na área de negócios, concretizamos os planos de desenvolvimento de projetos de inovação, como a Mobilidade Elétrica.

E como está sendo 2011?

PITA DE ABREU - Em 2011, até esse primeiro semestre, a EDP vem mantendo sua trajetória de crescimento e eficiência. Nosso plano de atuação segue com coerência

nomia. Como a EDP está respondendo à atual conjuntura?

PITA DE ABREU - O Brasil está em franco desenvolvimento econômico e cada vez mais precisará de energia firme e capaz de suportar a demanda do crescimento industrial. A EDP acredita que o Brasil apresenta todas as condições para prosseguir no rumo de forte desenvolvimento e de continuado progresso na melhoria da qualidade de vida de toda a sua população. O setor energético é um dos pilares fundamentais para esse desenvolvimento. A EDP está preparada para contribuir com a concretização desse objetivo. Como já mencionei, continuamos investindo em Geração e Distribuição. Ampliaremos nosso parque gerador com a entrada em operação da Termelétrica Energia Pecém, adquirimos a UHE Santo Antônio do Jari e continuamos analisando um conjunto de projetos de geração de energia para identificar as melhores oportunidades.

Em relação à presença da empresa no Brasil, o que o senhor poderia falar dessa relação entre a EDP e o mercado brasileiro?

PITA DE ABREU - A subsidiária brasileira representa 21% dos negócios globais da matriz EDP. Esse número expressivo e os resultados apresentados pela companhia comprovam a importância estratégica do Brasil para os negócios do Grupo. A expectativa da EDP no Brasil é manter o ritmo de alta, com crescimento acompanhando o PIB brasileiro, que deve subir na casa dos 3% em 2011. Desde 2005, quando abriu capital na Bolsa de Valores de São Paulo – BM&F/Bovespa, a EDP teve uma valorização de seus papéis em 107%. Ou seja, a EDP é uma empresa com boa performance e história sólida de retorno aos acionistas. Por isso, vamos manter o plano de negócios de crescimento em geração e aumento de eficiência em distribuição.

De que forma a EDP tem desenvolvido políticas de sustentabilidade ambiental?

PITA DE ABREU - Como geradora de um produto essencial à população, a EDP se preocupa em oferecer qualidade sem

comprometer as gerações futuras. Por isso, a sustentabilidade é um princípio que a EDP aplica em toda a cadeia de valor e está na base da sua estratégia comercial. A EDP mantém suas ações no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), da BM&F/Bovespa, pelo quinto ano consecutivo. Também participamos do primeiro Registro Público de Emissões GEE – Gases de Efeito Estufa do Brasil e estamos entre as 35 empresas brasileiras que estão na dianteira da economia de baixo carbono e que passaram a reportar voluntariamente suas emissões neste registro. Em inovação, destaca-se o EDP 2020 – Prêmio de Inovação e Empreendedorismo. Com distribuição de R\$ 1 milhão ao longo de 10 anos, busca-se estimular o desenvolvimento de projetos inovadores no setor energético

energético e redes inteligentes, promovendo o desenvolvimento de tecnologias energéticas mais limpas e eficientes, assim como o uso racional e seguro da energia. A EDP também mantém o Instituto EDP como uma plataforma de relacionamento com todas as partes interessadas na dimensão socioambiental, devendo melhorar a eficácia da atuação das empresas do Grupo EDP no Brasil nesta área. Nele são apoiados projetos que envolvam educação, cultura e meio ambiente.

Qual foi a avaliação da empresa e o que foi tratado durante o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal?

PITA DE ABREU - Minhas avaliações são as melhores possíveis. Estivemos ao lado dos principais empresários do Brasil e

FOTO: DIVULGAÇÃO



A EDP FEZ DOAÇÃO DE BICICLETAS ELÉTRICAS PARA A SEGURANÇA PÚBLICA EM DIVERSOS ESTADOS BRASILEIROS

co, promovendo o empreendedorismo. A EDP foi responsável por implantar a primeira rede de abastecimento para veículos elétricos do Brasil e por desenvolver a maior frota deste tipo de veículos do País por meio da doação de bicicletas elétricas para organizações de segurança pública.

Isso se aplica a iniciativas que visem à eficiência energética?

PITA DE ABREU - Sim. A EDP também possui uma política de ações de eficiência

de Portugal, além de importantes lideranças políticas dos principais países da língua portuguesa no mundo. Brasil e Portugal têm uma ligação muito forte e antiga e é natural esperar que nossa parceria empresarial se solidifique cada vez mais, com ganhos para ambos. No encontro tivemos a oportunidade de discutir as relações comerciais e o fluxo de investimentos entre os dois países, apontando entraves, soluções e oportunidades para o comércio e investimentos bilaterais. ■

Apostando em Portugal

Petrobras investe e acredita no potencial energético do país

Uma das maiores empresas do mundo e com forte presença internacional, a Petrobras está apostando no mercado de energia de Portugal. Atuando em sete blocos de exploração no país europeu, a petrolífera brasileira acredita que há um enorme potencial de energia fóssil em águas profundas portuguesas e que, caso confirmado, poderá representar grandes ganhos tanto para a empresa como para Portugal. Do ponto de vista técnico, a aposta da empresa reside na possível similaridade geológica entre a costa de Portugal e a costa Leste do Canadá, onde existem descobertas de campos de petróleo em produção. A estratégia da estatal brasileira, conforme descrita pela direção internacional da empresa, consiste em utilizar, em Portugal, a sua expertise na exploração em águas profundas, apostando na parceria estratégica com a Galp e a Partex, principais *players* na indústria do petróleo no país.

Portugal importa 100% do petróleo que consome, cuja média é de 300 mil barris por dia, o que faz com que seja cada vez mais importante investir em produção e exploração deste combustível fóssil, mesmo que seja um projeto de alto risco.

O grande fato relevante para a Petrobras no processo de E&P em Portugal deu-se



FERNANDO CUNHA, GERENTE-EXECUTIVO DA PETROBRAS PARA AMÉRICA, ÁFRICA E EURÁSIA

após o início das operações de mapeamento sísmico em 3D, possibilitando, assim, melhor aferição do subsolo para identificar potenciais de reservas de petróleo. O local da operação está situado na bacia do Periche, numa área que abrange 2 mil km² e com previsão de conclusão do mapeamento para o início de 2011. Através dos resultados desses estudos é que poderá ser avaliado os méritos para operações de perfuração de poços.

Ao lado da parceria com a Galp no Brasil, a Petrobras está atuando em conjunto com a petrolífera portuguesa em blocos exploratórios operados pela Petrobras no pré-sal brasileiro, onde as duas empresas são parceiras em 30 áreas de concessão no Brasil. Sete delas estão loca-

“A estratégia de suprimento das unidades de biodiesel prevê o plantio de palma em áreas ocupadas, com atuação em uma das regiões mais afetadas pelo desmatamento no estado do Pará”

lizadas na Bacia de Santos, onde estão as principais descobertas do pré-sal.

Biocombustíveis

A parceria com Portugal também existe no setor de biocombustíveis, a Petrobras lançou, recentemente, dois

projetos de produção de biodiesel a partir de óleo de palma (dendê). “Trata-se de uma usina de biodiesel própria – o projeto Biodiesel Pará – e de um projeto de produção de biodiesel em Portugal em parceria com a Galp Energia, denominado Projeto Belém. A estratégia de suprimento das unidades de biodiesel prevê o plantio de palma em áreas ocupadas, com atuação em uma das regiões mais afetadas pelo desmatamento no estado do Pará”, disse o gerente-executivo para América, África e Eurásia, Fernando Cunha. Com isso, os projetos trarão benefícios ambientais, com a recuperação destas áreas, proporcionando proteção de solo, equilíbrio ecológico e a reintegração econômica destas regiões com pouca atividade produtiva. “Os plantios também irão contribuir com a redução de gases de efeito estufa no ciclo de produção do óleo vegetal e na produção de biodiesel”, afirmou o representante da Petrobras. Os projetos apresentam impactos econômicos e sociais positivos para a região. Ao todo, serão gerados sete mil empregos diretos, sendo cerca de 5.250 no setor agrícola e 1.750 na área industrial e de logística e ainda serão envolvidos 2.250 agricultores familiares no plantio de palma. ■

Centenário de conquistas

Conhecido defensor do incremento das relações comerciais entre Brasil e Portugal, Arlindo Catoia Varela comemora o aniversário de 100 anos da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro.

Ex-presidente da entidade e atual integrante do seu conselho, Varela considerou um sucesso a realização do 6º ENBP, ressaltando a importância das instituições empresariais do Rio de Janeiro, entre elas a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) e a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) para a melhoria das relações luso-brasileiras.

.....

Como foi a sua gestão na presidência da CPCIRJ?

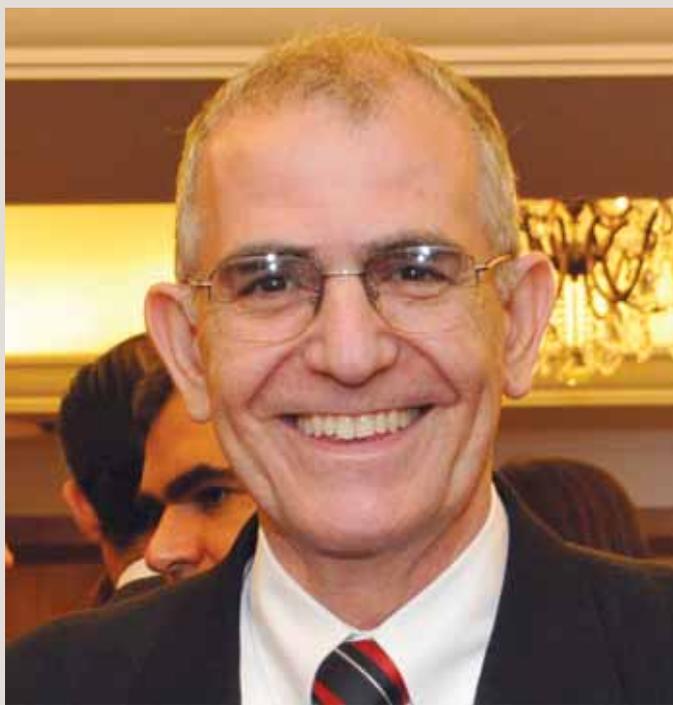
VARELA – Quando eu assumi a presidência da Câmara Portuguesa em 2002, procurei, inicialmente, estabelecer uma dinâmica que desse destaque a Câmara, e, com isso, poder angariar recursos para saldar os compromissos financeiros que existiam. O escritório Domingues e Pinho Contadores foi um grande parceiro nesse processo, pois muito ajudou, juntamente com o Ricardo Coelho, do escritório Pinheiro Neto Advogados e Ricardo Pellizzaro da Consultoria Pellizzaro Assessoria em Comércio Exterior. Assim, realizamos eventos com o patrocínio desses parceiros e de outros associados e conseguimos, desta forma, sanear as finanças e preservar o patrimônio da Câmara. Tão logo assumi a presidência da Câmara, reuni-me com o responsável pelo Centro Internacional de Negócios (CIN) da Firjan, Amaury Temporal,

para que as instituições pudessem atuar em conjunto em tudo que se relacionava com Portugal. Nesta época, fomos convidados para nos instalar no edifício da Firjan, no centro do Rio.

E como foram os trabalhos de aproximação com empresas portuguesas?

VARELA – Anos mais tarde, fazendo parte da Diretoria da Federação das Câmaras de Comércio Exterior (FCCE), inauguramos um ciclo de Seminários, iniciando com Portugal, sobre as relações empresariais com os países que o Brasil tem interesses estratégicos. Estiveram presentes várias empresas portuguesas. Depois desse, mais outros dois encontros foram realizados (2006 e 2010)

O senhor poderia falar sobre o histórico de participação do Rio de Janeiro como cidade anfitriã dos Encontros de Negócios entre Brasil e Portugal?



VARELA É UM MEMBRO ATUANTE DA COMUNIDADE EMPRESARIAL LUSO-BRASILEIRA

VARELA – Considerando o desejo de realizar no Rio de Janeiro o IV Encontro de Negócios Brasil-Portugal promovido pelo Conselho das Câmaras Portuguesas no Brasil, trabalhei ativamente na elaboração do programa e na própria organização do evento, e, em 2007, realizamos o IV Encontro de Negócios, que foi um sucesso. Em 2011, para melhor refletir a importância dos 100 anos de atuação da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, tomei a iniciativa de pedir à Presidência do Conselho das Câmaras Portuguesas no Brasil que o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal fosse realizado no Rio de Janeiro. Fico imensamente grato ao Rômulo Alexandre Soares, Presidente do Conselho, e aos demais presidentes das Câmaras Portuguesas espalhadas pelos diversos estados do Brasil que aceitaram e aprovaram a iniciativa. Em especial quero aqui registrar meu

agradecimento ao Joaquim Firmino, Presidente da Câmara Portuguesa do Rio Grande do Sul que gentilmente aceitou transferir o VI Encontro de Negócios que seria realizado em Porto Alegre para a Cidade do Rio de Janeiro para se comemorar o centenário.

Como o senhor avaliou o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal?

VARELA – Neste 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal, pudemos comemorar os 100 anos de atuação da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, que sempre promoveu as relações empresariais entre os dois países. Neste momento da crise internacional, temos a obrigação de movimentarmos toda a nossa capacidade de trabalho na promoção da economia portuguesa, fomentando a exportação de produtos e serviços portugueses para que se gere mais riqueza e emprego em Portugal. ■

Por um Rio de Janeiro mais globalizado

Para o governo do estado, o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal sinaliza a importância do Rio de Janeiro no contexto das relações internacionais

FOTO: GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



“Mostramos aos empresários portugueses que este é o momento de investir no Rio de Janeiro”

PEDRO SPADALE

Sub-secretário de Relações Internacionais do Rio de Janeiro

Alimentado por um extenso calendário de eventos, além de ser destino de grandes investimentos nas mais diversas áreas e setores, o governo do estado do Rio de Janeiro está atento às oportunidades que vêm surgindo para o desenvolvimento econômico, sobretudo em relação à vinda de aportes de recursos estrangeiros. Neste ponto, o governador Sérgio Cabral resolveu dar, a partir de 2007, mais destaque à área internacional do governo, dotando-a com mais estrutura. Dessa forma, os seus representantes agirão de modo mais atuante no processo de desenvolvimento de

políticas que promovam um ambiente mais receptivo para investimentos. O subsecretário de Relações Internacionais do Rio de Janeiro, Pedro Spadale, é um desses agentes e esteve ao lado do governador Sérgio Cabral e do vice Luiz Fernando Pezão, no 6º ENBP. Ele comentou, entre outros assuntos, o empenho e compromisso do governo estadual em colocar o Rio como rota de grandes investimentos em setores estratégicos que serão benéficos não só para o estado, como para o Brasil como um todo. “Mostramos aos empresários portugueses que este é o momento de investir no Rio de Janeiro”. Confira, a seguir, os principais trechos da entrevista.

Como vêm sendo as relações entre o governo do estado do Rio de Janeiro e outros países?

SPADALE – O Rio de Janeiro vive um momento especial que precisa ser devidamente divulgado em todo o mundo. O Rio sempre teve uma grande vocação cosmopolita, sobretudo a partir da transferência da família real há pouco mais de dois séculos. Nos últimos anos, entretanto, nossa exposição na mídia internacional ganhou um novo impulso com a realização dos megaeventos dos próximos anos e com a pujança econômica do nosso Estado. Outro fator a ser mencionado é a reestruturação da área internacional do Governo, realizada pelo Governador Sérgio Cabral a partir de 2007. Ganha-

mos celeridade e estrutura para ampliar-mos nossa rede de contatos com parceiros estrangeiros, com foco na atração de novos investimentos, estabelecimento de iniciativas frutíferas de cooperação técnica e captação de financiamentos externos.

O estado do Rio está sendo palco de grandes investimentos. Como os empresários estrangeiros observam as oportunidades de investimento em nosso estado?

SPADALE – O Rio de Janeiro apresenta uma agenda de investimentos estimada em R\$ 186 bilhões – US\$ 102 bilhões – de investimentos públicos e privados em diversas áreas, de acordo com a Federação

das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), com destaque para setores estratégicos como petróleo e gás, logística e siderurgia. Em grande parte, esse calendário é derivado desse atual cenário de alinhamento entre as esferas federal, estadual e municipal dos Governos, o que possibilitou que projetos “engavetados” há anos saíssem do papel e que captássemos mais recursos para grandes obras, como de infraestrutura, transportes e saneamento. A mensagem que estamos passando ao mundo é que o Rio é muito mais do que lindas paisagens, carnaval e futebol. Produzimos mais de 80% do petróleo e mais de 50% do gás do Brasil, mais de 35% do aço e mais de 10% da indústria automobilística, sem contar que somos o coração da indústria naval brasileira, concentrando mais da metade dos contratos e dos empregos. E em 2010, segundo o Banco Central, nosso estado recebeu 52% de todo o investimento externo direto no país, que bateu recorde de mais de US\$ 48 bilhões. Se considerarmos que há três anos não recebíamos nem 23% do total. As oportunidades estão literalmente em todos os setores.

Quais foram as impressões do senhor e do governo estadual a respeito do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal realizado no Rio de Janeiro?

SPADALE – Foram as melhores, sem dúvida. Mostramos aos nossos amigos portugueses que o Rio tem se tornado um grande centro de negócios internacionais. Os dados recentes já mostram crescimento expressivo no comércio bilateral entre Brasil e Portugal que, de janeiro a junho de 2011, registrou a cifra de US\$ 1,32 bilhão, aumento de 52% em relação ao mesmo período do ano passado. O governo do estado do Rio percebeu que o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal foi uma oportunidade para alavancar ainda mais as relações comerciais entre os dois países e, mais do que tudo, entre as empresas do Rio de Janeiro e de Portugal.

O que os empresários portugueses podem encontrar de vantagens para se instalarem e investirem no estado do Rio?



ALUNOS DA FAETEC PARTICIPAM DA OLIMPIADA BRASILEIRA DE ROBÓTICA: FORMAÇÃO DE MÃO DE OBRA QUALIFICADA É UMA DAS PREOCUPAÇÕES DO GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SPADALE – Deixamos claro para os empresários portugueses que este é o momento de investir no Rio de Janeiro. O Estado vem superando problemas antigos, que há muito preocupavam os investidores estrangeiros. Estamos trabalhando arduamente para tornar o Estado mais célere, transparente e eficiente, melhorando a gestão e criando um ambiente favorável aos negócios. E o melhor indicador que estamos no caminho certo, é o fato de o Rio registrar, ano após ano, números recordes de empresas abertas, além de termos sido o primeiro Estado da América do Sul a receber o *Investment Grade*, da agência Standard&Poor's. Agora, com um Estado mais seguro, com qualidade de vida e mão de obra qualificada, é o cenário perfeito para ampliarmos os investimentos e a corrente comercial. Além disso, o Rio possui, hoje, um pacote bastante atraente de incentivos fiscais e financeiros para a instalação de empresas de setores estratégicos.

O senhor compartilha da opinião de que a crise nos países centrais pode oferecer boas oportunidades de negócios para os países emergentes, e, assim, beneficiar a economia do nosso estado?

SPADALE – Sem dúvida. Uma das maneiras de as empresas europeias e norte-americanas ultrapassarem essas tur-

bulências é apostar nos mercados emergentes. O Brasil, como um todo, e o Rio de Janeiro, em particular, oferecem grandes vantagens para as empresas, como um mercado consumidor cada vez mais amplo e com maior poder aquisitivo, grandes reservas de matérias primas, ambiente político estável e regras empresariais claras.

O que o governo do estado está fazendo para superar os desafios existentes que podem representar problemas para o investidor estrangeiro?

SPADALE – Os desafios são múltiplos e, em boa parte, derivam de um período prolongado de descaso e abandono vivido pelo Estado. Temos que melhorar nossa infraestrutura logística para ampliar a competitividade internacional de nossos produtos, capacitar ainda mais nossa mão de obra para garantir a continuidade do crescimento e trabalhar para reduzir a carga tributária sobre as operações privadas. Já avançamos bastante nesses setores, como os investimentos em parceria com o Governo Federal para a melhoria e modernização de portos, rodovias e ferrovias, qualificando um grande contingente de trabalhadores por meio da FAETEC e de programas como o PROMINP e reduzimos sensivelmente os tributos para estimular novos investimentos. ■

“O Brasil é uma prioridade para o banco Caixa Geral de Depósitos”

Representante do banco CGB fala sobre a presença da instituição no país

FOTO: DIVULGAÇÃO



O PRINCIPAL BANCO DE PORTUGAL, CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, QUER AMPLIAR A SUA PRESENÇA NO MERCADO BRASILEIRO. ACIMA, FACHADA DA SEDE DA INSTITUIÇÃO, EM LISBOA.

Instituição financeira do governo português, o banco Caixa Geral de Depósitos investe no crescimento do mercado brasileiro, de olho, principalmente, nas oportunidades que o Rio de Janeiro está atraindo. Prova disso é a abertura de uma agência no centro financeiro da capital fluminense ainda este ano. “Existe uma série de projetos, não só no município do Rio de Janeiro como em todo estado”. A frase é de Maria Isabel Aboim, superintendente do Caixa Geral-Brasil, o braço brasileiro do banco português Caixa Geral de Depósitos. A executiva participou do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal e falou com a Revista Missão Empresarial.

Como é a atuação do Caixa Geral-Brasil? O banco está voltando a investir no país, após um período de afastamento e agora abre uma agência no Rio de Janeiro. A instituição tem a função de fazer uma ponte entre investidores brasileiros e portugueses?

ISABEL ABOIM – O Banco Caixa Geral-Brasil é uma instituição subsidiária do Caixa Geral de Depósitos. Ele já teve uma presença local bastante antiga e retornou em 2009. A partir de então, o banco voltou com um foco grande em investimentos, embora te-

nhá uma carteira múltipla, com toda a gama de produtos que um banco pode ter no país. O CGB tem foco, principalmente, em grandes projetos, aproveitando a *expertise* que o banco já tinha em Portugal em operações estruturadas. Naturalmente, o CGB tem, também, bastante interesse em apoiar toda a comunidade portuguesa. Para nós, ela é prioritária.

Por que o Caixa Geral-Brasil decidiu investir nesta nova agência no Rio de Janeiro? É um polo propício para investimentos neste momento?

ISABEL ABOIM – Com certeza. O Rio de Janeiro tem, claramente, atraído uma gama enorme de investimentos importantes, não só para a Copa e as Olimpíadas, mas, principalmente, para investimentos que tem caráter permanente, como o setor de petróleo e gás. Isso atrai toda uma cadeia produtiva. Há, ainda, a questão (de modernização) dos portos, empresas com grandes projetos, o Porto Maravilha e uma série de outros projetos para o município e estado do Rio de Janeiro. Tudo isso mais do que justifica a instalação de uma unidade aqui na cidade.

Como a crise mundial, especialmente no bloco europeu, tem

afetado a relação do banco com seus clientes ou novos investidores?

ISABEL ABOIM – No caso de Portugal, especificamente, a crise não se originou nos bancos. A crise se originou na questão do Estado português que estava extremamente endividado, além de ser um país com baixas perspectivas de crescimento. Ao contrário dos Estados Unidos, o sistema financeiro português estava muito saudável. É claro que os bancos estão sendo afetados pela crise. Os custos de captação subiram, os *ratings* foram rebaixados juntos com o *rating* de Portugal. No caso do CGD, como é um banco 100% do governo, quando Portugal é rebaixado, o banco também tem seu *rating* limitado ao *country ceiling*, então, também é rebaixado. Isso eleva o custo de captação. Então, até como um banco público, ele procura elevar os custos dos seus financiamentos ao mínimo necessário para que essa operação não fique prejudicada. O banco Caixa Geral-Brasil, em si, está muito bem. Por exemplo: por ser reconhecidamente saudável e bastante profissionalizado em Portugal, o banco está recebendo um grande aumento de depósitos à vista. Isso demonstra a confiança para a instituição.

Qual é o grau de interesse do CGD no Brasil?

ISABEL AMORIM – O Brasil é uma prioridade para o banco Caixa Geral e as empresas portuguesas veem a importância do dinamismo do mercado brasileiro. O CGB teve um aumento de capital no ano

passado para potencializar o desenvolvimento das atividades brasileiras até 2012. Com a operação, o banco passou de um capital de R\$ 123 milhões para R\$ 400 milhões, e está retendo seus lucros. Então, o CGB está crescendo de uma forma bastante sustentada no Brasil.

O Caixa Geral tem expandido seus negócios para outros mercados, além do brasileiro?

ISABEL ABOIM – O banco tem uma rede internacional bastante interessante, que é composta por bancos na Espanha, no Brasil, em Moçambique, Angola e África do Sul.

Então, o Banco Caixa Geral também pode ter um papel importante, podendo passar a atuar como um triangulador dos investimentos entre Mercosul, através do Brasil, a Europa e o continente africano?

ISABEL ABOIM – Sim, uma das grandes vantagens do banco é, justamente, poder dar às empresas esse tipo de suporte. Essa triangulação é um serviço único que o banco pode prestar às empresas. Não conheço nenhum outro banco que tem este tipo de internacionalização e essa relação com estes dois continentes.

Qual é o retrospecto que a senhora faz sobre o evento 6º ENBP? A relação bilateral sai fortalecida daqui? Quais os ganhos obtidos neste fórum de discussão?

ISABEL ABOIM – Eu acho que o saldo é muito positivo e muito interessante. O que se observou foi que há um potencial de crescimento nas relações comerciais entre os dois países, mas que o grande foco mesmo são os in-



vestimentos das empresas portuguesas no Brasil e os investimentos latentes das empresas brasileiras em Portugal. É interessante notar a complementaridade, as sinergias que essas economias podem ter, não só pelas afinidades culturais. O mercado português está precisando do dinamismo do mercado brasileiro. O Brasil está se beneficiando do investimento de grandes empresas portuguesas aqui. São empresas, entre outras, de porte internacional. Algumas empresas brasileiras estão investindo em Portugal por conta da qualidade da mão de obra local. E finalmente, Portugal também tem um papel importante como uma plataforma para o Brasil se internacionalizar tanto para a Europa quanto para a África.

Quais são as perspectivas do Banco Caixa Geral para os próximos anos?

ISABEL ABOIM – Estamos todos atravessando um momento difícil. Portugal tem feito um grande esforço para superar este momento e olhando

“O Brasil é uma prioridade para o banco Caixa Geral e as empresas portuguesas veem a importância do dinamismo do mercado brasileiro”

MARIA ISABEL ABOIM
Superintendente do
Caixa Geral-Brasil

num prazo mais longo, naturalmente, vê-se que as oportunidades serão muitas. Portugal está aproveitando este momento de crise para efetuar várias reformas que devem render bons frutos no futuro, e a complementaridade dessas duas economias deve, certamente, aproximar ainda mais esses dois países. ■



EFICIÊNCIA PORTUÁRIA

6º ENBP discutiu parcerias entre portos brasileiros e portugueses

Com o tráfego de cargas entre os países de língua portuguesa na casa de dezena de milhões de toneladas/ano e a necessidade de aprimorar os contatos comerciais no mundo lusófono, foi constituída, em março de 2011, a Associação dos Portos de Língua Portuguesa (Aplop), reunindo as administrações portuárias dos países que compõem a Comunidade de Países de Língua Portuguesa. A iniciativa é bem avaliada pelo diretor-presidente da Companhia Docas do Rio de Janeiro (CDRJ), Jorge Mello. Atuante no processo de formação da Aplop, ele acredita que a associação irá promover grande sinergia e que trará benefícios aos portos no que diz respeito a troca de informações que podem ser valiosas para o aumento do comércio na comunidade lusófona. Mello, que participou do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal, concedeu entrevista exclusiva.

Como surgiu a ideia de se criar a Aplop?

MELLO – Essa parceria começou há seis anos, juntamente quando teve início o processo de modernização da administração portuária no Brasil, coincidindo, também, com o cenário vivido por vários países de língua portuguesa que passaram por um processo semelhante. Mas, esse assunto ficou parado e só foi

retomado em 2008, na sequência de um conjunto de encontros de responsáveis por administrações portuárias, iniciados em Leixões, Portugal. Foram reuniões muito bem sucedidas. O fruto desses encontros é que amadureceu a ideia de fazer a associação, que visa agregar todos os portos dos países que tenham a língua portuguesa como oficial. Atualmente, a Aplop está instalada na sede da APP (Associação dos Portos de Portugal). Já realizamos três encontros – Brasil, Cabo Verde e Moçambique e o próximo será em novembro deste ano, em Cabo Verde.

O que a Aplop conseguiu produzir até o momento?

MELLO – A Aplop é muito nova e ainda estamos levantando dados e estudos que serão usados em breve para que os trabalhos de aproximação entre os portos fiquem mais eficientes. Então, os estudos servirão como um instrumento de trabalho

valioso, já que mostrará a interação não só entre os países, mas, principalmente, aponta o potencial de importação e exportação de cada um deles. Isso fará com que os países amigos tenham maior conhecimento a respeito do comércio e passem a se servir de determinadas pautas.

Como estão os resultados da movimentação portuária nos portos administrados por Docas Rio?

MELLO – Nossa movimentação de cargas está em ascendência. O ano de 2010 foi muito importante, sobretudo para as exportações de commodities, já que a economia mundial esteve aquecida. Registramos crescimento de 10,3% em relação a 2009, com um volume total de movimentação de cargas da ordem de 63 milhões de toneladas nos portos do Rio, Itaguaí, Angra dos Reis e Niterói. O perfil das cargas movimentadas, a exemplo dos exercícios anteriores, apresentou o minério de ferro, a carga de contêineres, produtos siderúrgicos e o carvão como os mais movimentados. O principal item movimentado na CDRJ é o minério de ferro, respondendo este por 70% do total da pauta das exportações. Assim, recuperamos as perdas de 2009, um ano de crise.

Quais foram os avanços obtidos nos últimos anos?

MELLO – A infraestrutura portuária de Docas Rio tem melhorado bastante. Apesar das constantes reclamações referentes à falta de investimentos, é preciso ressaltar que o porto nunca foi gargalo para exportação. Na verdade, o porto sempre respondeu positivamente às demandas. Então, o que devemos fazer agora é superar as dificuldades existentes e aumentar a capacidade dos nossos portos. O Plano Nacional de Dragagem, desenvolvido pelo governo federal, alcançou 15 portos brasileiros e já finalizou a primeira fase. No Rio, em três anos, já foram feitos aumentos de calados em quase todos os portos e a prova de que estamos conseguindo melhorar a estrutura portuária é que estamos recebendo navios de última geração.

“O Porto do Rio, que completou 100 anos em 2010, passou por importantes transformações ao longo do tempo e hoje se prepara para o futuro”

JORGE MELLO
Diretor-presidente da CDRJ



Há também melhorias nas vias de acesso aos portos do Rio de Janeiro?

MELLO – Sim. Nós estamos desenvolvendo e modernizando os portos para as oportunidades de novos negócios, tendo como base o estabelecimento de instrumentos de comando e controle para fortalecer a relação Porto-Cidade. O Porto do Rio, que completou 100 anos em 2010, passou por importantes transformações ao longo do tempo e hoje se prepara para o futuro, com projetos de melhoria de sua infraestrutura e de expansão. O objetivo é atender a crescente demanda por maior capacidade de movimentação de mercadorias e de passageiros de cruzeiros marítimos. Para garantir o desenvolvimento portuário, além da conclusão de obras internas de infraestrutura nos portos, uma inédita parceria entre os governos federal, estadual e municipal está empenhada em melhorar as vias de acesso, tanto rodoviária como ferroviária e marítima.

Isso também se aplica para os preparativos para os grandes eventos esportivos que o Rio de Janeiro sediará?

MELLO – Com certeza. Até 2014, ano da realização da Copa do Mundo no Brasil, o Porto do Rio deverá receber investimentos de cerca de R\$ 1,6 bilhão. Conside-

rada uma obra estratégica, a dragagem aumentará a profundidade dos acessos marítimos e permitirá que navios de maiores calados e porte atraquem no Porto do Rio. O projeto de construção da nova área de atracação de navios de passageiros no Terminal da Gamboa prevê a construção de três píeres com 30 metros de largura, formando uma estrutura na forma de um “Y”, de modo a possibilitar a acostagem de seis navios simultaneamente. Os píeres estarão dispostos para possibilitar espaço de manobra para os rebocadores em atendimento a uma embarcação de cada lado.

Como o Sr. observou o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal?

MELLO – Ficamos satisfeitos com os trabalhos desenvolvidos no evento. Eu observei grande sinergia entre o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal e a Aplop. A tratativa dos agentes econômicos que, em última análise, move a nossa pauta de relação comercial, no mesmo sentido de que pode aumentar a interação entre os portos de língua portuguesa, vem somar os esforços já empreendidos. Então, nós, da Docas Rio, observamos com muito otimismo e vamos poder transmitir toda a experiência obtida nas conversações no âmbito da Aplop. ■

O lema é modernizar

Presidente da Infraero fala sobre o processo de concessão aeroportuária brasileira para a iniciativa privada

Com 38 anos de atuação, a Infraero vem ganhando destaque em função das expectativas referentes à administração aeroportuária para os grandes eventos que serão realizados no Brasil para os próximos anos. Presente em todos os Estados brasileiros, a empresa é responsável por 66 aeroportos, além de 34 terminais de carga, reunindo uma força de trabalho de aproximadamente 36.744 profissionais. O presidente da Infraero, Gustavo Valle, participou do 6º ENBP. Em entrevista concedida à Revista Missão Empresarial, ele falou sobre o processo de modernização dos aeroportos brasileiros para os próximos anos e das relações bilaterais de comércio e de investimentos entre Brasil e Portugal.



GUSTAVO VALLE ASSEGURA QUE OS AEROPORTOS SERÃO MAIS EFICIENTES NUM FUTURO PRÓXIMO

Como o senhor avalia as relações externas do Brasil e de Portugal? As diferenças são muito grandes?

VALLE – Eu não diria que houve diferenças no comércio exterior entre Brasil e Portugal. Efetivamente, o Brasil passou por um momento econômico ruim, complicado, nos últimos vinte anos, com desvalorização alta, e isso, sem dúvida, não dava aos investidores a segurança necessária para que ele investisse no país. O Brasil teve uma penosa lição de casa nos últimos 17 anos. E hoje, nós realmente estamos numa situação financeira macroeconômica muito estável, que dá ao país uma certa tranquilidade de fazer investimentos lá fora

e que também faz com que os investidores internacionais venham ao Brasil com mais certeza, segurança. Porque não existe investimento de longo prazo num país com inflação alta. Por outro lado, Portugal vem passando por uma crise de dívida externa, coisa que nós conhecemos muito bem. O país vai passar por um momento difícil, de aperto monetário e de conservadorismo macroeconômico forte. Não é uma questão fácil, acho que como Portugal nos ajudou no passado, nós temos todas as condições de ajudar Portugal no presente.

O 6º ENBP pode ajudar de alguma forma?

VALLE – Ajuda sim, e é de fundamental importância. É um foro onde as pessoas podem se conhecer e saber da realidade de cada país. Eu tenho certeza de que pessoas que não conheciam determinadas peculiaridades, estão conhecendo aqui. Tudo se começa através do conhecimento e não é a toa que o encontro chegou à sua sexta edição. Provavelmente, os outros cinco devem ter tido muito sucesso. Então, é um momento extremamente importante nas relações entre Brasil e Portugal, na medida em que Portugal estava muito bem num período em que nós não estávamos tão bem, e, agora, isso se inverteu. Mas, tenho certeza, que

o equilíbrio das economias virá em breve.

O Brasil tem um movimento turístico cada vez maior. Os aeroportos recebem um afluxo gigantesco. Como está o processo de privatização dos aeroportos? Podemos esperar que eles estejam preparados para receber grande movimento de passageiros que ocorrerá na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos?

VALLE – Primeiramente, não estamos privatizando os aeroportos. Estamos concedendo três grandes aeroportos à iniciativa privada. Isso é uma questão meramente econômica. Até hoje, o setor público sempre foi o grande investidor dos nossos aeroportos. A Infraero é uma empresa pú-

blica e, como tal, só ela tem investido nos nossos aeroportos. A decisão do governo é muito simples. O nível de investimento que terá que ser feito daqui para a frente, torna impossível que o ente público faça esses investimentos sozinho. Então, a opção do governo foi fazer com que os aeroportos de Guarulhos, Campinas e Brasília fossem destinados à iniciativa privada, por meio de concessão. E dentro desse processo, as empresas terão obrigatoriedade de fazer investimentos necessários durante o período de concessão, que não está definido, mas deve ser em torno de 25 a 30 anos.

A partir daí, a Infraero, como estatal, poderá reservar esses recursos para investir nos aeroportos menores, nos aeroportos regionais, que também são tão importantes quanto os grandes. Então, foi uma decisão eminentemente econômica mesmo, ao contrário da Espanha, por exemplo, que decidiu vender mesmo os dois maiores aeroportos. Nós estamos só concedendo. Ao final do período, eles voltam para a iniciativa pública ou renova-se a concessão.

Então, é um investimento que tem como meta melhorar, de forma geral, as qualidades dos serviços aeroviários brasileiros?

VALLE – Esperamos que sim. Pois, sabemos que no Brasil existem todas as questões legais inerentes ao órgão público, que as obrigam a seguir determinados passos para realizar qualquer coisa. Dessa forma, além da iniciativa privada fazer os inves-

timentos, ela também tem tudo para ser mais ágil, mais efetiva e talvez, eu reconheço, mais competente do que nós. Além disso, o ente privado vai fazer uma coisa ainda mais importante para a própria Infraero, que é a possibilidade de concorrer no mercado, já que hoje ela tem o monopólio. Como é sabido, todo o sistema monopolista tende a cair um pouco a qualidade do serviço prestado ao cliente. Então, nós da Infraero vamos ter que acordar, porque tem um concorrente na porta.

Estamos bem próximos da Copa do Mundo e o Rio de Janeiro será a grande vitrine deste evento esportivo. Em relação ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, que melhorias estão sendo feitas para receber turistas de várias partes do mundo?

VALLE – As reformas do Aeroporto Internacional Tom Jobim vão ficar prontas antes do previsto. O que as pessoas ainda não se alertaram é que nós vamos ter um evento, no Rio de Janeiro, um ano antes da Copa do Mundo, que é o encontro da Juventude Católica, que o Papa Bento XVI anunciou que vai ser no Brasil. Nós vamos terminar as obras no Terminal 2 que, atualmente, só funciona pela metade. A outra metade está em obras e deve ficar pronta até o final de 2012. E toda a readequação do Terminal 1, que já começou, nós devemos terminar também ao final de 2012. De modo que, no início 2013, o Galeão estará pronto. Realmente, durante esse período, teremos que aumentar, substancialmente, o pátio de aeronaves e tere-



TERMINAL DE CARGA DO AEROPORTO DE MANAUS

“A opção do governo foi fazer com que os aeroportos de Guarulhos, Campinas e Brasília fossem destinados à iniciativa privada, por meio de concessão”

GUSTAVO VALLE
Presidente da Infraero

mos que aumentar o estacionamento, que no Tom Jobim deixa a desejar.

Há outras preocupações além dessas citadas?

VALLE – Sim. O nosso grande problema na Copa do Mundo será o pátio de aeronaves, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, cidades que receberão os jogos da final e semifinal. O número de aviões executivos que chegarão para a Copa do Mundo é muito grande. Para se ter uma ideia, na semifinal da Alemanha tinham mil aeronaves no pátio. Nós não temos pátio para mil aviões. Então, nós vamos utilizar pátios dos pequenos aeroportos. Isso porque não compensa construir pátios para um evento, para depois eles ficarem jogados às traças. Além disso, deve-



LEITORES DE PASSAPORTE - BRASÍLIA



SAGUÃO DO AEROPORTO DE BRASÍLIA

mos terminar as obras do aeroporto Santos Dumont, que já teve a área de embarque remodelada. Infelizmente, a área de desembarque ainda está pendente, com questões na Justiça. Então, faz parte das nossas metas terminar o Santos Dumont. Eu espero que a partir de 2013 a gente deixe de se preocupar com os aeroportos. ■

REPERCUSSÃO NA MÍDIA

O 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal esteve, também, presente na mídia. Os principais veículos de comunicação dos dois países realizaram ampla cobertura jornalística, abordan-

do os vários temas apresentados durante o evento. Dessa forma, o encontro conseguiu ter grande repercussão nacional e internacional, como indicam as imagens abaixo.

Veículos de comunicação presentes no 6º ENBP

Redes de televisão
TV RECORD
RTP

Jornais e agência de notícias:

JORNAL O GLOBO
JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO
JORNAL O DIA
JORNAL BRASIL ECONÔMICO
JORNAL VALOR ECONÔMICO
JORNAL DO COMÉRCIO
JORNAL O FLUMINENSE
CANAL ENERGIA
AGÊNCIA LUSA

Emissoras de rádio

RÁDIO BAND NEWS
RÁDIO TUPI FM
RÁDIO GUAIBA

O DIA | SÁBADO, 17-9-2011

ECONOMIA > 23

Pacote deixará Portugal 'atraente' aos brasileiros

Ministro português diz no Rio que quer repetir a 'reinvenção' provocada pelo Plano Real

RICARDO REGO MONTEIRO
rmonteiro@brasil.economia.com.br

O programa que o governo português pretende divulgar na próxima semana quer "reinventar" a economia do país europeu de forma tão profunda quanto o Plano Real, na década de 90, no Brasil, revelou ontem, no Rio, o ministro da Economia e Emprego de Portugal, Álvaro dos Santos Pereira. Segundo ele, o programa de desregulamentação e abertura representa motivo adicional para empresas brasileiras investirem em Portugal. Com maior atratividade aos novos investimentos, o país ibérico almeja voltar a crescer. O ministro, que participou no Rio do 6º Encontro Brasil-Portugal, se negou a comentar a possível ajuda negociada pelos países do Brics (Brasil, Rússia, Índia e China) às nações europeias em crise. O socorro, que se daria por meio da compra de bônus



Cooperação: Eduardo Paes, Rômulo Soares da Câmara Portuguesa de Com. e Indústria do Rio, Sérgio Cabral e o ministro Álvaro dos Santos Pereira

FERNANDO SOUZA

Valor

Portugal apresentará conjunto de reformas contra a crise, diz ministro

Por Marta Nogueira

RIO - O ministro da Economia e do Emprego de Portugal, Álvaro dos Santos Pereira, afirmou que vai apresentar nas próximas semanas, um conjunto de reformas que serão implementadas rapidamente para aumentar a credibilidade externa e "permitir que o crescimento seja cada vez mais uma realidade".

De acordo com Pereira, o crescimento das relações comerciais com o Brasil e outros países emergentes é importante, mas se descarta que a ajuda desses países seja essencial para a recuperação da Europa.

"Acho que não temos que olhar as relações bilaterais e comerciais. Não é uma questão de ajuda. Temos que olhar para uma sinergia", ressaltou Pereira, durante o 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal, no Rio de Janeiro.

Resaltando as ligações culturais e históricas entre os dois países, Pereira destacou que se deve reforçar as parcerias econômicas entre os Brasil e Portugal.

Para o ministro, é muito importante que

"Se as reformas que precisam ser feitas forem competitivas, é disso que vamos fazer",

Dentre as medidas, estão previstas privadas para o próximo ano, TAP e Águas de Portugal nos próximos dias.

(Marta Nogueira | Valor)

Portugal: rombo de € 1,1 bi na Madeira

Ilha não reportou dívidas de 2008 a 2010. Déficit orçamentário será revisto

• LISBOA e RIO. O banco central português anunciou ontem que a ilha da Madeira não informou o total de sua dívida nos últimos anos, aumentando a pressão sobre as contas do país, que se esforça para atingir as metas de déficit orçamentário previstas no acordo de ajuda de € 78 bilhões, firmado com Fundo Monetário Internacional (FMI) e União Europeia (UE). Segundo o Banco de Portugal, a ilha deixou de reportar, de 2008 a 2010, € 1,1 bilhão em dívidas ligadas a acordos entre o governo da região autónoma e empreiteiras. A omissão foi qualificada pelo BC português de grave e sem precedentes. Segundo o BC, será preciso

ajustar — para cima — o déficit orçamentário do país de 2008 a 2010, com um impacto correspondente a 0,3% do PIB. Para receber toda a ajuda da UE e do FMI, Portugal precisa reduzir o déficit para 5,9% do PIB este ano. Em 2010, foi de 9,1%. O Ministério de Finanças informou em comunicado que está avaliando as contas da Madeira e que traçará um plano de austeridade para a região autónoma. "O agravamento da situação da dívida vai exigir um esforço adicional da ilha da Madeira para garantir a sustentabilidade da sua situação financeira".

A notícia é um golpe para o premier Pedro Passos Coelho, que prometeu controlar as con-

tas e implementar estritamente o pacto de austeridade firmado pelo país com a UE e FMI para receber o socorro financeiro.

O governo de Portugal vai anunciar na próxima semana um programa de reformas econômicas para recuperar as finanças do país, disse ontem no Rio o ministro de Finanças, Álvaro dos Santos Pereira, que participou do 6º Encontro Nacional Brasil-Portugal. Ele destacou que, entre as medidas, está um programa de privatização de diversas empresas. Este ano serão privatizadas ELP (energia), REN (transporte de gás natural) e Galp (petróleo). Em 2012, será a vez da aérea TAP e da Águas de Portugal.

Em Lisboa, afirmando não se-

rem descartáveis, professores da rede pública protestaram contra cortes de emprego e no Orçamento que afetaria a educação.

Já o ministro disse que a crise financeira é uma oportunidade para o país se reformar, ficando mais forte e saudável. O programa de reformas prevê mudanças na área trabalhista e na política de emprego, na atração e agilização de investimentos.

Segundo Pereira, a cooperação dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) com a Europa não deve ser vista como uma ajuda, mas como relações bilaterais, como uma sinergia e uma cooperação estratégica. (Ramona Ordoñez, com agências internacionais)

Petrobrás estuda deixar blocos do Golfo do México

Glauber Gonçalves | 22

A Petrobrás estuda vender participações minoritárias em blocos do Golfo do México para cumprir a meta de desinvestimento de US\$ 13,6 bilhões anunciada em julho, no plano de negócios da empresa para o período 2011-2015. Segundo o gerente executivo da companhia para Estados Unidos, África, Europa e Ásia, Fernando José Cunha, a em-

presa não tem uma lista dos ativos que devem ser colocados à venda. Uma definição deve sair no "curto prazo", disse.

Ele ressaltou, no entanto, que estão fora desse grupo os campos de Cascade e Chinook, que a Petrobrás opera na região. "Não temos uma lista para vender. Estamos olhando todos os ativos", disse, após participar do 6º encontro de negócios Brasil Portugal, no Rio.

A Petrobrás tem 187 blocos na costa norte-americana do Golfo do México e atua como operadora em 125 deles. A maioria está em fase exploratória. As maiores promessas são os campos de Cascade e Chinook (operação própria) e de Saint Malo e de Stones, operados por parceiros, todos situados a uma profundidade de 2,500 metros. A estatal ainda é parceira no campo de Tiber, segunda maior descoberta da histó-

ria do Golfo do México. De acordo com Cunha, as informações sobre ativos no exterior têm sido repassadas à gerência de novos negócios da presidência da Petrobrás, que está tocando o plano de desinvestimento. Entre as operações no exterior das quais a companhia não pretende se desfazer, estão as de Angola, Nigéria e Portugal. A Petrobrás está otimista com as operações no país africano de língua

portuguesa, onde pretende perfurar um poço no pré-sal (bloco 26) em 2012.

Na Nigéria, a empresa trabalha com a Chevron e a Total, que são as operadoras. Segundo Cunha, o óleo produzido lá é de "excelente qualidade". A empresa está preocupada, porém, com as mudanças que o país pretende implementar no marco regulatório. Um dos pontos sensíveis se refere a um possível aumento na



GOVERNADOR SÉRGIO CABRAL E O SECRETÁRIO DA CASA CIVIL, REGIS FICHTNER, NO ENCONTRO COM O PRESIDENTE DA COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA, JOSÉ MANUEL SILVA RODRIGUES

Uma parceria de R\$ 40 milhões

Governos do Rio de Janeiro e de Portugal assinam acordo sobre projeto de modernização do sistema de bondes de Santa Teresa

Um mês e meio depois das primeiras negociações sobre a parceria entre os governos do estado do Rio de Janeiro e de Portugal para a administração do sistema de bondes do bairro de Santa Teresa, iniciadas durante a realização do 6º Encontro de Negócios Brasil-Portugal, o acordo foi concretizado. Em visita a Lisboa, capital do país europeu, o governador do Rio, Sérgio Cabral, assinou com o presidente da Carris, José Manuel Silva Rodrigues, o termo de cooperação técnica para a recuperação do famoso 'bondinho'.

Ao todo, serão investidos R\$ 40 milhões para o projeto de modernização dos bondes. O termo foi assinado duas semanas depois de técnicos dos segmentos de rede aérea, bondes e via terrestre

(trilhos) da Carris virem ao Rio de Janeiro para analisar o sistema de bondes. A contratação da Carris representa o seu retorno ao sistema de bondes carioca, já que a empresa portuguesa atuava neste setor na década de 1940. "Oficializamos esta parceria. Os bondes de Santa Teresa são um patrimônio do Rio e voltarão a funcionar modernizados, com a tecnologia dos elétricos de Lisboa, dando à nossa população e também aos milhões de turistas que nos visitam todos os anos a dignidade e o conforto que eles merecem. Em 2013, com certeza, entregaremos esse presente à cidade do Rio de Janeiro", disse Cabral, durante o ato de assinatura do termo. Participaram da reunião o presidente da Companhia Estadual de Engenharia de Transportes e

Logística (Central), responsável pela administração dos bondes de Santa Teresa, Eduardo Macedo, a diretora de Planejamento da Central, Ana Carolina Vasconcelos, e o secretário da Casa Civil do Rio, Regis Fichtner.

Criado em 1896 pela Companhia Ferro-Carril Carioca, o bonde elétrico de Santa Teresa é o principal meio de transporte público de um dos bairros mais tradicionais do Rio de Janeiro. Importante cartão postal da cidade, o bonde é, atualmente, administrado pelo Central, órgão estadual ligado à Secretaria de Transportes do Estado do Rio de Janeiro desde a extinção da CTC em 1996. No dia 27 de agosto, um grave acidente ocorreu com um dos bondes e que resultou na morte de seis pessoas e deixou 57 feridos.

Descontração e bons negócios no 6º ENBP

Entre uma sessão e outra, os participantes aproveitaram os intervalos para ampliar sua rede de relacionamentos. O clima de cordialidade deu o tom do evento. Durante o almoço muitos puderam trocar experiências, falar de ne-

gócios e amenidades. A hospitalidade carioca aliada à infraestrutura do local refletiram o ótimo relacionamento entre brasileiros e portugueses, parceiros históricos e que vislumbram maior aproximação no presente e no futuro.



GOVERNADOR DO RJ, SÉRGIO CABRAL, E O SEU VICE, LUIZ FERNANDO PEZÃO, NOS CORREDORES DO J.W.MARRIOTT



ARLINDO VARELA E NEUSA LEÃO, DO PROJECTO DETALHE



DURANTE O ALMOÇO, OS PARTICIPANTES TROCARAM INFORMAÇÕES



PREFEITO EDUARDO PAES E O MINISTRO-ADJUNTO E DOS ASSUNTOS PARLAMENTARES DE PORTUGAL, MIGUEL RELVAS



O ATOR PORTUGUÊS RICARDO PEREIRA E O CÔNSUL ANTONIO DE ALMEIDA LIMA



FRANCISCO MANTERO E RÔMULO SOARES



MAURICIO DO VAL, E OS EMPRESÁRIOS ARTHUR PIMENTEL E GLORISABEL THOMPSON-FLORES



ARLINDO VARELA, SUZANA MALTA, RÔMULO SOARES E ANTÔNIO CARRELHAS, LOGO APÓS A SOLENIDADE DE ABERTURA DO 6º ENBP



OS EXECUTIVOS FERNANDO CUNHA, JOÃO TRANSMONTANO E RICARDO CASTANHEIRA TROCAM IMPRESSÕES SOBRE O EVENTO



O DIPLOMATA JOÃO TABAJARA DE OLIVEIRA JR.



2011 Ano da Holanda no Brasil

28 de novembro de 2011

Rio de Janeiro - Brasil

Hotel J.W.Marriott - Copacabana - Rio de Janeiro

MISSÃO EMPRESARIAL

EMPRESÁRIOS HOLANDESES ESTARÃO NO EVENTO EM BUSCA DE NEGÓCIOS

SUA EMPRESA FAZ PARTE?

DESEJA

Apresentar sua empresa, produtos e serviços;
Encontrar parceiros potenciais específicos;
Iniciar uma corrente de negócios;
Descobrir oportunidades ideais para sua empresa.



NOSSO OBJETIVO

Ajudar sua empresa a abordar o mercado europeu, através da Holanda.

Inscrições e programa de trabalho atualizado, no site:
www.seminarioholandabrasil2011.com

Realização



Reino dos Países Baixos



Produção e Organização



Apoio

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior



Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços





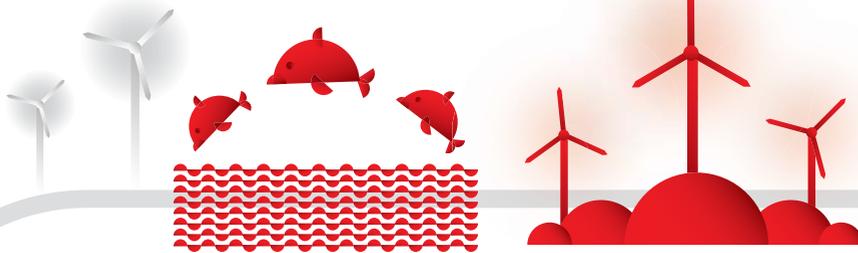
Olá! Somos a **edp**.



Estamos crescendo,
inovando, evoluindo,



porque sabemos que
tudo que fazemos
tem impacto.



Sabemos que só
a boa energia
nos trará boa energia.



É por isso que mais
de 60% da energia
que produzimos
no mundo é limpa.

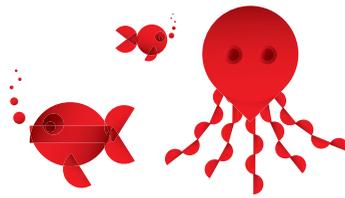


E, assim, conseguimos
pôr tudo para funcionar...

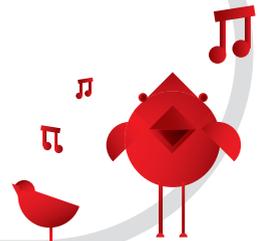
...sem prejudicá-lo...



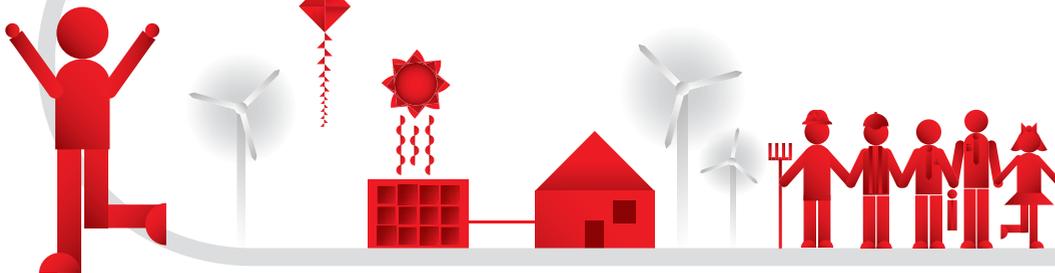
...e respirando.



...nadando...



para que eles
continuem cantando...



Podemos ver o futuro porque
estamos construindo-o.

Vamos construir juntos.



uma boa energia
www.edpbr.com.br